

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

BIANCA CONDE LEÃO

**TIPOLOGIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SCHÜTZ E A ÉTICA DA
ALTERIDADE:** a experiência urbana do jornal “A verdade rua e crua”

BELÉM – PARÁ
2020

BIANCA CONDE LEÃO

**TIPOLOGIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SCHÜTZ E A ÉTICA DA
ALTERIDADE: a experiência urbana do jornal “A verdade rua e crua”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de mestre em ciências da Comunicação.

Linha de pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Prado Reis dos Santos.

BELÉM-PA
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

L433 Leão, Bianca Conde.
TIPOLOGIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SCHÜTZ E
A ÉTICA DA ALTERIDADE : a experiência urbana do jornal
"A verdade rua e crua" / Bianca Conde Leão. — 2020.
125 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro
Coorientação: Prof^a. Dra. Ana Lúcia Prado Reis dos
Santos

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Belém, 2020.

1. jornal "A verdade rua e crua". 2. socialidade. 3.
ética da alteridade. 4. tipificação. 5. situação de rua. I.
Título.

CDD 301.14

BIANCA CONDE LEÃO

**TIPOLOGIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SCHÜTZ E A ÉTICA DA
ALTERIDADE: a experiência urbana do jornal “A verdade rua e crua”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de mestre em ciências da Comunicação.

Linha de pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Prado Reis dos Santos.

Data da avaliação:

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro
(PPGCOM/UFPA – Orientador)

Prof.^a. Dr.^a Ana Lúcia Prado Reis do Santos
(FACOM/UFPA – Coorientadora)

Prof.^a. Dr.^a Célia Regina Trindade Chagas Amorim
(PPGCOM/UFPA – Membro)

Prof.^a. Dr.^a Marina Ramos Neves de Castro
(PPGCOM/UFPA – Membro)

Prof. Dr. Maurício Rodrigues de Souza
(PPGP/UFPA – Membro)

Dedico este trabalho à dança furiosa
do povo de rua.

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas a quem eu gostaria de agradecer que tenho medo de ser injusta, mas vamos tentar.

À minha ancestralidade, nos nomes de Berila Marques e Débora Conde. Não consigo nem imaginar tudo o que passaram todos os que vieram antes de mim.

Aos meus pais, Vânia e Edward, pelo amor, dedicação e por me darem sempre o melhor de vocês.

Ao meu companheiro, Igor, por me dizer e acreditar: “você sempre consegue”. Isso é tão bonito! E por todos os seus familiares que agora são meus também.

A todos os meus familiares pela torcida e incentivos. Às tias que financiaram meus estudos em alguns momentos, às que me davam livros, aos tios que vez ou outra me buscavam na escola... Todos vocês também me trouxeram até aqui.

Aos companheiros de “rua e crua”, com quem compartilho sonhos e realidades, especialmente Daiane, Carol, Nina, Paulo Henrique e à memória de Luciano e Carlos Henrique.

Aos meus orientadores: Fábio e Ana. Gratidão por terem sido tão presentes e amigos. Relendo o trabalho, percebo quantos dos meus insights vieram das orientações e fico profundamente grata por toda a inspiração que recebi e pela nova compreensão do mundo que a feitura desta dissertação me permitiu ter. Estendo meus agradecimentos à Marina, à Célia e ao Maurício, por terem sido tão generosos nas leituras e contribuições. Aos professores que enriqueceram o meu mestrado com aulas e palestras maravilhosas: Danila, Rosaly, Rosane, Alda, Vânia, Elaide, Dutra, José Luís, Carmen, Willi, Norval, Mirleide e Saint-Clair. Às professoras-amigas: Regina Alves, Regina Lima e Kalyinka que me ajudaram nos bastidores desta jornada de mestrado. Vocês não se limitam a me ensinar coisas, vocês me recebem em casa, oferecem café e partilham comigo pedacinhos de suas vidas. Como eu me sinto privilegiada por isso.

Aos amigos, os de longas datas e aos mais recentes: Ananda, Frozinha, Hellen, Phillippe, Victor, Katherine, Dilermando, Mel, Mayara, Uriel, Andreza, Alana, Yan, Lucas, Victória, João, Renato, Ernesto, Moisés, David, Felipe, Elyne, Marília, Ana Carla, Adriana, Ellen, Regina, Hugo, Bruno, Débora, Dilson, Evandro, Thiago, Erik, Rodrigo, Tainá, Fernanda, Irna, Loren, Mari, Mônica, Tarcila, Karla, Adriane, Priscila, Samantha, Jade, Brunella, Camila, Elson, Gersika, Laís, Vanessa, Lázaro, Mayra,

Suzana, Karol e Lídia, por todo o apoio e cafezinhos.

À Sandrinha, que me ajuda a organizar a casa com tanta proatividade que posso trabalhar tranquila porque sei que às quartas-feiras ela vem dar seu toque de fada.

Às psicólogas Márcia, Rosa, Luciana, Ana Paula, que têm me ajudado há anos a organizar as ideias. Não sei como teria sido sem vocês.

À Capes pela bolsa de estudos e a todos os autores que inspiraram a pesquisa. A mim mesma por não ter desistido e ter me esforçado.

Ao Universo, pela existência. (A que será que se destina?). Apenas agradeço.

“Though we have encountered our share of grief and troubles on this earth, we can still hold the line of beauty, form, and beat. No small accomplishment in a world as challenging as this one. Hard times require furious dancing”¹¹. (WALKER, 2010, XVI).

¹ Tradução da autora: Embora tenhamos encontrado nossa parcela de tristezas e problemas nesta terra, ainda podemos manter a linha da beleza, forma e ritmo. Não é uma pequena conquista em um mundo tão desafiador quanto este. Tempos difíceis requerem danças furiosas

RESUMO

Desde novembro de 2015, a Região Metropolitana de Belém conta com um jornal cujo conteúdo é elaborado exclusivamente por pessoas que vivem ou vivenciaram a situação de rua: o jornal “A verdade rua e crua”. Mas quais as potências das “narrativas errantes” (JACQUES, 2012) expressas nestas páginas? Esta inquietação, ou questão-problema, motivou a proposta desta dissertação de mestrado. Nos inclinamos a observar as práticas sociais intersubjetivas destes jornalistas de rua e apreender seus relatos a fim de perceber as produções de sentido que se revelam por meio desta experiência. Para isso, recorreremos à tipologia das relações sociais de Schütz (1979; 2012) a fim de sistematizar os relatos de experiências obtidos por meio dos impressos e de entrevistas semiestruturadas com alguns dos integrantes do projeto. Tomamos como base transversal a ética da alteridade de Lévinas (1980) para levantar a hipótese de que o jornal funciona como um espelho que pode revelar o Rosto do Outro, Rosto este entendido como o um caminho para o exercício da ética da alteridade. Como procedimento metodológico, além das entrevistas semiestruturadas em profundidade, usamos a observação participante, uma vez que a autora é voluntária do projeto, bem como a análise de conteúdo dos textos dos exemplares do jornal, na expectativa de fazer uma interpretação crítica sobre essa iniciativa da população de rua da Grande Belém. A partir do surgimento desse Rosto, vem à tona o paradoxo da proximidade e da distância do Mesmo para com o Outro, no qual é criada uma aparente contradição entre a intersubjetividade schutziana e a ideia da distância infinita levinasiana seguindo a qual a redução à igualdade se torna impossível. Todavia, é por meio do atravessamento deste Outro que é, ao mesmo tempo, diferente e semelhante ao Mesmo, que os lugares de cada um no mundo-da-vida são repensados. Diante desses jornais-espelhos, revela-se o exercício da ética da alteridade, pois o reconhecimento das diferenças do Outro não isenta o Mesmo de sua responsabilidade para com o ele, uma vez que o que há de humano comum a todos não se perde mesmo em situações de extrema vulnerabilidade.

Palavras-chave: jornal “A verdade rua e crua”; socialidade; ética da alteridade; tipificação; situação de rua.

ABSTRACT

First published in November 2015, *A Verdade Rua e Crua* or *The Naked Truth of Homelessness* is a newspaper exclusively written and produced by homeless individuals in the metropolitan region of Belém. The publication features articles inspired by life on the streets. What is the power of these wandering narratives (JACQUES, 2012)? This question inspired this master's thesis. We propose to observe the intersubjective social practices of these homeless journalists and compare our reports to the productions of meaning that are revealed through this experience. To accomplish this, we used the typology of social relations by Schütz (1979; 2012) in order to systematize the reports of experiences obtained through printed materials and semi-structured interviews by some of the project's members. We also propose a dialogue with Lévinas' (1980) ethics of otherness as a cross-sectional basis to raise the hypothesis that the newspaper works as a mirror that can reveal the Face of the Other, a Face that is understood as a path to the exercise of the ethics of otherness. As a methodological procedure, in addition to in-depth semi-structured interviews, we use participant observation, since the author is a volunteer for the project, and content analysis of the texts of the newspaper's copies, in the hope of making a critical interpretation of this homeless initiative in the city. From the appearance of this Face, the paradox of proximity and distance between Same and Other emerges, in which an apparent contradiction is created between Shütz's intersubjectivity and Levinas' idea of infinite distance which forbids a reduction to sameness. However, it is through the crossing of this Other that is, at the same time, different and similar to the Same, that the places of each one in everyday life are rethought. In the face of these mirror newspapers, the exercise of the ethics of otherness is revealed, since the recognition of the Other's differences does not exempt the Same from its responsibility towards him, because what is common to all human beings is not lost even in situations of extreme vulnerability.

Keywords: newspaper “A verdade rua e crua”; sociality; otherness ethics; typification; street situation

RÉSUMÉ

Depuis novembre 2015, la Région Métropolitaine de Belém dispose d'un journal, *La vérité nue des rues* (traduction de <<A verdade rua e crua>>, expression qui donne un jeu de mots chez la langue portugaise, où <<verdade nua e crua>> est un tour de phrase assez courant), dont le contenu est élaboré exclusivement par des sans domicile fixe. La problématique qui a motivé l'écriture de ce mémoire de Master est la suivante: quels sont les pouvoirs des «récits errants» (JACQUES, 2012) exprimés dans ces pages? Nous nous sommes proposé d'observer les pratiques sociales intersubjectives de ces «journalistes sans domicile» et de recueillir leurs rapports afin de saisir les productions de sens qui se révèlent à travers cette expérience. Pour cela, nous avons utilisé la typologie des relations sociales de Schütz (1979; 2012), visant systématiser les rapports d'expériences obtenus à travers les documents imprimés et les entretiens semi-structurés réalisés avec quelques membres du projet. Nous prenons l'éthique de l'altérité de Lévinas (1980) comme base transversale pour émettre l'hypothèse selon laquelle le journal fonctionnerait comme un miroir qui peut révéler la Face de l'Autre, une Face qui est comprise comme le chemin vers l'exercice de l'éthique de l'altérité. En tant que procédure méthodologique, en plus des entretiens semi-structurés approfondis, puisque l'auteur travaille comme bénévole pour le projet, nous avons eu recours à l'observation de terrain des participants et à l'analyse du contenu des textes des numéros du journal, dans l'espoir de faire une interprétation critique de cette initiative des sans domicile fixe du Grand Belém. De l'émergence de cette Face, le paradoxe de la proximité et de la distance du Même à l'Autre fait surface, dans lequel une contradiction apparente se crée entre l'intersubjectivité schützienne et l'idée de distance infinie de Lévinas, ce qui empêche une réduction à l'égalité. Cependant, c'est à travers le croisement de cet Autre qui est, à la fois différent et semblable au Même, que les places de chaque personne dans le monde quotidien sont repensées. Face à ces journaux miroirs, l'exercice de l'éthique de l'altérité se révèle, puisque la reconnaissance des différences de l'Autre ne dispense pas le Même de sa responsabilité à son égard, car ce qui est commun à tous ne se perd pas même dans les situations d'une extrême vulnérabilité.

Mots-clés: journal «A verdade rua e crua»; socialité; éthique de l'altérité; typification; des sans domicile fixe.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Mapa de Belém identificando a concentração de pessoas em situação de rua	18
Figura 2 - Fotografia da autora na infância com bonecas organizadas para doação	21
Figura 3 - Imagem da arte de divulgação do lançamento do jornal “A verdade rua e crua”	27
Figura 4 - Imagem da capa da primeira edição do jornal “A verdade rua e crua”	31
Figura 5 - Imagem da capa da segunda edição do jornal “A verdade rua e crua”	32
Figura 6 - Imagem da capa da terceira edição do jornal “A verdade rua e crua”	34
Figura 7 - Imagem da capa da quarta edição do jornal “A verdade rua e crua”	35
Figura 8 - Imagem da capa da quinta edição do jornal “A verdade rua e crua”	36
Figura 9 - Imagem do médico Vitor Nina em um protesto no aniversário da cidade de Belém de 2018	37
Figura 10 - Imagem da capa da cartilha “Formando um jornalista de rua”	38
Figura 11 - Imagem do panfleto “Dia de Luta” distribuído na manifestação do Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua de 2019.....	39
Figura 12 - Fotografia de Carlos Henrique Barbosa vendendo exemplares do jornal.....	47
Figura 13 - Imagem retirada do jornal “A verdade rua e crua” com a letra cifrada da música homônima, além da foto de Carlos A. S. Lima, Luciano Costa, Carlos Henrique e Célio Cardoso	86
Figura 14 - Charge na qual uma mulher ajuda um homem, ambos negros e vestidos de branco, a sair de um carro com marcas de bala.....	101
Figura 15 - Charge em que estão ilustrados dois homens em uma cruz. Um deles diz: “Se tá na cruz é porque mereceu! Se não quer ir pra cruz é só não roubar!”	102
Figura 16 - Charge em que criança pede dinheiro diante de um livro em que projetos sociais contra a subnutrição de 2009 contrastam com 5,2 milhões de brasileiros que voltaram a passar fome em 2019	103
Figura 17 - Charge em que muitas pessoas negras chegam aos céus e Deus alega que elas vieram da intervenção militar.....	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O RUA E A NECRÓPOLE DA AMAZÔNIA	16
1.1 Eu e o Rua	19
1.2 O Rua impresso	29
1.3 Estratégias metodológicas	40
2 O OUTRO: COMO SE APRESENTA?	47
2.1 Relatos de vida	49
2.1.1 O medo	57
2.1.2 As drogas.....	62
2.1.3 A violência.....	63
2.2 Encantamentos	64
2.2.1 A religiosidade	71
2.2.2 Os exemplos de superação	75
2.2.3 Os “desengajamentos engajados”	76
2.3 Engajamentos	79
2.3.1 O jornalismo comunitário	84
2.3.2 As denúncias e propostas.....	86
3 O JORNAL A VERDADE RUA E CRUA COMO ESPELHO: O QUE NOS REVELA?	88
3.1 Um espelho de contrastes	89
3.2 O Outsider e sua identidade denegada	92
3.3 Espelho como imagem invertida de si mesmo.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
APÊNDICE	124

INTRODUÇÃO

A rua tem muitos rostos. Nesta pesquisa, assumimos o desafio de voltar nossos olhares para os Rostos² de pessoas com trajetória de rua. Este Outro que está, fisicamente, tão próximo de nós e, ao mesmo tempo, está tão distante do nosso acesso cotidiano à satisfação das necessidades básicas. Que Rostos são esses que se insinuam pelas brechas das cidades e que nos escancaram a face da desigualdade, do descaso social, da discriminação e da violência?

Motivados pelo interesse em conhecê-los, desenvolvemos esta dissertação de mestrado a partir de entrevistas semiestruturadas com cinco pessoas que estão ou estiveram em situação de rua e já contribuíram ou contribuem para o jornal “A verdade rua e crua”, o qual se propõe a: “alcançar aquelas pessoas que estão em total exclusão social” para mostrar a eles “que ainda há esperança, há vida, há amor” e “para que as outras pessoas da sociedade conheçam a verdade rua e crua” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p.1). Consideramos a pessoa em situação de rua como aquela que utiliza as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência conforme o Decreto nº 9.674/2019 (BRASIL, 2009, on-line). Também partimos da metodologia da observação participante, uma vez que eu sou voluntária do projeto “A verdade rua e crua” desde 2015. Por fim, além das entrevistas e do meu conhecimento empírico, recorreremos a interpretações das cinco edições já impressas do jornal para pensarmos as relações de intersubjetividade decorrentes de sua feitura, bem como para propor a hipótese do jornal “A verdade rua e crua” como um espelho que pode revelar o Rosto do Outro.

No primeiro capítulo, apontaremos estatísticas sobre a violência e sobre as pessoas em situação de rua na Região Metropolitana de Belém para apresentar o contexto em que o jornal está inserido. Falaremos sobre os caminhos que me levaram ao trabalho voluntário neste jornal, problematizando a ideia de caridade e enfatizando a relevância de um engajamento social contínuo, o qual atravessa a proposta desta pesquisa acadêmica e dialoga com o programa de pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia ao qual ela está submetida. Em seguida, contaremos a história do surgimento do jornal “A verdade rua e crua”, sua inspiração

² O Rosto, para o filósofo Lévinas, é a substituição do ser pelo Outro, sendo essa substituição o que possibilita a superação da totalidade e da distância infinita que separa um ser do Outro (LÉVINAS, 1980, p. 37).

no jornal gaúcho Boca de Rua, a adesão ao projeto por pessoas com trajetória de rua, a viabilização da impressão de seus primeiros exemplares, bem como a participação de integrantes do projeto em movimentos sociais da cidade, a exemplo da luta antimanicomial. Também neste capítulo esclareceremos como funcionam os encontros nos quais o conteúdo para a feitura dos impressos é recolhido, faremos a descrição da materialidade dos exemplares e fecharemos com a discussão de algumas escolhas metodológicas que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa.

No capítulo seguinte, recorreremos ao conceito de “narrativas errantes” de Jacques (2012) para introduzir os relatos que se mostram por meio das descrições das atividades do projeto, entrevistas semiestruturadas com jornalistas de rua e das interpretações dos textos das edições do jornal. Utilizaremos a tipologia das relações sociais de Schütz (1979; 2012) a fim de sistematizar estes conteúdos, bem como ao seu conceito de intersubjetividade para refletir sobre o fenômeno da feitura do jornal. Tomaremos como base transversal a filosofia da alteridade³ proposta por Lévinas (1980) para pensarmos sobre este Rosto que começa a se delinear. Estabeleceremos, nos subcapítulos 2.1 a 2.3, as categorias “relatos de vida”, “encantamentos” e “engajamentos”. Por meio dos relatos de vida dos entrevistados – que são costurados entre si em pontos nos quais as diferentes trajetórias dos jornalistas de rua se tangenciam – notou-se que algumas temáticas eram recorrentes em suas narrativas. Em função disso, criamos três subcategorias: o medo, que agrupa as diversas situações de violência enfrentadas nas ruas; os encantamentos, que se referem às buscas por prazer, liberdade e esperança; e os engajamentos, que reúnem os aspectos relativos à consciência política do povo de rua; esta categoria inclui um subtópico com a discussão do “A verdade rua e crua” como um jornal comunitário e outro que mostra denúncias e propostas feitas pela população em situação de rua.

O terceiro e último capítulo desta dissertação traz o desfecho sobre o objetivo deste trabalho, que é levantar uma reflexão sobre as pessoas que sobrevivem na rua, mais especificamente sobre aquelas que se dedicaram a fazer o jornal “A verdade rua e crua”, e seus processos intersubjetivos, bem como sobre a nossa responsabilidade ética diante da situação de extrema vulnerabilidade na qual elas estão inseridas. O que seus Rostos nos revelam?

Partimos da metáfora de Lacan (1966; 1998) sobre o espelho para pensarmos

³ Entendemos por alteridade o “caráter do que é outro e se opõe ao mesmo” (JUPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 7).

sobre a importância do Outro. Diante de Seus contrastes, evidenciam-se as lutas do povo de rua para a redução das desigualdades. Conceitos como o de Caboclo (CASTRO, 2013) e Outsider (BECKER, 2008) nos ajudam na interpretação desse Rosto que, em um primeiro momento, parece totalmente diferente do Mesmo, contudo, a partir de um olhar mais atento, pode revelar-se como uma in-versão. Ainda neste capítulo, há a descrição de um dos encontros para coleta de material para a confecção de uma das edições do jornal. A partir dele, discutimos o ser afetado pelo meio, ancorado no pensamento de Favret-Saasa (2009). No caso em questão, distancias socioeconômicas trouxeram dificuldades mútuas de compreensão e, ao mesmo tempo, uma mudança de perspectiva neste ser afetado pelo campo que revela que os medos, encatamentos e engajamentos que constituem o Outro também constituem o Mesmo, ainda que de maneiras diferentes.

Dessa forma, nas considerações finais, pensamos que este paradoxo entre proximidade e distância pode ser visto como um convite ao exercício de uma ética da alteridade que se proponha a reconhecer o Outro como simultaneamente diferente e semelhante ao Mesmo. Diante das narrativas errantes da população de rua da Região Metropolitana de Belém – por meio das entrevistas, dos jornais e do engajamento nas pautas sociais da cidade – evidenciou-se a urgência de uma atitude ética voltada para a ação a fim de atender à demanda da população em situação de rua por algo que vai além da caridade, e passa tanto por pactos sociais com a sociedade civil como por reivindicações de atuações mais efetivas por parte dos governos.

1 O RUA E A NECRÓPOLE DA AMAZÔNIA

Imagine ter que dormir ao relento nas ruas na 12ª cidade mais violenta do mundo, Belém do Pará. Segundo a organização social mexicana “Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal A.C. (2019, on-line), a capital paraense está entre as 50 cidades mais violentas do mundo, com uma taxa de 71,38 homicídios a cada 100 mil habitantes. A pesquisa, divulgada em março de 2019, levou em consideração meios urbanos com mais de 300 mil habitantes. Números semelhantes foram apontados pelo o Atlas da Violência 2019 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgado em 2019 em referência ao ano de 2017. Belém foi o 21º município brasileiro com mais de 100 mil habitantes a registrar os maiores índices do ranking, com taxa de 74,3 homicídios a cada 100 mil habitantes (CERQUEIRA *et al.*, 2019, on-line).

A destruição destes corpos humanos nos remete a Mbembe (2018, p.5), quando este fala que a expressão máxima da soberania está, sobretudo, “[...] no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. Segundo o autor, há formas de soberania que visam à instrumentalização generalizada da existência humana e à destruição material de corpos humanos e populações, sendo o necropoder:

[...] várias maneiras pelas quais em nosso mundo contemporâneo as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem estatuto de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2018, p. 71).

Embora Mbembe (2018) estivesse se referindo a contextos sócio-políticos específicos, observados em sistemas de colônias e de *plantations* no *apartheid*, é possível fazer um paralelo entre os “mundos de morte” de Mbembe e a situação de extrema vulnerabilidade a que está submetida parte da população de Belém, tendo esta se tornado uma espécie de necrópole. O entendimento é acompanhado por Taketa (2019), que traz em sua tese elementos para se pensar Belém do Grão-Pará como uma necrópole.

A necropolítica – cujo pressuposto de gestão da vida e da morte, assim como da produção de inimigos num estado permanente de guerra, encontra no Estado um importante executor – parece adequada para explicar o comportamento das polícias locais, com uma produção de mortes tão alta

quanto as baixas dos trabalhadores hierarquicamente mais subordinados nesse setor (TAKETA, 2019, p.133).

A ideia de Belém como necrópole é corroborada em Silva (2018, p.92), quando esta reproduz o fragmento de um texto da paraense Paloma Amorim publicado no Blog Diários Incendiários⁵³: “A Necrópole da Amazônia, Belém do Pará, ainda não deixou de ser o cemitério onde eu nasci”. (AMORIM, 2018, on-line *apud* SILVA, 2018, p. 92). A noção de “política como trabalho da morte” (MBEMBE, 2018, p. 16) é recorrente nas interpretações feitas por Silva:

Tal depoimento [feito por uma pessoa em situação de rua], ao traçar a cronologia da dor como efeito das tantas violências experimentadas na cidade, ilustra com força o campo de batalha constituído com base nas políticas da morte, trazendo igualmente, na voz do anonimato, analisadores dos afetos que estão no virar das ruas, nas trincheiras públicas marcadas por rastros de milícias e das mãos duras do Estado. (SILVA, 2018, p. 91).

O conceito de necropolítica é central na cartografia sobre as “políticas da morte em atividade em Belém” apresentada por LIMA (2018) na dissertação intitulada “Outras Nises: Mulheres em clínicas, artes e pedagogias de insurreição às políticas da morte em Belém entre 2014 e 2018”.

A degradação humana representativa desta Belém-necrópole tem uma de suas formas extremadas na situação de rua. De acordo com a última pesquisa sobre a população em situação de rua apresentada pelo Setor de Vigilância Socioassistencial da Fundação Papa João XXIII – SEVISA/ FUNPAPA, órgão executor da Política de Assistência Social do Município de Belém, mais de 800 pessoas estão nesta situação na capital paraense (SEVISA/FUNPAPA, 2018), já que a instituição atendeu 822 pessoas entre janeiro de 2015 e dezembro de 2016. Este quantitativo não constitui um valor exato, pois os números foram obtidos a partir dos nomes informados pelos usuários dos serviços e, “portanto podem ter havido nomes que, embora diferentes, representem uma única pessoa, visto que há certo receio por esse público em revelar o nome” (SEVISA/FUNPAPA, 2018, p.5).

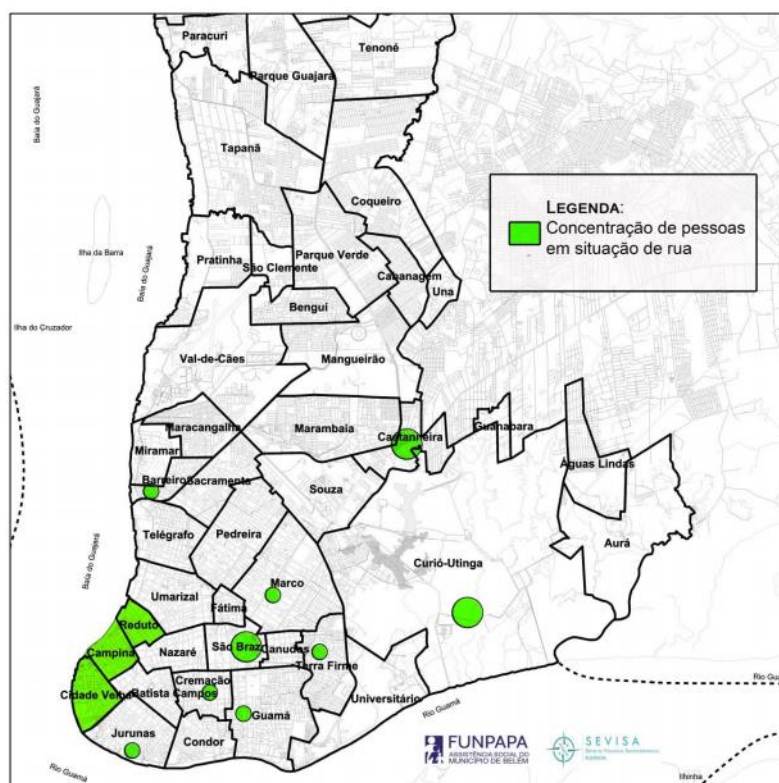
São nove os equipamentos socioassistenciais utilizados pelas pessoas em situação de rua na Região Metropolitana de Belém: cinco Centros de Referência

⁵ O Blog Diários Incendiários é escrito por Paloma Amorim em parceria com o carioca Geovani Martins e o baiano Evanilton Gonçalves e se propõe a trazer confluências de ideias destes três escritores. Disponível em: < <https://diariosincendiarios.wordpress.com/2018/05/10/necropole/>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Especializado de Assistência Social (CREAS), que atendem famílias e pessoas em situação de risco social ou cujos direitos foram violados; dois Centros Pop, voltados à população em situação de rua com “[...] atendimentos individuais e coletivos, oficinas e atividades de convívio e socialização, além de ações que incentivem o protagonismo e a participação social das pessoas em situação de rua” e dois Espaços de Acolhimentos Casa Abrigo para Moradores Adultos de Rua (CAMAR I, CAMAR II), que fazem o acolhimento provisório de pessoas ou grupos familiares (BRASIL, 2019, on-line).

Na análise das pessoas em situação de rua no município de Belém apresentada pelo SEVISA/FUNPAPA, encontramos um quadro sobre a dispersão delas na cidade, o qual indica uma maior concentração nas áreas comerciais e de grande circulação:

Figura 1 - Mapa de Belém identificando a concentração de pessoas em situação de rua



Fonte: Espaços socioassistenciais/ FUNPAPA

Percebemos uma maior concentração de pessoas nos bairros do Reduto, Campina e Cidade Velha. Além da região próxima ao Centro Comercial e ao Mercado do Ver-o-Peso, há grandes agrupamentos nos bairros de São Brás, Curió-Utinga e

Castanheira. A pesquisa indica que 63% da população em situação de rua é nortista, dos quais 52% são paraenses e 34% do município de Belém. “Constata-se, portanto, que o grande público em situação de rua no município de Belém é composto por amazônidas, ou seja, povo da nossa terra, sem, entretanto, desconsiderar os demais brasileiros e estrangeiros, todos, seres humanos que por suas condições demandam do Estado uma atuação universalizada, planejada e acolhedora que resulte necessariamente num efetivo fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários”. (SEVISA/FUNPAPA, 2018, p17).

O SEVISA/FUNPAPA indicou ainda que 79% dos pesquisados eram do sexo masculino, com faixa etária entre 31 a 40 anos (30%); 21 a 30 (28%) e 41 a 50 (19%). Cerca de 70% dos usuários dos serviços sociais em questão disseram ter envolvimento com álcool e outras drogas. Voltaremos a discutir estes apontamentos no capítulo 2 desta dissertação, já que estes dados coincidem em sentido amplo com as estatísticas nacionais. Antecipamos estas informações para mostrar o contexto no qual o jornal “A verdade rua e crua” emergiu. Assim, nos subcapítulos 1.1 a 1.5., contaremos a minha versão da história deste projeto, partindo dos caminhos que me levaram até ele. Apresentaremos as características dos encontros nos quais os impressos tomaram forma, bem como as características da materialidade desses jornais. Também indicaremos as estratégias metodológicas que adotamos para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.1 Eu e o Rua

Quando o projeto de jornal “A verdade rua e crua” começou, no segundo semestre de 2015, estava há dois anos formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará. Na época, eu já trabalhava como repórter contratada pelo jornal O Liberal desde 2011. Acredito que a minha formação acadêmica e atuação profissional tenham sido os principais motivos que levaram o meu amigo Vitor Nina a me convidar para ir à Unidade de Acolhimento da Prefeitura Municipal de Belém (BRASIL, 2012, on-line)⁶⁴ para participar dos encontros que dariam origem ao projeto “Rua e Crua”. Na época, ele e

⁶⁴ A Unidade de Acolhimento (UA) tem como objetivo de oferecer acolhimento e cuidados contínuos de saúde por meio de serviços residenciais de caráter transitório articulados à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

outros colegas – como as psicólogas Daiane Gasparetto, Caroline Maciel e Josie Vieira, o estudante de medicina Charles Vasconcelos e os servidores públicos Adriano Coutinho e Célio Cardoso – buscavam ouvir pessoas com vivência em situação de rua – como Luciano Costa e Carlos Henrique Barbosa, ambos já falecidos – para melhorar suas atuações acadêmicas e profissionais por meio do diálogo com usuários do Sistema Único de Assistência Social (Suas).

Não sei dizer ao certo quando conheci o Vitor, mas desde 2011 já atuávamos juntos no coletivo Trupe da Pro-Cura, um grupo de teatro baseado na tradição da palhaçaria para diferentes intervenções cênicas na cidade. A Trupe foi uma das frentes de atuação do Núcleo de Artes como Instrumento de Saúde (NARIS), projeto de extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará (FAMED-UFPA) fundado em 2009 cujos estudos se situavam na interface entre arte, saúde e cultura. (ANDRADE, 2014; LIMA, 2013, 2018; MACIEL, 2018; PASSOS, 2018; SILVA, 2014, 2018; VASCONCELOS, 2018).

Mas o meu interesse em fazer algo em favor da sociedade é anterior à Trupe da Pro-Cura, embora eu não saiba dizer quando começou. Uma das minhas primeiras lembranças sobre querer melhorar a vida de pessoas em situação de vulnerabilidade são da transição entre a minha infância e a adolescência. Em um dia aleatório, comecei a pensar que, enquanto eu tinha tantos brinquedos, outras crianças não podiam comprá-los e ficariam felizes ao receberem os meus. Limpei quase 30 bonecas uma por uma com álcool, algodão e hastes flexíveis para retirar as sujeiras mais difíceis. Lavei suas roupas, penteei seus cabelos e as coloquei no sofá. Em seguida, fiz uma foto para guardá-las na memória e depois as embalei em papéis de presentes, juntamente com outros brinquedos, e os doe.

Figura 2 - Fotografia da autora na infância com bonecas organizadas para doação



Fonte: Arquivo pessoal

Quando criança, no Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, também me envolvia em ações de caridade da Pastoral da Juventude e, na adolescência, participava de distribuições de sopa e evangelização das pessoas em situação de rua por meio da igreja evangélica Assembleia de Deus.

Lembro também de ter conhecido na escola um poema de Manuel Bandeira que até hoje me inquieta:

O bicho

Vi ontem um bicho

Na imundície do

pátio Catando

comida entre os

detritos.

Quando achava alguma

coisa, Não examinava
nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um
cão, Não era um
gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem (BANDEIRA, 2013, p. 53).

Com o passar dos anos, minhas leituras acadêmicas e não acadêmicas, minhas experiências pessoais, artísticas e profissionais, fizeram-me preferir atuações sociais não motivadas pelo viés da caridade.

Segundo Stoffels (1977, p.32), o princípio da caridade está baseado na tradição judaico-cristã e parte do pressuposto de que tudo pertence a Deus e é obrigação dos ricos amparar os menos favorecidos. E, mesmo com a laicização da sociedade após o Racionalismo, a caridade continua a ser praticada por crentes e não-crentes como atos de solidariedade (GODELIER, 1999, p.12), contudo, sem perder o seu viés de moralidade.

Lipovestski (1996, p. 157, tradução da autora) afirma que somos testemunhas de uma onda de caridade e salvacionismo sem precedentes e orquestrada pela mídia: “Quanto mais a ‘religião do dever’ diminui, mas nós consumimos a generosidade. Quanto mais os valores individualistas progredem, mais a divulgação de boas-causas na mídia se multiplica e atrai a audiência”⁷. A generosidade como um valor consumível e as boas causas como fontes de audiência florescem em uma sociedade que não tem mais a igreja como grande ditadora de regras, porém, passa a ser guiada por valores individualistas.

De acordo com o autor, vivemos em um momento no qual não há uma expulsão dos referenciais éticos, mas uma superexposição midiática dos valores, bem como a

⁷ No original: “Plus la religion du devoir s'amenuise, plus nous consommons de générosité. Plus les valeurs individualistes progressent, plus les mises en scène médiatiques des bonnes causes se multiplient et font de l'audience”.

adaptação destes às leis do espetáculo da comunicação de massa (LIPOVESTSKI, 1996, p. 157). Para ele, a espetacularização dos gestos de generosidade – sobretudo a partir da década de 1980, quando não apenas as associações de caridade e humanitárias passaram a atuar como “empreendedores morais”, mas também os canais de televisão e as celebridades – conduz a mobilização pontuais e efêmeras, uma vez que a mídia não tem a mesma função de criação de consciência e interiorização de deveres que tinham as instâncias tradicionais da moral. “[...] ela [a mídia] não cria uma consciência regular, interiorizada dos deveres, ela 'gerencia' a opinião de forma intermitente, colocando em cena seletivamente os 'produtos' promissores”⁸(LIPOVESTSKI, 1996, p. 160, tradução da autora). Tem-se, assim, uma solidariedade pouco engajada com os motivos que levaram uma população à condição de vulnerabilidade, bem como pouco comprometida com estratégias eficazes para melhoria a longo prazo da condição de vida dessas populações. As pessoas consomem ações sociais como produtos de forma isolada e sem, necessariamente, continuidade. Sob uma falsa sensação de dever cumprido, progridem os valores individualistas e um moralismo vazio de pessoas com pouco engajamento social e político, fazendo de maneira esporádica ações que não resolvem os problemas das populações em vulnerabilidade.

Brauman (1996, p. 46, tradução da autora) alega que a cobertura da mídia sobre as crises humanitárias costuma ter uma tônica sentimentalista, ávida por lugares comuns, e não apresenta informações, de fato, relevantes ao designar a causa dos problemas por um dos seus efeitos: “É designar a causa por um de seus efeitos, apagar o mal pela piedade em atos que o suscitam. Em resumo, querendo tornar os males do mundo mais visíveis, tornar o mundo menos legível ainda”⁹. Da mesma forma que a cobertura midiática de crises humanitárias torna o mundo menos legível ao focar os efeitos e não as causas dos problemas, as ações de caridade são insuficientes e, muitas vezes, até nocivas, por desprezarem as verdadeiras causas dos problemas sociais. Ao atuar nos efeitos cujas causas são ignoradas ou desconsideradas, há um apagamento dos problemas reais e, conseqüentemente, a impossibilidade de resolvê-los ou mesmo amenizá-las de forma significativa.

⁸ No original: “[...] ils [Les médias] ne créent pas une conscience régulière, interiorisée des devoirs, ils 'managent' l'opinion par intermittence, en mettant en scène sélectivement des 'produits' porteurs”.

⁹ No original: C'est désigner la cause par l'un de ses effets, effacer le mal par la pitié en actes qu'il suscite. C'est en somme, en voulant rendre plus visibles les malheurs du monde, rendre le monde moins lisible encore.

Reconheço a importância da caridade, sobretudo porque quem sofre tem urgência em ter seus problemas, pelo menos, amenizados. Contudo, esta dissertação é parte da minha tentativa de pensar problemas sociais para além de questões morais e, portanto, é um passo no sentido da compreensão dos problemas enfrentados pelas pessoas em situação de rua na Região Metropolitana de Belém. A partir de minhas vivências como voluntária do projeto “A verdade rua e crua”, percebi que seus jornalistas de rua têm muito a nos ensinar sobre comunicação, política, justiça social, cidadania, dentre outros temas que são caros às ciências humanas.

Assumimos (eu, meus orientadores, professores, entrevistados, amigos e todos os que contribuíram para os contornos que este trabalho ganhou) o desafio de refletir sobre as pessoas com vivência em situação de rua ao produzirem o jornal “A verdade rua e crua”. Seus relatos se revelam como um terreno fértil para estudos próprios do Campo da Comunicação ao permitirem interpretações críticas dos fenômenos comunicativos nas práticas socioculturais deste grupo que desenvolve suas atividades há cinco anos na Amazônia. Esta pesquisa, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entra em sintonia com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia na medida em que o Programa visa: “promover a análise dos fenômenos comunicativos em sua relação com as práticas culturais e sociais contemporâneas e em suas peculiaridades na Amazônia” (PPGCOM, [2010], on-line). Adapta-se sobretudo à linha de pesquisa Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia, que estuda “o papel da comunicação nas experiências culturais das sociedades amazônicas. Os fenômenos da sociedade, da produção e reivindicação das identidades, do imaginário, da intersubjetividade, e a confrontação entre as formas de poder e de resistência social experimentadas pelas populações amazônicas” (PPGCom/UFPA, 2016, on-line). Ao investigarmos como o jornal e as experiências urbanas decorrentes dele se constituem em um espaço de comunicação, acreditamos que o desenvolvimento desta dissertação tenha um significado social e cultural importante e que ela possa agregar benefícios à sociedade.

1.2 A história do Rua.

O jornal “A verdade rua e crua” começou a ser pensado no segundo semestre de 2015 inspirado no “Boca de rua”, que é um jornal feito por pessoas em situação no Rio Grande do Sul. Conforme consta em seu blog, o “Boca de rua” “É um compromisso improvável que envolve pessoas em situações precárias e marginais. É um encontro semanal onde cada um chega com a sua história, sua rotina, suas vivências, seu

caráter, seus humores, seu ‘certo’ e seu ‘errado’” (BOCA DE RUA, [2015], on-line). Dele emprestamos não só a ideia de relatar o cotidiano das ruas, mas também a de servir como uma fonte de renda para as pessoas que o fazem.

Ao longo dos últimos 20 anos, a trajetória do “Boca de rua” e de seus participantes vem sendo contada por diversos pesquisadores, artistas e jornalistas. Um dos materiais produzidos sobre o projeto é documentário “Boca de rua – vozes de uma gente invisível” (ANDRIGHETTI, 2013, on-line) o qual está disponível gratuitamente no YouTube e serviu como um pontapé inicial para os assistidos pela Unidade de Acolhimento¹⁰⁸ se motivassem a fazer o jornal “A verdade rua e crua” (MATOS *et al*, 2019; LIMA, 2018; MACIEL, 2018; SILVA, 2018). Ao passo que o projeto parauara foi tomando forma, mais pessoas com trajetória de rua tomaram conhecimento de sua existência e o abraçaram, a exemplo do Antônio Sena e do Paulo Henrique Costa; colaboradores dos Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) de São Brás – como o Cristiano Coelho; Wandizio Rodrigues e Jorge Silva – e de Icoaraci – Diemerson Castro, João Siqueira, Waldir Wagner, bem como outros; voluntários de diferentes áreas de atuação – sendo este o meu caso, o do publicitário Leonardo Macêdo e o do diagramador Jorge André Silva –, com o apoio de servidores públicos – entre eles, Amarildo Cruz, Elza Castro, Iacirema Bahia Cardoso, Marilda de Tarumã e Rita Rodrigues –; além da ajuda de coletivos, projetos de extensão e entidades parceiras, como a Paulus¹¹, o instituto EcoVida¹², Brinquedos de Saúde¹³ e Viramundo¹⁴ (MATOS *et al*, 2019; LIMA, 2018; MACIEL, 2018; SILVA, 2018).

As pautas do jornal “A verdade rua e crua” são propostas e os conteúdos

¹⁰ A apresentação de parte das pessoas que fazem parte do processo de construção e desenvolvimento do jornal “A verdade rua e crua” consta nas seções 1.1, 1.2 e 1.3.1 deste capítulo.

¹¹ A Paulus é uma organização social com atuação em políticas públicas de educação e assistência social. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/assistencia-social/apresentacao/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

¹² É uma Entidade Organizadora de atendimento a famílias de baixa renda nos programas de Habitação de Interesse Social geridos pelo Ministério das Cidades no Amapá. Disponível em: <http://institutoecovida.blogspot.com/p/quem-somos.html>. Acesso em: 12 jan. 2020.

¹³ O Brinquedos de saúde foi um projeto de extensão da Universidade Federal do Pará coordenado pela professora Lucília Matos. “com objetivo de promover experiências de cidadania, espaços de convívio e sustentação das diferenças, organização popular/comunitária e produção de autonomia através da construção de espaços lúdicos de convivência, aprendizagem e cuidado, com pessoas e grupos que se encontram sujeitos às violências e injustiças relativas à vulnerabilidade, ao sofrimento psíquico e ao uso abusivo de drogas” (MATOS *et al*, 2018, p.44).

¹⁴ “O Viramundo foi uma “[...] uma entidade sem fins lucrativos criada em maio de 2016 com objetivos de desenvolver projetos de promoção de saúde popular e comunitária através da constituição de espaços solidários de convivência, educação popular e criação artística. Disponível em: <https://antiresidencia.wixsite.com/viramundo/sobre-nos>. Acesso em: 26 fev. 2020.

gerados exclusivamente por pessoas que vivem ou vivenciaram a situação de rua. O jornal diz ter como público-alvo pessoas em total exclusão social, bem como as demais pessoas da sociedade para que conheçam o cotidiano das ruas (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p.1). Os exemplares são impressos por meio de parcerias voluntárias e distribuídos o mais igualmente possível entre os colaboradores que geraram seus conteúdos, os quais podem vendê-los e ficar com a renda de forma integral. Os voluntários sem trajetória de rua, além de viabilizarem questões técnicas – como a impressão de exemplares e, quando solicitados, a revisão ortográfica do jornal – costumam promover os encontros nos quais são feitas as coletas de materiais, rodas de conversas sobre as questões das ruas e apresentação do projeto às pessoas que não o conhecem. Os integrantes do projeto “A verdade rua e crua” também participam de intervenções políticas, artísticas e culturais na cidade, a exemplo das manifestações do Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua e do Encontro Estadual: Drogas e Cidadania, Prevenção, Redução de Danos e Direitos Humanos (SILVA, 2018, p 108); além de atividades educativas, como o “Minicurso de formação em mídias para a população de rua”¹⁵ e as oficinas do projeto de extensão Brinquedos de Saúde (MATOS *et. al*, 2019, p. 171).

Em relação aos exemplares impressos, foram feitas cinco edições do jornal desde o seu surgimento, no dia 17 de novembro de 2015, em um evento na Associação Fotoativa. A sexta edição está diagramada e deve ser lançada ainda no primeiro semestre de 2021.

¹⁵ O curso ocorreu por meio do projeto “Gestão da prática cotidiana”, promovido pelo departamento de assistência social da Paulus, em parceria com o Conselho Municipal de Assistência Social e a Universidade Federal do Pará (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Comunicação e Programa de Pós-Graduação Cultura e Amazônia) e teve como objetivo facilitar o uso dos meios de comunicação por pessoas em situação de rua.

Figura 3 - Imagem da arte de divulgação do lançamento do jornal “A verdade rua e crua”

Lançamento do Jornal

Data: 17/11

Hora: 19h

Local: Casarão Fotoativa
(Praça das Mercês,
nº 19, Campina)



Apoio:



Fonte: Arquivo pessoal

O projeto conta ainda com uma página no Facebook (@averdaderuaecrua) com 853 seguidores¹⁶, criada em 17 de outubro de 2015 pelas voluntárias Caroline e Daiane. A ferramenta é alimentada pelas voluntárias e por alguns dos “jornalistas de rua”, entretanto, de forma eventual. A última postagem foi feita em fevereiro de 2019. Dentre os conteúdos publicados na página, constam registros e divulgações de ações; informes sobre pontos de venda; reprodução de links de outros veículos que falam a respeito do jornal; há fotos e vídeos feitos por eles, além de homenagens a integrantes já falecidos.

1.3 Os encontros do Rua.

Os textos do jornal “A verdade rua e crua” podem ser recolhidos a qualquer tempo e em qualquer lugar, o que geralmente é feito pelas voluntárias (eu, Caroline e Daiane) ou por integrantes mais antigos, como Paulo Henrique e Diemerson. Devido à dinâmica própria da situação de rua, o grupo de colaboradores não é fixo, sendo difícil especificar quem ou mesmo quantos são atualmente os colaboradores. Ao longo destes cinco anos, várias pessoas já estiveram engajadas no projeto¹⁷, como Ana Rita Palheta do Vale, Alexandre dos Santos Carvalho, Anderson Brabo, Arnaldo Matos,

¹⁶ Acesso em 11 fev. 2020.

¹⁷ A apresentação de parte das pessoas que fazem parte do processo de construção e desenvolvimento do jornal “A verdade rua e crua” consta nas seções 1.1, 1.2 e 1.3.1 deste capítulo.

Cassio Cruz, Edilson Carlos, Eduarda Natália Lima Costa, Eliomar da S. Melo, Eunice Alves, Francisco di Assis, Genielson, Jean Roberto da Silva Lopes, JJ, Jorge Franco, José Modesto da Conceição, Luiz Gentil, Messias Nazareno Ribeiro, Pedro Silva, Pixote 2, Rackson Cunha Leitão, Rogerson Silva Coelho e Rosangela Coimbra (MATOS et. Al, 2019, p. 171; SILVA, 2018, p. 47). Porém, a situação de extrema vulnerabilidade e violência na qual estas pessoas estão inseridas faz com que muitos mudem constantemente de paradeiro ou sejam vítimas fatais de doenças ou assassinatos.

Para estimular a produção de conteúdo, são feitos encontros nos quais os participantes mais antigos buscam explicar às pessoas com trajetória de rua que desconhecem o jornal como ele funciona e o que é preciso fazer para participar. A periodicidade destes encontros não é regular atualmente, pois dependem da disponibilidade das voluntárias ou dos jornalistas de rua engajados no projeto. Foram feitos apenas quatro encontros ao longo de 2019, mas já houve momentos, sobretudo no início, em que eles aconteciam semanalmente (MACIEL, 2018, p.15). Também já houve iniciativas de reuniões sem a presença das voluntárias, principalmente em 2018, a partir da atuação de integrantes como JJ e Diemeson. Graças a convocações feitas por eles, outras pessoas em situação de rua passaram e integrar o projeto.

A maioria das reuniões ocorre nos Centro Pop de São Brás e de Icoaraci, todavia, já foram utilizados outros locais, como a Praça do Operário, no bairro de São Brás, e a Fundação Cultural do Pará (Centur). A maior frequência nos Centros se deve a alguns fatores facilitadores, como a grande concentração da população de rua, a boa vontade dos servidores em acolher o projeto e até mesmo a sensação de segurança em relação à integridade física das voluntárias.

As reuniões dentro dos Centros geralmente contam com a participação e apoio de alguns dos profissionais que neles trabalham. Contudo, o aparato institucional pode gerar desconforto aos participantes que desejarem fazer relatos pessoais anônimos ou críticas aos serviços ofertados pelo governo. Também foi possível perceber na fala de alguns participantes e de alguns servidores uma disputa pelo jornal “A verdade rua e crua” entre os Centros Pop de São Brás e de Icoaraci. Todas as voluntárias já foram questionadas em algum momento sobre o porquê da ida com mais frequência a um Centro ou ao outro, bem como o motivo pelo qual há um engajamento maior de pessoas de um Centro ou de outro. Em função destes questionamentos, eventualmente, procuramos locais alternativos para as reuniões, bem como

enfatizamos que o jornal não está vinculado a nenhuma instituição e qualquer pessoa com trajetória de rua pode gerar o conteúdo que quiser, quantas vezes quiser.

1.2 O Rua impresso

Os jornal “A verdade rua e crua” são impressos por meio de parcerias voluntárias. A sua primeira tiragem foi feita por funcionários de um jornal de grande circulação em Belém. Já a segunda e a terceira edições foram doadas pelo já extinto coletivo Viramundo. A assistência social da Paulus concedeu a quarta edição e o projeto de extensão universitária Brinquedos de Saúde, a quinta, além de reimprimir as edições de 1 a 4, totalizando a impressão de 900 exemplares.

Sem a pretensão de fazer uma análise estética das edições do “Rua e crua” – que iria demandar um debruçamento mais rigoroso sobre os impressos, o qual entendemos não ser o foco desta pesquisa – neste subcapítulo, faremos a descrição da materialidade dos jornais a fim de destacar fragmentos de sua forma e de seu conteúdo que possibilitem às pessoas que não tiveram acesso aos exemplares acompanharem as interpretações feitas nesta pesquisa sobre este fenômeno urbano. Todas as capas dos jornais são compostas por um mesmo logo, o qual ocupa praticamente 1/3 dela. Nele, há o desenho dos pés descalços de uma pessoa deitada em um papelão. Os pés apresentam calosidades e sujeira e fazem referência à forma como grande parte das pessoas em situação de rua dorme ao relento nas calçadas da cidade. O desenho foi feito por Luciano Costa, um dos integrantes pioneiros do projeto, falecido em abril de 2018 em decorrência de complicações de saúde. Há também o nome do jornal em caixa alta (A VERDADE RUA E CRUA), feito com uma fonte similar à escrita à mão com algum objeto, como um carvão, uma pedra ou um giz, diferente de uma caneta ou um pincel. Em um retângulo preto à esquerda do logo, constam informações sobre o número da edição e o ano da publicação; no caso da primeira edição, há também o preço de um exemplar (R\$2). Todas as edições têm quatro páginas, exceto a quarta, que tem 16. No rodapé na última página da primeira e da segunda edições, há um texto explicando que o jornal é feito por pessoas em situação de rua e pode ser usado por elas como fonte de renda¹⁸; também foram

¹⁸ De acordo com a proposta do jornal, constava na primeira e na segunda edição o seguinte texto: “Este jornal é produzido em Belém-PA por pessoas cujas vidas têm a rua como uma de suas principais passagens. O dinheiro obtido por meio da venda de exemplares é revertido aos participantes do projeto,

identificados alguns dos colaboradores, a tiragem dos exemplares e um e-mail para o contato dos integrantes. Já nas demais edições, há apenas o texto explicativo, o contato de email e o(s) logo(s) dos parceiros facilitadores da impressão.

O projeto gráfico do jornal foi criado pelo publicitário Leonardo Macêdo a partir do material recolhido para compôr a primeira edição. Todavia, não há uma rigidez em relação à forma, sendo esta modificada a partir das demandas apresentadas pelos jornalistas de rua no decorrer dos encontros. Dessa forma, sessões como “religião”, “mão-de-obra”, “esportes”, foram acrescentadas ou retiradas das edições de acordo com as sugestões dos integrantes, bem como dos conteúdos entregues por eles.

A primeira edição do jornal “A verdade rua e crua” conta com duas versões: as 500 primeiras unidades foram impressas em papel A2 e a segunda tiragem, de 100 edições, em papel A3. Ambas têm dobradura ao meio, totalizando quatro páginas de 30x42cm nas unidades iniciais e de 22x30 cm nas unidades seguintes. Ela é a única com o preço de venda. Optamos por não o colocá-lo nas unidades seguintes para deixar que cada um estipule o preço desejado.

O primeiro jornal tem cinco textos em prosa, três poemas, uma letra de música com cifra, quatro fotos e quatro ilustrações. A página inicial pode ser dividida horizontalmente em três partes praticamente iguais: o logo com o título do jornal no primeiro terço da página; o texto de abertura não titulado, que ocupa o segundo terço e tem apenas o nome dos autores acima do texto; e, no terço restante, há uma foto de quatro dos integrantes do coletivo, com uma legenda identificando-os e outra identificando a autoria da foto.

como fonte alternativa de renda. A construção é coletiva, é da cidade. Venha participar também!” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p.4).

Figura 4 - Imagem da capa da primeira edição do jornal “A verdade rua e crua”




Fonte: Escaneado pela autora do trabalho

O texto de abertura do “A verdade rua e crua” foi escrito em conjunto por Carlos Henrique Barbosa, Antônio Carlos Miranda Ramos, Eduardo Castro de Souza, Carlos Augusto e Hilda Cristina. Trata-se de uma apresentação do projeto e seus objetivos, e revela indícios sobre as demandas das pessoas em situação de rua na Região Metropolitana de Belém. Nas demais páginas do jornal estão diagramados quatro textos em prosa e três em verso, há três fotos, três ilustrações e uma letra de música cifrada. Todas as quatro fotos deste exemplar mostram algumas das pessoas que geraram conteúdo para esta edição do jornal e foram feitas pelas voluntárias Caroline Maciel e Daiane Gasparetto. Apenas uma delas foi cedida pelo arquivo da Unidade de Acolhimento: a do rosto do jornalista de rua Eduardo Costa.

A segunda edição é aberta com oito pequenos depoimentos sobre violência e uma sugestão sobre construção de banheiros químicos nas ruas. O texto de capa tem

como título “Policiais proibem a doação de alimentos (31.03.16)” e o subtítulo “Toda noite, grupos, geralmente evangélicos, trazem lanches e vão rodando as praças. Na última terça-feira, os policiais disseram que iriam ‘botar os irmãos pra correr’”. Há também a ilustração de uma mão e de uma flecha atravessando uma forma que lembra a de um coração, além de traços na lateral esquerda do desenho, formando uma espécie de moldura, assinada por Almir Moraes.

Figura 5 - Imagem da capa da segunda edição do jornal “A verdade rua e crua”



A VERDADE

EDIÇÃO 02 | ANO 2

RUA E CRUA

Policiais proibem a doação de alimentos (31.03.16) : Toda noite, grupos, geralmente evangélicos, trazem lanches e vão rodando as praças. Na última terça-feira, os policiais disseram que iriam “botar os irmãos pra correr”.

DEPOIMENTOS (nomes fictícios)

Marcela: “Ele me pegou pelo pescoço e disse: ‘tu já é seca, vais ficar mais seca ainda’. Ele disse que gosta de bater em mulher grávida e ‘rebarbada’. Estava na praça, em São Brás, e eles me mandaram embora. Eles me acompanharam com a viatura até eu sair da praça.”

Paulo Fernando: “A gente se sente humilhado, esperando a comida, a bota. A gente estava no Ver-o-Peso. Um deles pegou um cacho de pupunha. O policial deu um tiro na perna dele.”

Paulo: “O morador de rua é discriminado pelos policiais e pelas pessoas. Por um pagam todos. O bom paga pelo ruim.”

Renato: “Estamos esperando documento para sair da rua. Os policiais batem nas pessoas que estão bêbadas, nas mulheres que estão grávidas. Um dia pode ser um filho deles ali. Lá na praça nós não ficamos mais. Se for pra um canto o policial persegue, se for pra outro, também. Se me derem um dinheiro, eu volto para Fortaleza. Sofro muito no meio da rua. Os irmãos querem ajudar, mas eles não deixam mais.”

Marcelo: “Tem policiais que chegam conversando, mas tem outros que chegam revistando, dando ‘porrada’. ‘Como é teu nome?’ e um tapa na cara. ‘Vai-te embora’. Eles rasgam nossa bolsa, fazem o que querem e depois mandam juntar. A gente quer ter paz,

mas a gente não consegue. Eles nos olham, mas não olham a nossa consciência. Só a deles. O juiz olha os caras que estão presos. Nós estamos apanhando e ninguém olha o nosso lado.

Shirley: “A gente quer mais oportunidade. Quem vê, pensa que a gente é incapaz. A gente tem vontade de sair da rua, mas não tem oportunidade. Sem dinheiro é difícil tudo, difícil roupa, difícil tudo. Para casar na rua a vida é muito difícil.”

João: “Eu estou 15 dias na rua. Uma experiência que eu nunca passei. Não quero mais ficar na rua, quero voltar para casa, mas não tenho condição financeira. A rua é muito violenta.”

SOBRE A QUESTÃO DA HIGIENE

Ricardo: “A gente quer ter um pouco de higiene. Os moradores deveriam ter privacidade para não fazer as necessidades na rua. Pra gente é chato. Nós que sujamos a praça. Podiam botar banheiros químicos só para moradores de rua. É um lugar pra gente tomar banho.”

Karina: “Eles estão batendo na gente, chegam ‘escorneando’, queimando nossa roupa, nos ‘botando para correr’ da praça. Eles jogam nossa comida fora, batem na gente, mulher, mas a gente tem que aguentar esse tipo de humilhação. A nossa voz não está valendo nada. Eu fui fazer xixi e um policial foi me seguindo até um local apropriado e me mandou embora.”

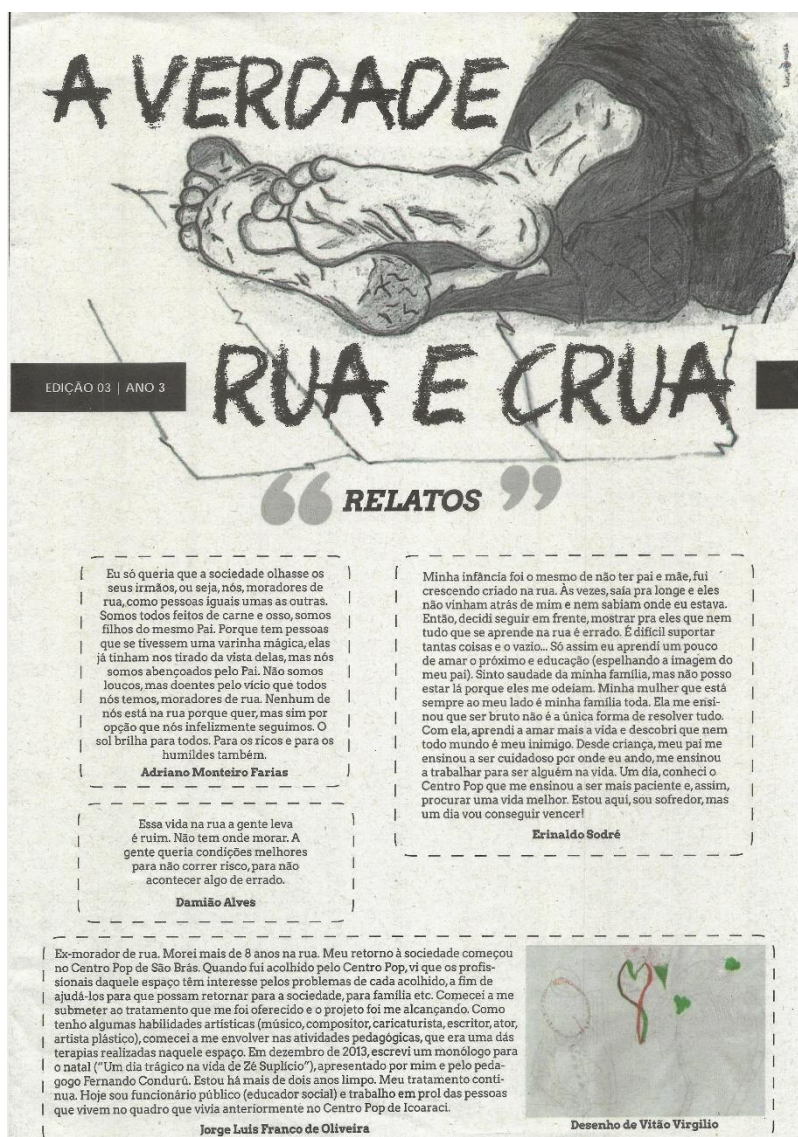
Fonte: Escaneado pela autora do trabalho

Além dos depoimentos e da ilustração da capa, esta edição conta com outros onze pequenos textos em prosa, um poema e quatro ilustrações. Os textos versam sobre temas variados como mensagens de esperança, relatos de vida, temas

religiosos, dentre outros. Uma das ilustrações desta edição é assinada por Luciano Costa e faz uma homenagem a Carlos Henrique Barbosa, que faleceu em agosto de 2016 por complicações de saúde.

A terceira edição do jornal “A verdade rua e crua” conta com 15 relatos de assuntos diversos distribuídos ao longo das três primeiras páginas e seis ilustrações, também de temáticas variadas, distribuídas ao longo de todo o jornal. A última página inaugura a sessão “Mãos de obra”, na qual oito pessoas ofertam os serviços e dizem onde podem ser encontradas.

Figura 6 - Imagem da capa da terceira edição do jornal “A verdade rua e crua”

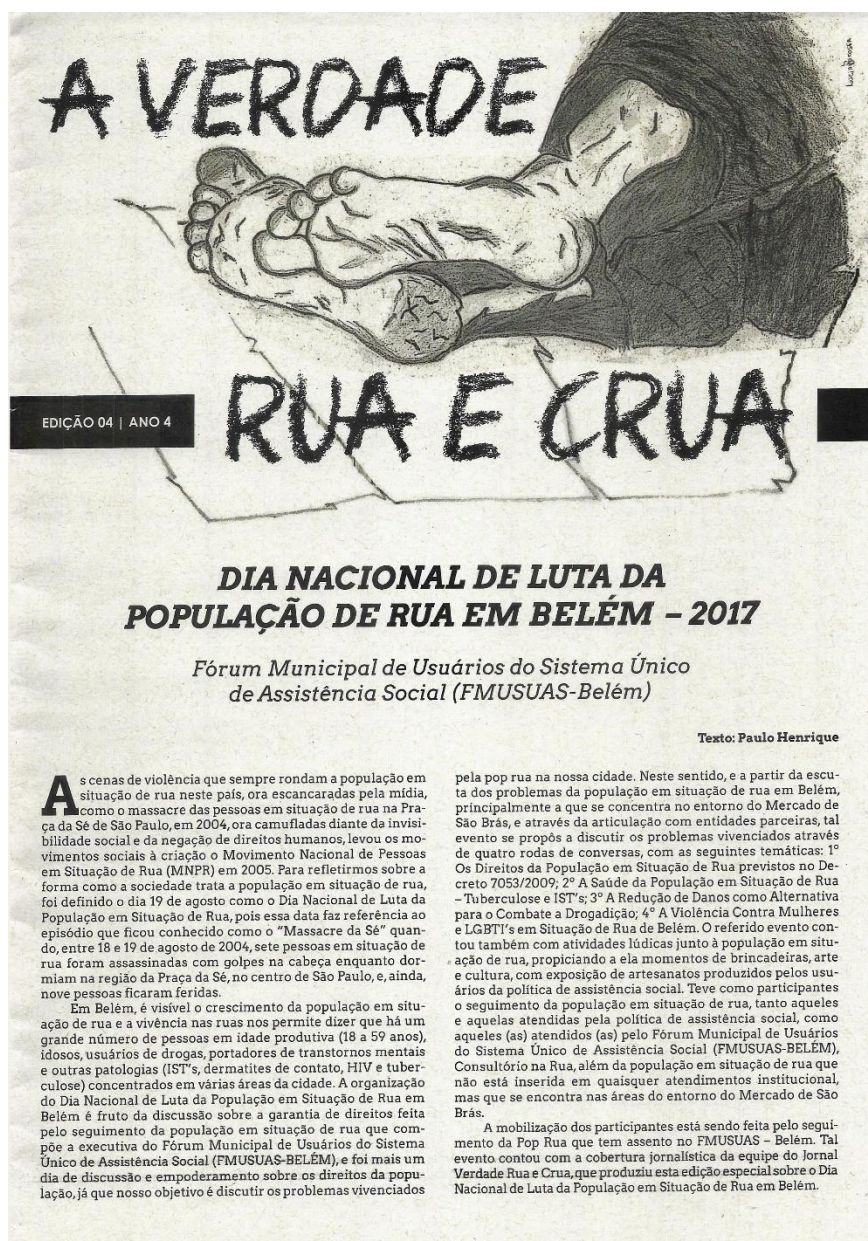


Fonte: Escaneado pela autora do trabalho

A quarta edição é uma edição especial em homenagem ao Dia Nacional de Luta da Pessoa em Situação de Rua. Seu texto de capa fala sobre a importância da data e foi escrito por Paulo Henrique Costa. Da página dois à sete foram reproduzidos de forma integral os textos do Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, o qual institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, além da Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011, que aprova a Política Nacional de Atenção Básica. Em seguida, as páginas 8 e 9 trazem 12 ilustrações com temáticas variadas na sessão “Arte Rua e Crua”. As páginas 10 a 15 apresentam textos e ilustrações diversas, sendo 20 textos e oito imagens. Na última página, cinco pessoas oferecem seus serviços na sessão “Mãos de obra” e J.J. encerra a edição com o texto “Dia Nacional de Luta da

População em Situação de Rua”, no qual apela: “Então, eu venho humildemente pedir à sociedade que ao invés de nos criticar, como é de costume, venha nos ajudar”.

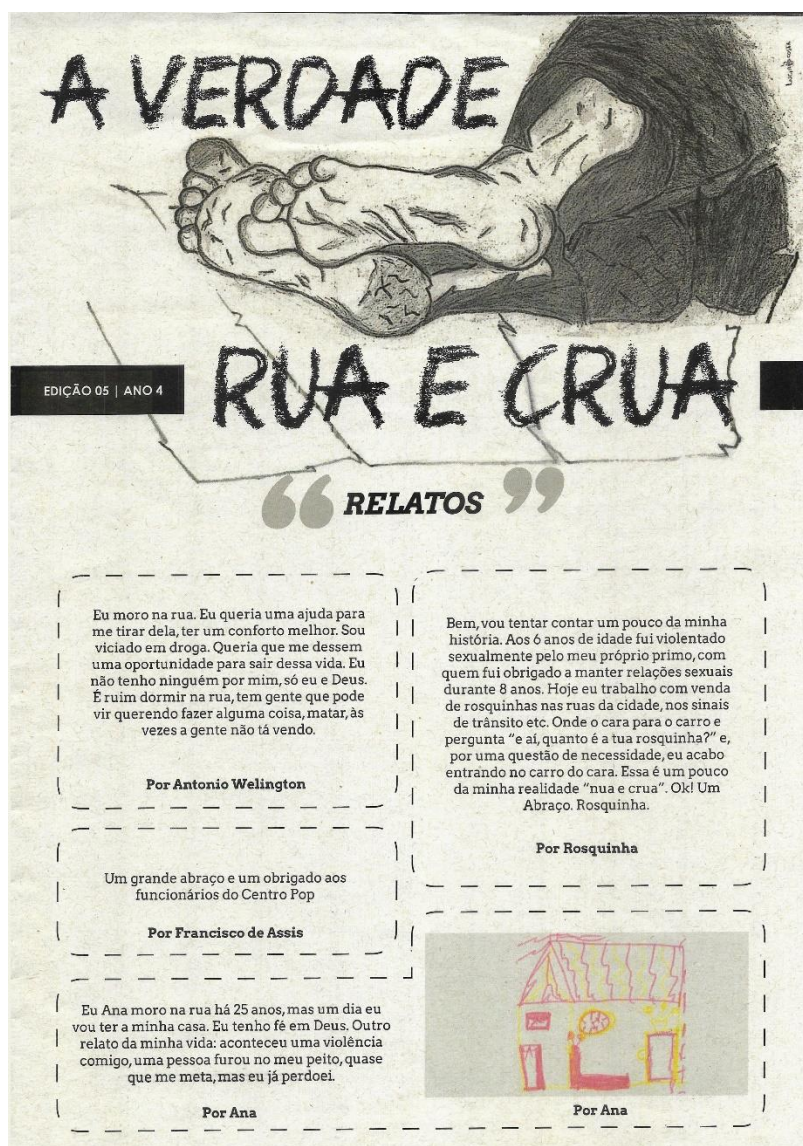
Figura 7 - Imagem da capa da quarta edição do jornal “A verdade rua e crua”



Fonte: Escaneado pela autora do trabalho

A quinta e última edição publicada até a entrega desta dissertação retoma o formato de quatro páginas e conta com 19 textos e cinco ilustrações. Semelhante aos exemplares anteriores, o conteúdo aborda temáticas diversas, as quais serão analisadas nos próximos subcapítulos.

Figura 8 - Imagem da capa da quinta edição do jornal “A verdade rua e crua”



Fonte: Escaneado pela autora do trabalho

Houve outros materiais impressos feitos ao longo da existência do projeto Rua e Crua. Um deles foi panfleto distribuído aos transeuntes nas comemorações do aniversário de 402 anos de Belém no mercado do Ver-o-Peso, em 2018. Os papéis, com o logo do jornal, relatavam as violências sofridas pela população de rua na cidade (MÍDIA NINJA, 2018, on-line).

Figura 9 - Imagem do médico Vitor Nina em um protesto no aniversário da cidade de Belém de 2018



Fonte: Foto de Gilberto Guimarães Filho.

Também foi o caso da cartilha “Formando um jornalista de rua” e do capítulo de livro “As falas das ruas”, cuhos conteúdos foram gerados pela população de rua. Ambos fizeram parte das ações em parceria com o projeto de extensão universitária Brinquedos de Saúde. A cartilha “Formando um jornalista de rua” tem o logo do “A verdade rua e crua” e foi impressa em um papel 21 x 30,5 cm dobrado em três partes, com 25 tópicos sobre como se tornar um jornalista de rua. Dentre as diretrizes enumeradas estão: respeitar a opinião dos outros, compreender, respeitar, falar a verdade e outras.

Figura 10 - Imagem da capa da cartilha "Formando um jornalista de rua"



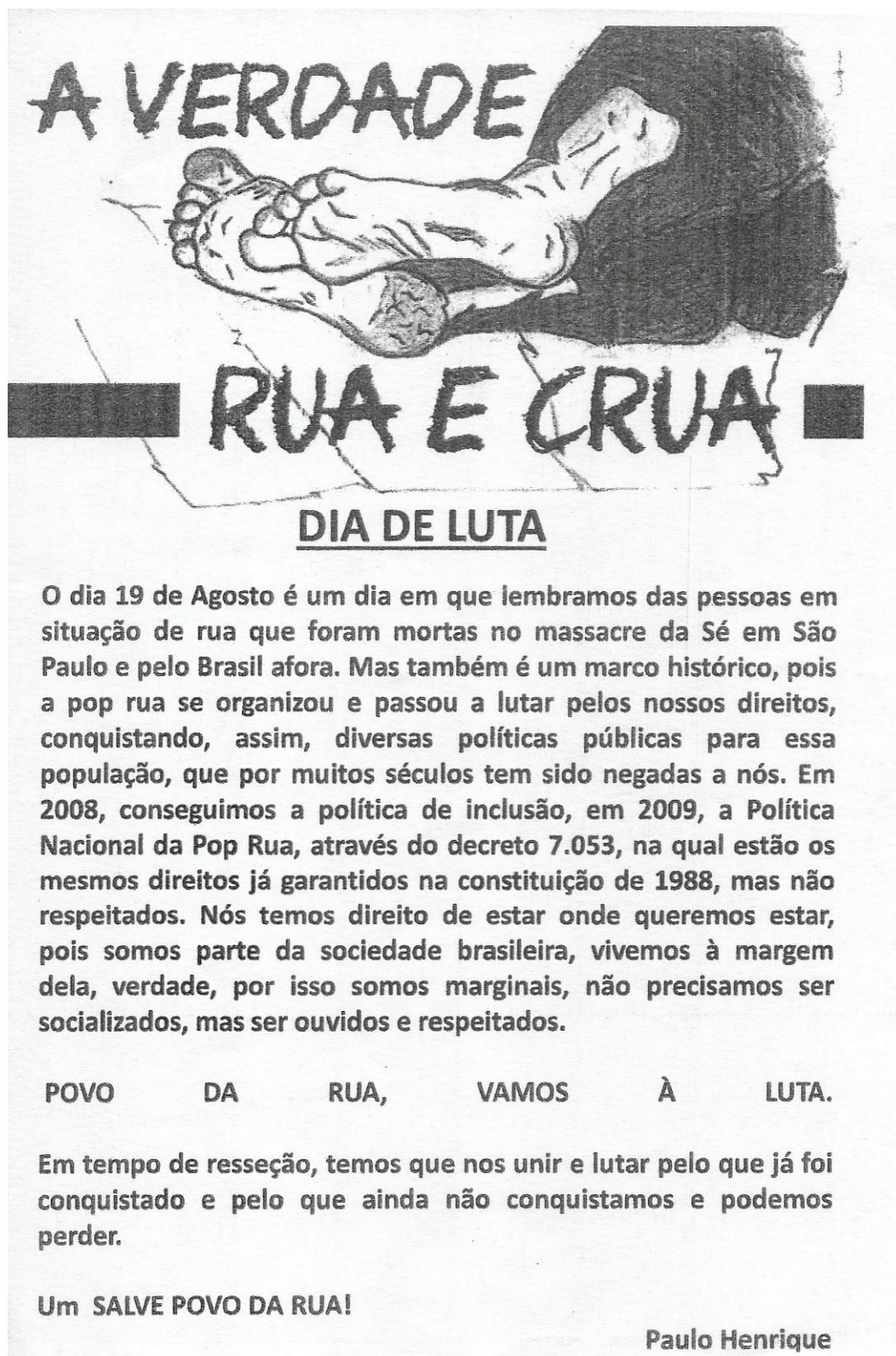
FORMANDO UM JORNALISTA DE RUA

1. Nós, pra sermos jornalistas, temos que respeitar a opinião dos outros e também ser humildes;
2. É necessário compreensão dos moradores de rua;
3. Temos que respeitar uns aos outros;

Fonte: Escaneado pela autora do trabalho

Igualmente por meio do projeto Brinquedos de Saúde, foi lançado em 2019 o livro "Brinquedos de saúde: experiências de Educação e Cuidado na Produção de Vida" pela editora Paka-Tatu, o qual conta com um capítulo assinado pelos integrantes do jornal (MATOS et. Al, 2019, p. 171). No mesmo ano, foi feito um panfleto para ser distribuído na manifestação que marcou o Dia Nacional de Luta da População de Rua de 2019, a qual ocorreu no dia 19 de agosto de 2019 no Mercado de São Brás. O texto, escrito por Paulo Henrique, relembra a origem da data e cita algumas das principais conquistas da mobilização da população de rua, conclamando o povo de rua para continuar a lutar. Foram impressas apenas 50 unidades deste panfleto, pelos próprios voluntários do projeto, em um papel de 14 x 22 cm com o logo do jornal.

Figura 11 - Imagem do panfleto “Dia de Luta” distribuído na manifestação do Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua de 2019



Fonte: Escaneado pela autora do trabalho

Embora esta pesquisa não se restrinja à análise dos exemplares publicados até o momento, a descrição da materialidade do jornal nos oferece dados relevantes sobre a experiência de se fazer um jornal cujo conteúdo é gerado exclusivamente por pessoas com trajetória de rua e a produzir reflexões embasadas na sociologia compreensiva de Schütz e na ética da alteridade de Lévinas.

1.3 Estratégias metodológicas

Para sistematizar as informações dos cinco exemplares do jornal publicados até hoje, recorreremos à análise de conteúdo, uma vez que a técnica tem por finalidade “[...] efetuar inferências com base na lógica explicitada sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (VALA, 1986, p. 104). Assim, o conteúdo do jornal foi dividido em unidades de análise a partir das temáticas mais frequentes, as quais serviram para sistematizar esses conteúdos e garantir fidelidade às informações e validade à pesquisa desenvolvida ao longo dos próximos capítulos.

Além da análise de conteúdo, recorreremos à observação que, conforme Martino (2018, n.p.), enquanto método de pesquisa em Comunicação, “é o acompanhamento sistemático da interação entre pessoas” e pode ocorrer sem participação – quando o pesquisador se limita a observar – ou ser uma observação participante – quando o pesquisador participa das atividades desenvolvidas pelo grupo. Este é o meu caso, já que sou voluntária e não me limito a observar, mas busco viabilizar impressões, ministro oficinas, faço revisão de texto, estou presente nos eventos e nos processos de elaboração. Já a pesquisa-ação, segundo Martino (2018, n.p.), “é orientada para um processo de transformação da realidade”, o que não é a proposta desta pesquisa. Embora eu seja voluntária do projeto “A verdade rua e crua” há quase cinco anos e participe de forma ativa das atividades desenvolvidas, nesta dissertação optamos pela método da observação participante e não pela pesquisa-ação. Acompanhando Thiollent (2003), entendemos a pesquisa-ação como um método para planejar uma ação de cunho social, educacional ou técnico, sendo, portanto, uma pesquisa aplicada.

As expressões ‘pesquisa participante’ e ‘pesquisa-ação’ são frequentemente dadas como sinônimas. A nosso ver, não o são, porque a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em proposta de pesquisa participante (THIOLLENT, 2003, p.7).

As análises feitas a partir da minha participação em algumas das reuniões nas quais o jornal vem sendo produzido não têm a finalidade de oferecer soluções ou criar um plano de ação para o grupo, mas entender os vínculos constituídos a partir da observação deste fenômeno. Neste sentido, esta dissertação pode ser caracterizada como uma pesquisa participante porque, segundo Severino (2007, p.120): “É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades”. O autor diz, ao se colocar em uma postura de identificação com o objeto pesquisado – neste caso, com as pessoas pesquisadas –, é possível observar e registrar descritivamente os elementos observados para fazer interpretações e considerações a respeito dele. Não temos, portanto, a pretensão de apontar iniciativas de transformação da realidade, mas interpretar o fenômeno materializado nas iniciativas do jornal “A verdade rua e crua” a partir de uma postura de identificação e da partilha de vivências obtidas, neste caso, por meio do voluntariado.

Além da observação participante e análise dos exemplares, outra técnica de coleta de dados que utilizamos nesta dissertação foi a entrevista semiestruturada. A opção por entrevistas semiestruturadas nos abriu a possibilidades de, além das perguntas elaboradas previamente, fazer questionamentos espontâneos a partir das respostas. A escolha por entrevistas em profundidade se deu em função das características apontadas por Duarte (2005, p. 62): “A entrevista em profundidade é um percurso metodológico que ousa, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, escolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deixa conhecer”. O objetivo das entrevistas em profundidade nesta pesquisa foi traçar um perfil dos integrantes do projeto, bem como apresentar aspectos práticos das atividades desenvolvidas pelo grupo. Em função disso, entrevistamos cinco jornalistas de rua. Outro motivo pelo qual escolhemos a entrevista em profundidade, foi a ideia de partir da minha experiência empírica como voluntária do projeto para falar sobre assuntos que não estão claros nos impressos.

Quanto à população e à amostra a ser analisada neste estudo, é necessário explicar que, devido à dinâmica própria da situação de rua, o grupo de colaboradores não é fixo, sendo difícil especificar quem ou mesmo quantos são atualmente os

colaboradores do projeto. Neste sentido, utilizamos o método qualitativo para a escolha da amostra dos informantes desta pesquisa, pois uma abordagem meramente quantitativa não seria capaz de dar conta das peculiaridades relativas a este projeto.

A abordagem qualitativa corresponde à necessidade de interpretar o objeto em sua subjetividade e, assim, “Na medida em que objeto é traduzido em seu subjetivismo, isto é, relativo a um fenômeno não mensurável, o método proposto é o qualitativo, [e quando o objeto admite a integração de ambos, o método mais adequado é o quali-quantitativo]” (FIGUEIREDO; SOUZA, 2011, p. 95). Levando em conta a busca por estudar um fenômeno comunicacional por meio do jornal “A verdade rua e crua”, não consideramos adequada apenas uma análise objetiva, mensurável ou concreta. Buscamos interpretar o fenômeno em sua subjetividade, ainda que informações quantitativas – como a quantidade de vezes que a questão das drogas é mencionada nas entrevistas, por exemplo – tenham sido consideradas. Na escolha da amostra, portanto, predominou a abordagem qualitativa, visto que entendemos como mais relevante ouvir em profundidade uma quantidade menor de jornalistas de rua do que ouvir uma quantidade representativa de pessoas que já contribuíram para a confecção do jornal.

O nome dos entrevistados foi mantido em anonimato para preservar a segurança deles, estando todos eles referenciados por meio de suas iniciais. Pelo mesmo motivo, as entrevistas não foram anexadas no apêndice do trabalho, pois entendemos que, diante de um universo reduzido de participantes do projeto “Rua e Crua”, a mera descrição das história de vida já seria suficiente para identificá-los. Todavia, para fins de conhecimento da autora, foram perguntadas informações como: nome completo, idade, profissão, religião, local de nascimento e local onde o entrevistado costuma dormir e se alimentar atualmente.

Também nos exemplares há nomes de participantes mantidos em anonimato por escolha deles mesmos. Nos encontros nos quais a proposta do jornal é apresentada, sempre falamos que os interessados podem participar de forma anônima e que não precisam justificar esta opção. Entendemos que há vários motivos pelos quais uma pessoa pode querer não assinar o conteúdo produzido para o jornal como ser identificada como uma pessoa em situação de rua, ser encontrada por desafetos, ter liberdade para críticas aos serviços de assistência oferecidos na cidade, possíveis retaliações a denúncias de violência, dentre outros. Assim, os autores dos trechos de jornal utilizados nesta pesquisa foram todos referenciados conforme se

autointitularam nos impressos. Já os voluntários são mencionados pelo primeiro e último nome ou apenas pelo primeiro nome, quando em menções subsequentes.

Em relação à aplicação da entrevista, dividimos as perguntas em três blocos: o jornal, a rua e a história de vida dos entrevistados. As perguntas relativas ao jornal foram feitas primeiro por serem consideradas mais objetivas e demandarem uma carga emocional menor do que as relativas aos demais blocos de perguntas. Em seguida, partimos para as perguntas relativas à rua. Finalmente, buscamos descobrir mais sobre a história de vida dos indivíduos, conforme o seguinte esquema:

Quadro 1 – Quadro de perguntas feitas pela autora aos entrevistados

Jornal	Rua	História de vida
Você gosta de participar do jornal? Por quê?	O que você gosta na rua?	Como foi a primeira noite que você dormiu na rua?
Para que ele serve?	O que você não gosta na rua?	Quanto tempo você passou ou está em situação de rua?
Como você o conheceu?	O que você mudaria na rua?	Você tem planos para o futuro? Quais?

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho

Por meio destas perguntas, e de outras espontâneas no decorrer do processo de entrevista, buscamos obter respostas sobre quem escreve “A verdade rua e crua”, que descrição fazem da realidade das ruas e do papel político do jornal.

A partir de suas respostas, buscamos identificar as temáticas mais frequentes nas entrevistas e nos impressos, bem como as diferenças entre as narrativas para constituir o quadro da interseção social das temáticas, o que nos possibilitou a interpretação por meio da tipologia das ações sociais de Schütz (2012). Recorreremos à pesquisa bibliográfica, que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já publicadas, e é, em um sentido restrito, “(...) um conjunto de procedimentos para indicar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário” (STUMPF, 2005, p.54). Segundo Fonseca (2002, p. 31-2), todos os trabalhos científicos devem partir de uma pesquisa bibliográfica que possibilite ao pesquisador conhecer o que já se estudou

sobre o assunto.

Justificamos a opção pelo método da sociologia compreensiva e fenomenológica schutziana pela busca de observar e interpretar as relações sociais entre os colaboradores do projeto nas quais se dá o fenômeno da tipificação por meio da recorrência de determinadas temáticas nos exemplares e nas entrevistas. Para Schütz (2012), o mundo factual é vivenciado como um mundo típico, uma vez que se vivencia o novo a partir da percepção da semelhança com algo previamente vivenciado.

Em outros termos, o que foi experienciado na percepção real de um objeto é aperceptivamente¹⁹ transferido para qualquer outro objeto similar, percebido apenas enquanto tipo. A experiência real conformará ou não nossa antecipação sobre a conformidade desses outros objetos. Se conformada, o conteúdo do tipo antecipado será então ampliado; ao mesmo tempo, o tipo será dividido em subtipos. Por outro lado, o objeto real e concreto provará ter características individuais que, no entanto, possuem forma daquilo que é típico (SCHÜTZ, 2012, p. 130).

Entendemos que o jornal “A verdade rua e crua” traz à tona a experiência urbana vivenciada exclusivamente por pessoas que passam ou já passaram pela situação de rua, com temáticas que vão desde a denúncia da violência até relatos sobre a esperança por dias melhores. Ao refletir sobre o material produzido pelos colaboradores, estamos diante de um universo plural, uma vez que, embora partilhem da situação de rua, cada indivíduo teve seu processo próprio de sínteses mentais. Simultaneamente, estamos diante de um fenômeno social, uma vez que, para Schütz, mesmo as experiências individuais são fundamentalmente sociais (CASTRO, F., 2012, p. 54).

Apesar de nos embasarmos nos pressupostos teórico-metodológicos schutzianos, não utilizaremos os tipos ideais para categorizar os jornalistas de rua. Se assim o fizéssemos, entraríamos em contradição com a proposta levisaniana de deixar o Outro se apresentar a fim de ultrapassar a ideia do Outro em mim (LÉVINAS, 1980, p. 37). A tipologia das relações sociais de Schütz, por meio da descrição das estruturas de essência dos modos subjetivos de orientação no mundo-da-vida, nos abre horizontes para interpretar as relações intersubjetivas enquanto possibilidade de um ponto de referência mútua no qual os processos sociais estão centralizados

¹⁹ “Apercepção: A interpretação espontânea da percepção sensível em termos de experiências passadas do conhecimento previamente adquirido em relação ao objeto percebido” (SCHÜTZ, 2012, p. 341).

(CASTRO, F., 2012, p. 58-9).

Em relação à empiria, escolhemos a abordagem fenomenológica por esta se voltar ao sujeito a partir do que o afeta, vendo no empírico seu potencial de afetação. “A fenomenologia olha para o empírico (constrói um problema) buscando apreender a maneira como diferentes objetos atingem, afetam, são percebidos pelo sujeito” (FRANÇA, 2016, p. 168). Assim, o problema desta pesquisa é centrado nos jornalistas de rua e na maneira como eles se sentem e reagem aos estímulos da experiência de fazer o jornal. Ao nos voltarmos às suas relações intersubjetivas, buscamos a compreensão deste fenômeno social sob a perspectiva da comunicação. Transversalmente, buscamos o Rosto que se revela a partir das páginas deste jornal a fim de pensarmos sobre sua potência na reflexão sobre uma ética da alteridade, na responsabilidade do Mesmo para com o Outro. As interações sociais como objeto de pesquisa da comunicação, conforme Fábio Castro (2015, p.2), buscam a compreensão do fenômeno social na própria interação/ vínculo formado entre as pessoas em torno da produção de conteúdos. “Os vínculos são formas de aproximação espacial, são formas de aproximação entre os corpos. Os vínculos permitem a comunicação ou, até podemos dizer, são ‘comunicação’ no sentido que permitem a constituição das sociedades. (MENEZES, 2009, p. 176). Neste sentido, tomamos a ideia de interação para além da conversação, esta tida em seus processos de ida-e-volta, mensagem e resposta. De acordo com Braga (2011), a interação é “um fluxo sempre adiante”:

Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções midiáticas – cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. Os circuitos aí acionados – muito mais abrangentes, difusos, diferidos e complexos – é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social. (BRAGA, 2011, p. 68).

Seja em presencialidade, seja em inserções midiáticas, o “receptor” repõe no espaço social suas interpretações e aciona os circuitos que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social. Em Schütz (1953, p. 19-21), temos que, mesmo a mais simples interação social, pressupõe uma série de constructos do senso comum baseadas em idealizações da reciprocidade de motivos e que, quanto mais tipificado for um padrão de comportamento, maiores as chances de realizarmos as

situações que temos em mente. Assim, nós nos voltamos a este espaço das respostas “adiante” constituído pelos jornalistas de rua nas interações sociais decorrentes dos processos de feitura dos impressos na tentativa de identificar e interpretar suas estratégias para obtenção das situações que têm em mente, suas auto-tipificações.

Não obstante, reconhecemos que que nestas interações há algo que escapa às formas típicas e que ultrapassa a ideia que nós podemos fazer sobre o Outro: seu Rosto. Conforme Lévinas (1980, p. 37), “O modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia do Outro em mim, chamamo-lo, de fato, rosto”. O rosto, para Lévinas, não é palpável, mas revela o Outro ao substituí-lo, sendo somente por meio deste rosto que a totalidade e a distância infinita que separa um ser do Outro pode ser superada (MARTINO, 2016, p.7).

Mas o que nos revelam os rostos dos jornalistas de rua que escrevem o jornal “A verdade rua e crua?”. Quais as potências das “narrativas errantes” (JACQUES, 2012) expressas nestas páginas? Para enfrentar estas questões-problema, traremos no próximo capítulo interpretações sobre a apresentação deste rosto feitas a pelos integrantes do “Rua e crua”.

2 O OUTRO: COMO SE APRESENTA?

Não consigo lembrar o dia do cortejo que reuniu diversos artistas, ativistas e coletivos de arte e cidadania seguindo da Praça da República em direção ao Porto do Sal. Mas sei que era 2015 e que Carlos Henrique Barbosa – o palhaço das perdas ilusões, hoje vivo apenas em nossas memórias – distribuía os jornais “A verdade rua crua” aos transeuntes (LIMA, 2018, p.78).

Figura 12 - Fotografia de Carlos Henrique Barbosa vendendo exemplares do jornal



Fonte: Fotografia de Caroline Maciel

Lembro perfeitamente, quase tão nitidamente como podemos ver na foto de Caroline Maciel, de Carlos distribuindo os exemplares do “Rua e Crua” na Praça do Carmo, no bairro da Cidade Velha, em Belém do Pará. Carlos e seu enorme nariz vermelho de palhaço, suas roupas coloridas e extravagantes. Lembro de como chamava a atenção dos passantes e abria o caminho para apresentar as suas “narrativas errantes” e as de outras pessoas em situação das ruas da cidade.

As “narrativas errantes”, segundo Jacques:

[...] são narrativas menores, são micronarrativas diante das grandes

narrativas modernas; elas enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim, reafirmam a enorme potência da vida coletiva, uma complexidade e multiplicidade de sentidos que confronta qualquer “pensamento único” ou consensual, como o promovido hoje por imagens midiáticas luminosas e espetaculares das cidades (JACQUES, 2012, p. 20-1).

Mais do que carregar nos braços os impressos com as tais “narrativas menores”, Carlos as carregava em seu próprio corpo e em sua história de vida. Ao contar suas narrativas e distribuir os jornais – que não deixam de ser algumas destas micronarrativas materializadas em papel – Carlos ia estabelecendo vínculos com as pessoas na cidade e, assim, reafirmando potências da vida coletiva por meio da confrontação de consensos a respeito das diferentes formas de vida no meio urbano.

Jacques (2012, p.14) fala sobre o processo de “esterilização das experiências”, no qual as experiências são capturadas, domesticadas e anestesiadas, porém, segundo a autora, não são destruídas: “Uma outra cidade, opaca, intensa e viva se insinua nas brechas, nas margens e desvios do espaço urbano pacificado. O Outro urbano é o homem ordinário que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano, na anestesia pacificadora”, (JACQUES, 2012, p.15). Em sintonia com as ideias dela, acreditamos que as “narrativas errantes” dos jornalistas do “rua e crua” podem desestabilizar partilhas hegemônicas do sensível e conduzir a “resistências e insurgências” da experiência urbana, sobretudo à experiência da alteridade (JACQUES, 2012, p.12). Apesar das poucas tiragens, acreditamos que a iniciativa do jornal “A verdade rua e crua” em se colocar contra o processo de “esterilização das experiências” e buscar trazer à tona as narrativas de sobrevivência das pessoas em situação de rua na região metropolitana da capital paraense é relevante do ponto de vista social. Na tentativa de produzir de novos sentidos por meio da confrontação de um pensamento único referida por Jacques (2012, p. 20-1), recorreremos à obra de Emmanuel Lévinas e sua proposta de ética da alteridade.

As regras e modos de vida seguidas pela população de rua são diferentes daquelas seguidas pelas pessoas em situação de casa, o que faz com que essas sejam vistas por estas como diferentes da maioria da população. O Outro é sempre diferente do Mesmo e, diante da dificuldade de lidar com a imposição dessas diferenças, é frequente a hostilidade do Mesmo em relação ao Outro. O Outro é tido pelo Mesmo como menos humano, é o ser “engasgado, contido, subjugado pela ordem iníqua dos racionais”, que Sabino falava ao descrever a figura arquetípica do

grande mentecapto Viramundo:

Este ser engasgado, contido, subjugado pela ordem iníqua dos racionais é o verdadeiro fulcro da minha verdadeira natureza, o cerne da minha condição de homem, herói e pobre-diabo, pária, negro, judeu, índio, santo, poeta, mendigo e débil mental. Viramundo! Que um dia há de rebelar-se dentro de mim, enfim liberto, poderoso na sua fragilidade, terrível na pureza de sua loucura (SABINO, 2011, p. 190).

A potência da revelação do Outro é discutida por Lévinas (1980), que fala sobre a responsabilidade ética do Mesmo para com o Outro a partir do conceito de Rosto. Para ele, a visão do Rosto é uma assunção do destino de outrem (2010, p.130). De acordo com Martino (2016), a força da alteridade está na interrogação, seja este questionamento a respeito daquilo que se é, seja das representações que temos de nós mesmos. “A alteridade tem a potência de atravessar o sujeito com interrogações a respeito de sua constituição, e esse desafio, quando não constituído na ponte da intersubjetividade, pode ter como resultado o refúgio na clausura da diferença”. (MARTINO, 2016, p.7).o atribuir a potência da alteridade à interrogação, tem-se posto o desafio da abertura para o Outro. É por meio da construção da “ponte da intersubjetividade” que podemos apreender o Rosto do Outro. Diferente de um rosto físico, plástico, aparente, muitas vezes, atribuído por outrem à revelia de si mesmo, o Rosto decorrente do exercício da alteridade tem em si a potência de libertar as pessoas da “clausura da diferença”.

A partir das ideias do filósofo, acreditamos que o exercício da alteridade se apresenta como subversor da ordem vigente ao se propor à compreensão do outro como infinito em lugar da identidade forjada em bases totalizantes. E é no intuito de tentar construir essa ponte rumo ao infinito do Outro que apresentaremos nos próximos subcapítulos as “narrativas errantes” de alguns dos integrantes do jornal “A verdade rua e crua” materializadas nos impressos e nas entrevistas feitas para esta dissertação. Por meio de seus relatos sobre como chegaram à situação de rua, vem à tona suas questões típicas como o medo, as drogas e a violência, bem como seus encantamentos e suas estratégias de resistência.

2.1 Relatos de vida

H.M. contou que conheceu as ruas após uma desilusão amorosa. Ele e a

esposa estavam se desentendendo e ele descobriu que ela tinha outro companheiro:

Foi um fato que não foi só eu, não. Ela procurou também. Eu atendi uma ligação e já era outro que tava ligando pra ela. Aquilo me revoltou. Se o marido dela é eu, como que outro tava ligando pra ela dizendo que era marido dela? Se ela que é a mãe dos meus filho? É um casal que eu tenho, e a mãe da minha neta. Aí eu me chateeí, me joguei nas drogas, me joguei nas bebidas até hoje eu tô andando como ana...anarilho, sabe?... Sozinho, sem mulher, sem nada, sem casa (informação verbal)²⁰.

Ele trabalhava em uma empresa e, desde o ocorrido, passou a faltar ao serviço. Antes de ser demitido por justa causa, foi chamado para comparecer mais uns dias ao trabalho para que fosse demitido e recebesse a indenização. Desde que deixou de ter um emprego formal, H.M. alterna temporadas de 10 a 15 dias na casa de parentes e a situação de rua. Atualmente, ele se sustenta da venda de bombons e de trabalhos temporários, conhecidos popularmente por “bicos”, como auxiliar de pedreiro e serviços gerais. Por estar em constante errância, H.M. se descreve como um andarilho que é, na definição do dicionário Mini Aurélio (2001, p. 42): “aquele que anda muito”. No entanto, entendemos que esta definição não alcança o sentido posto por H.M. pois, embora H.M. descreva a sua saída de casa como um momento de sofrimento extremo – e, no decorrer de outros trechos de sua entrevista, seja notável a insatisfação com a situação de rua devido à constante violência à qual está exposto – sua busca nas andanças é por uma sensação de liberdade. No subcapítulo 2.2. avançaremos na discussão sobre o encantamento rua traz. Por hora, encontramos nas palavras do poeta Manoel de Barros uma definição de “andarilho” que nos ajuda a compreender melhor do que no dicionário o porquê de H.M. se autointitular assim:

Os andarilhos carregam a liberdade deles
nos Passos que não tem onde
Parar
No fundo os andarilhos só estão apalpando
a liberdade.
O caminho deserto deles é viver debaixo
do chapéu. (BARROS, 2010a, p. 124).

²⁰ Entrevista concedida por M., H. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Icoaraci, Região Metropolitana de Belém,2019. Arquivo .mp3 (22 min e 1 s) .

Nas entrelinhas da entrevista, H.M. disse que anda por não ter onde parar. Quando perguntado sobre quais seus planos para o futuro, ele inclui emprego e moradia fixa. Por hora, seu caminho é debaixo do chapéu. Os primeiros passos das “andanças” de H.M. são muito semelhantes aos primeiros passos das andanças de R.M. Embora ele não tenha se identificado como um andarilho, eles se aproximam ao passo que uma perda amorosa foi o estopim para a situação de rua:

Eu nem imaginava que eu ia parar numa situação dessa porque eu sou o tipo do cara que eu sempre trabalhei, tá entendendo? Sempre trabalhei. Então, com a profissão que eu tirei... eu sempre fui família, entendeu? Então a minha esposa faleceu... Eu fiquei só... então... (Incompreensível) Esquecer a... Aí eu abandonei tudo, pra mim fechou... fechou o círculo. Fui pra rua. Eu tinha medo, na realidade, eu não dormia. Minha vontade era beber, beber, beber, beber, beber, beber e desmaiar e esquecer, entendeu? Me lembrava, me acordava no outro dia ainda tava vivo, entendeu? E eu ficava sempre isolado. Sempre isolado. Com medo, porque sempre a história da rua é a violência, entendeu? É a violência. E eu o tipo de um cara que era muito família, entendeu? Desconfiava de todo mundo que encostava em mim, então, não foi legal, foi uma coisa muito... então eu tinha vergonha as pessoas é... eu passava até fome na rua porque eu não sabia pedir. Até hoje, na verdade, eu não sei pedir, tá entendendo? Eu tive uma criação muito... em casa, então... eu passei muita dificuldade, fome... sede não porquê... até uma torneirinha ali que eu via ali pra eu beber uma água eu tinha que olhar pra um lado e pro outro pra ver se eu podia pegar uma água pra não pegar uma escroteada, entendeu? Pegar... Então foi muito difícil, muito difícil mesmo eu morar na rua. Então até o... aí passou os anos eu fui me acostumando, fui me acostumando, fui me dando com as pessoas. Então foi o tempo que eu, sério, meu Deus, eu não quero... eu não quero perder a vergonha porque se perder a vergonha, vai se acostumar na rua (informação verbal)²¹.

Ainda que R.M. tenha citado a morte de sua esposa como o fator que o levou a sair de casa, no decorrer da entrevista, ele revelou que tem uma história de idas e vindas com a situação de rua. Ele contou que teve o primeiro contato com drogas ainda na adolescência, mas que, em um primeiro momento, o uso de entorpecentes não gerava problemas familiares. Até que ele perdeu o controle e passou a usar em excesso, a ponto de impossibilitar a convivência em sua casa e se ver obrigado a abandonar o lar. R.M. chegou a fazer tratamento para a dependência química, casou-se duas vezes e trabalhou com carteira assinada, mas, no decorrer dos anos, alternava períodos em situação de casa e de rua.

Na verdade, a história é tão longa que... é... assim... nem todo tempo a gente lembra de tudo porque... A gente fica muito sequelado, umas horas, entendeu? A nossa cabeça gira, a gente tenta voltar ao passado, entendeu?

²¹ Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44 s).

Nem tudo a gente completa, entendeu? Tá entendendo? É muito complicado, em termos de... família e rua; é uma mistura muito grande porque é... sofrimento, olha, tá entendendo? Então eu... eu sei que eu tive tudo pra voltar a viver tranquilo de novo, entendeu? Muita gente me ajuda, as pessoas me veem e dizem: égua, tu é um profissional, tu tá fazendo o que na rua, jogado? (informação verbal)²².

Ao final da entrevista, R.M. se desculpou por não saber relatar a sua história de vida com precisão: “Desculpa eu não poder ajudar mais... [...] É assim, a mente de um adicto ele... é atrapalhado, tá entendendo? É atrapalhado”. R.M. descreve-se como um homem “família”, que é uma maneira popular de dizer que o convívio familiar é um de seus principais valores; além disso, ele diz ser trabalhador – “pedreiro, carpinteiro, pintor predial e encanador hidráulico” – tranquilo, pacífico, evangélico, gosta de se vestir bem e de “ter a sua liberdade”, ou seja, ter o seu espaço, a sua privacidade: “Eu gosto de ter a minha liberdade... tá entendendo? Eu tenho o meu espaço... entendeu?”. R.M. diz que procura viver bem, melhorar a cada dia e se considera “querido pelos irmãos”, benquisto nos lugares aonde anda. Todavia, a dependência do uso de drogas foi apontada diversas vezes pelo entrevistado como um empecilho ao convívio familiar e a permanência em um emprego formal. Os passos de R.M. se aproximam dos passos de W.S. na ênfase de ambos ao convívio não-violento:

Tanto faz na rua como em outro qualquer lugar que eles estiverem. A gente tem que se gostar e respeitar os outros.

[...]

Eu procuro a paz, né? Que a melhor coisa da vida. (informação verbal)²³.

W.S. tem 65 anos e disse que a sua experiência com a situação de rua é recente. Ele contou que sua irmã ficou viúva no ano passado e ele decidiu viajar para o município onde ela mora para ajudá-la, já que é marceneiro e podia conseguir serviços no local. No caminho, teve todas as suas ferramentas roubadas, ficando impossibilitado de trabalhar:

Foi aí que começou o problema. Quando eu cheguei no terminal da rodoviária, me roubaram todas as minhas ferramentas. Aí, poxa, peguei e me injuriei com isso. Eu quis até procurar o cara pra, de repente, matar. Mas

²² Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44 s).

²³ Entrevista concedida por S., W. Entrevista 3.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (18 min e 30 s.).

depois eu pensei: isso não vai resolver nada, eu vou me prejudicar mais ainda... Fui embora pra Pasárgada²⁴. Chegou lá na Pasárgada eu comecei a beber, praticamente, fiquei jogado... injuriado. (informação verbal)²⁵.

Depois da ida a outro município para ajudar a irmã, W.S. diz que a vida “desandou”. “Mas aí depois aí eu disse: égua, estou fazendo bobagem aqui, vou me reequilibrar. E fiz uma lavagem cerebral, vim pra cá pra Belém e tá nessa aí. Tem uma hora que tá bem, outra hora tá ruim, mas tá suave”. Ele explicou que a sua “lavagem cerebral” consistiu em pensar nas coisas ruins que fez para fazer diferente, “Porque só assim que a gente encontra o lado certo da vida. O outro lado da moeda”. Agora, ele aguarda o recebimento do benefício de sua aposentadoria e já faz planos para o futuro:

Ah, meus planos para o futuro agora, de repente, com essa aposentadoria, alugar uma casa e montar um comércio de comida. Eu trabalho como cozinheiro também. E... ficar como hobby a marcenaria. A hora que der pra marcenaria, eu vou pra marcenaria. [...] E pra comida, pra comida. Vou ganhar dinheiro, isso que é importante. (informação verbal)²⁶.

A busca por estar sempre em paz consigo mesmo e com os demais aproxima a caminhada de W.S. à caminhada de P.C.. Este, que antes de estar em situação de rua já trabalhou como mecânico montador, montador de andaimes e fiscal, agora trabalha como serviços gerais e atendimento ao público em um restaurante. Com a renda, ele se sustenta e paga o aluguel do quarto onde vive. Segundo P.C., mais do que buscar viver bem, as ruas o ensinaram a querer não só o seu próprio bem, mas também o de seu próximo. Quando perguntado sobre como foram os quatro anos que passou na rua, ele respondeu:

Foi bem enriquecedor. A realidade.... Eu... sempre fui... tive uma visão, como na maioria do... da sociedade, das pessoas em situação de casa, que na rua só tem vagabundo, só tem mendigo, só tem pedinte, na rua ninguém quer nada com nada. Eu tinha essa visão. E, quando eu fui pra rua, eu pude conviver com pessoas maravilhosas, pessoas que me ajudaram muito, tanto em situação de casa quanto em situação de rua. Então. conheci a arte da rua... eu pude.... passando tudo o que eu passei na pele.... pude ver as pessoas em situação de rua com outros olhos. É eu digo que eu nasci na área social na rua, coisas que eu não tinha interesse nenhum pela assistência, pela pelo outro, em ajudar o outro. Eu achava que fazendo o meu já era o suficiente. Eu, trabalhando, sustentando a minha família. Eu

²⁴ Nome do município ocultado para garantir a segurança do entrevistado.

²⁵ Entrevista concedida por S., W. Entrevista 3.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (18 min e 30 s.).

²⁶ Entrevista concedida por S., W. Entrevista 3.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (18 min e 30 s).

achava que isso era me tornar uma pessoa de bem, uma pessoa boazinha. E eu descobri que não. É... Na rua eu passei a buscar a garantia de direitos, não só pra mim, mas para todos. Porque a partir do momento... o que antes eu buscava só o meu mundinho, eu descobri que se eu buscar o direito de todos, o meu direito vai ser garantido também. Seja ela qual política for. (informação verbal)²⁷.

“Enriquecedor” é, provavelmente, um adjetivo surpreendente, diametralmente oposto ao que se espera para a descrição de uma situação de vulnerabilidade extrema. No entanto, P.C. segue a sua resposta explicando que, antes da sobrevivência na rua, tinha uma visão limitada, em consonância com o pensamento, segundo ele, da maioria das pessoas em situação de casa sobre quem são as pessoas em situação de rua. Porém, ao conviver com a população de rua, disse ter conhecido pessoas maravilhosas, que o ajudaram. A experiência culminou no que ele chamou de “nascimento na área social”, ou seja, ele deixou de agir de maneira individualista (“fazendo o meu”) e passou a agir de maneira a obter benefícios coletivos (“buscar o direito de todos”). P.C. nasceu em outro estado e morou em Belém pela primeira vez em 2006. Posteriormente, devido ao trabalho, morou em outros três municípios até que, em 2014, separou-se de sua esposa e teve seu contrato de trabalho rescindido. Foi quando decidiu voltar à capital paraense em busca de emprego.

Quando eu cheguei em Belém, que eu fui sacar o meu FGTS, fui assaltado. Levaram toda a minha documentação, meu celular, meu dinheiro, então eu não tinha contato com ninguém, não sabia número de telefone de ninguém porque a tecnologia hoje nos coloca tudo no celular, então eu não gravei nome de ninguém... não consegui acessar mais meu Facebook, não consegui acessar mais o meu e-mail, que era a minha relação de trabalho, então com isso eu fiquei extremamente perdido. Não sabia quem procurar, onde achar ajuda. Com três meses na rua, eu descobri o Centro Pop através de outra pessoa em situação de rua, e aí foi que eu consegui dar um tirar novamente a minha documentação... aí dei continuidade na minha vida. (informação verbal)²⁸

Depois de quatro anos nas ruas, P.C. conseguiu dinheiro suficiente para sair da situação de rua e morar em um quarto alugado. Hoje, ele diz ter criado uma nova família na rua e que uma de suas maiores alegrias é quando é reconhecido na cidade como alguém que briga pelos direitos das pessoas em situação de rua: “Esse reconhecimento e o avanço pessoal que eu tive na... sobre a questão dos direitos. É...

²⁷ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51 s.).

²⁸ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51 s.).

eu não procuro ajudar ninguém pela caridade, e sim para garantir o direito da pessoa. E quando isso dá certo, eu fico extremamente feliz”.

A perspectiva de um futuro menos hostil não é consenso entre os entrevistados. E.C., 24, quando perguntada sobre o que espera para o futuro, respondeu apenas: “Não sei... Assim [nesta situação], não sei”. Seus pais se separaram quando ela era criança e ela e seus irmãos foram criados pela avó materna. Sua mãe foi morar em outra cidade e seu pai constituiu outra família. Ela contou que o convívio familiar era difícil porque moravam tios e primos na casa de sua avó. Quando esta morreu, E.C. tinha em torno de 15 anos e foi expulsa de casa: “Ela faleceu, tudo. Aí o pessoal falou: Tu não vais morar mais aqui, vai-te embora, pega as tuas coisas e vai-te embora”. E.C. disse já ter passado por várias situações de violência na rua:

Assim, eu fui estropada na rua uma vez. Colocaram a faca bem aqui no meu pescoço e eu fui estropada. Já passei por essa violência na rua já. [...] Já levaram as minhas coisas. Ih, eu tenho...de vez em quando eu tenho trauma com homem porque estropador não quer nem saber, né? Quer pegar, que estupra, não tá nem aí. Aí de vez em quando eu tenho muito medo assim também. (informação verbal)²⁹.

O relato de um estupro marca uma diferenciação entre mulheres e homens em situação de rua, uma vez que este é um risco a mais ao qual as mulheres estão constantemente expostas. Sobre a incidência desse crime no Brasil, dados do Sistema Único de Segurança Pública e o Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública, Prisionais, de Rastreabilidade de Armas e Munições, de Material Genético, de Digitais e de Drogas (Sinesp), instituído pela Lei nº 13.675, de 11 de junho de 2018, apontam o registro de 14.118 casos de estupro de janeiro a junho de 2019 (BRASIL, 2018, on-line). O número representa uma redução da incidência, já que o mesmo período do ano anterior registrou 24.484 casos. Embora tenha ocorrido uma redução significativa na quantidade de casos registrados – 42,33% a menos – é preciso levar em consideração que cada crime de estupro traz consequências não quantificáveis para as suas vítimas.

Flauzina (2006) fala sobre a violência contra o corpo na mulher negra. Embora eu não saiba dizer se a entrevistada é negra, é possível estabelecer um elo entre o que a autora fala sobre a violência contra a mulher negra com a violência a qual está sujeita a mulher em situação de rua:

²⁹ Entrevista concedida por C., E. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 33 s).

[...] Estamos diante de uma imagem de feminino completamente avessa à resguardada pelo sistema penal, com seus códigos de honestidade e pureza. Afinal, uma mulher que carrega em si a fonte de tanta excitação masculina só pode ser entendida como partícipe do crime sexual, nunca como sua vítima. A mulher negra é, portanto, a antimusa de um sistema penal que, atravessado pelo racismo e patriarcalismo, está muito mais a serviço da legitimação desse tipo de violência do que contra a sua materialização (FLAUZINA, 2006, p. 133).

Da mesma forma como a mulher negra é considerada “antimusa do sistema penal” e, portanto, é vista como um corpo legítimo à violência, a mulher em situação de rua compõe a imagem de um feminino avesso ao corpo feminino “honesto e puro” resguardado pelo sistema penal. Embora tenha sido vítima de um estupro, E.C. diz que a situação de rua é tão ruim para o homem quanto é para a mulher. Quando perguntei se ela vê diferença entre a situação das mulheres e dos homens em situação de rua, ela negou:

E.C.: Porque assim... a situação de mulher, né? A pessoa tem que ter muito assim... é... participação de... de grupo de... assim... é... assim grupo assim que eu falo é a pessoa ter higiene, ter... tomar mais banho, se preocupar mais com o seu corpo, usar a própria camisinha pra não... pegar uma própria doença ou pegar um filho, ainda tem isso, né? A pessoa pega... Ainda tem isso. Aí eu... porque a mulher a pessoa tem que ter mais... uma higiene mais assim, homem a mesma coisa, ter higiene, ter uma preocupação maior com o seu corpo pra não... pra pessoa não pegar uma doença, tem que usar a camisinha, mesmo pro homem como pra mulher.

[...]

Eu: Mas tu achas na rua é mais difícil pra mulher ou pro homem? E.C.: Pros dois.

Eu: Pros dois? Pra mulher é tão difícil quanto pro homem? Pro homem é tão difícil quanto pra mulher?

E.C.: É.

Eu: Na tua opinião é a mesma coisa?

E.C.: Na minha opinião. Não sei. (informação verbal)³⁰.

Mesmo sem reconhecer as diferenças de gênero na situação de rua, E.C. declarou em outro momento da entrevista: “de vez em quando eu tenho trauma com homem porque estropador não quer nem saber, né?”. Ela relatou que tem medo de dormir na rua e, para evitar situações de violência, procura estar perto de pessoas que

³⁰ Entrevista concedida por C., E. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 33 s).

ela conhece e sabe que não cometerão atos de violência.

Diante da narrativa de E.C., ecoou de forma recorrente nos meus pensamentos o questionamento de Manoel de Barros em forma de versos: “Abandono de um ser:/ seria maior/ que o seu deserto?” (BARROS, 2011). Mas esta é uma questão sem resposta.

2.1.1 O medo

A narrativa do medo foi unanimidade entre os entrevistados e se manifestou em todas as edições do jornal “A verdade rua e crua”. P.C. falou sobre o medo ao relatar a sua primeira noite em situação de rua. Após ser demitido, ele conta que foi vítima de um assalto quando sacava seu FGTS e teve dificuldade de entrar em contato com familiares e amigos, visto que o assalto ocorreu em um Estado diferente daquele que residia na época. Sobre a sua primeira noite na rua, ele contou:

Lembro muito bem que foi aqui em São Brás. Eu não dormia. Ficava com medo de tudo, qualquer pessoa que passava do meu lado eu me espantava. Então eu passei a noite... era... eu lembro até hoje que era uma noite meia fria, chovendo, era o inverno, então eu tentava me abrigar debaixo de alguma marquise, mas batia chuva, o frio.[...] Então foi muito constrangedor, até porque eu não me reconhecia enquanto uma pessoa em situação de rua e estava passando por aquela situação, e tinha sido assaltado, então ainda tava com a... a visão do assalto na cabeça, com medo, não sabia quem era quem, então, não... não conhecia os locais aonde eu podia me alimentar, aonde servia alimento, então eu passei a noite com fome... então esse foi... eu lembro que foi uma tristeza muito grande. (informação verbal)³¹.

P.C. associou o sentimento de medo aos sentimentos de constrangimento e de tristeza, dizendo ser o temor ocasionado, sobretudo, pela presença das demais pessoas em situação de rua. O medo de outras pessoas em situação de rua também foi relatado por H.M., que está há cinco anos em situação de rua. Ele alegou que a rua é um lugar ruim porque a rua “traz maldade”, e explicou:

Eu: Quando tu falas que na rua tem maldade, essa maldade, é de onde?

H.M.: É da rua mesmo, é que tem dos moradores de rua mesmo.

Eu: Dos próprios moradores de rua?

H.M.: Exatamente. Eles começam a se digladiarem, se matarem, se furarem,

³¹ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51s).

quererem roubar os pertences da gente pra vender, pra fumar... Igual aqueles 'aviciados'.

Eu: Mas nem todo mundo que tá a rua é viciado, né?

H.M.: Não. Uns é só na bebida e uns que quer sair mesmo da rua

Eu: Entendi.

H.M.: E não tem aquele apoio.

Eu: Então, o que você não gosta na rua é a maldade de muitas pessoas que estão na rua?

H.M.: Isso.

Eu: São pessoas violentas?

H.M.: Exatamente. Vão roubar teu pertences... (informação verbal)³².

Da mesma forma, R.M. alegou que a violência entre as pessoas em situação de rua gera desgosto, desconfiança e tristeza, sendo algo que ele procura evitar:

Também eu não gosto da parte que... quando... é da violência um com o outro, entendeu? Fica na mesma situação. Isso sempre acontece. Teve amigo meu que já perdeu a vida, entendeu? Pelos próprios amigos, entendeu? de rua. É uma coisa que me chateia porque a gente perde a confiança um do outro, fica todo tempo desconfiado um com o outro. Ao mesmo tempo em que estão comendo no nosso prato, entendeu? estão nos apunhalando pelas costas. Eu não gosto disso, entendeu? Então eu tento... eu tento... eu tento viver entre família, entendeu? bem com os irmãos porque... a gente tem que ter humildade, carinho pelo outro, se entender porque a violência hoje tá muito. às vezes eu até paro pra entender eles porque a droga, o álcool, dá esse distúrbio na pessoa. Eu fico triste quando eu vejo um discutindo com o outro, um roubando outro, fica chato, isso eu não gosto disso, não. (informação verbal)³³.

O medo na situação de rua não vem apenas das demais pessoas em situação de rua, mas também dos agentes de segurança, de pessoas que matam por perversidade e têm as pessoas em situação de rua como alvo – provavelmente por não haver quem reclame suas mortes. H.M. denuncia a violência policial. Quando perguntado sobre como a rua poderia ser menos ruim para as pessoas em situação de rua, ele disse não saber opinar e argumentou:

Porque mandar mais policiamento pra quê? Pra matar agora moradores de

³² Entrevista concedida por M., H. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Icoaraci, Região Metropolitana de Belém,2019. Arquivo mp3 (22 min e 1s).

³³ Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44 s).

rua? Porque olha se um morador de rua se fura ali, eles não estão nem aí. Eles ainda falam assim: Deixa eles se matarem, são cachaceiros, essas porra, são morador de rua, deixa eles se matarem aí. E vão embora, não faz nada. (informação verbal)³⁴.

Para ele, os agentes de segurança não oferecem segurança às pessoas em situação de rua e sim o oposto, já que podem oferecer riscos às suas integridades físicas. Em sintonia com suas ideias, P.C. apontou origens diversas para a violência na rua:

Vem tanto de pessoas que moram na rua, que moram... vem por parte da segurança pública, dos agentes de segurança. vem por parte da retirada de direitos da pessoa. Acha que porque o cara tá dormindo ali no papelão ele não é merecedor de direitos, ele tira seus direitos, então, essa violência psicológica é muito mais forte do que a física. [...] A física também existe. Muito. A população em situação de rua, por várias vezes, é acordada a pontapé, a xingo, a ba... a água, galera joga água na galera quando tá dormindo... então essa parte... e as próprias pessoas que acabam morando na rua, dormindo na rua, que acabam sofrendo esse tipo de... violência. (informação verbal)³⁵.

Para além da violência física, a violência psicológica da discriminação foi igualmente uma narrativa recorrente entre os entrevistados. O preconceito foi apontado por P.C. como algo mais nocivo do que agressões físicas. Quando perguntado sobre o que ele não gosta na rua, respondeu:

A violência e o preconceito contra as pessoas em situação de rua. Dói muito mais... você tá andando por uma calçada e a pessoa virar a cara pra ti ou atravessar do que ela te dar uma porrada. Então, esse preconceito dói demais, esse preconceito é a parte ruim da rua. (informação verbal)³⁶.

Ao utilizarem o jornal para contar suas próprias histórias, os jornalistas de rua põem em evidência as abissais diferenças entre a situação de rua e a situação de casa. Nelas estão contidos casos de sofrimentos físicos e psicológicos, sendo elas vítimas de maus tratos familiares, abusos sexuais e outras situações de extrema violência as quais estiveram e estão sujeitos nas ruas.

É o caso do texto “A minha vida”, em que Carlos A. S. Lima conta sobre a sua

³⁴ Entrevista concedida por M., H. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Icoaraci, Região Metropolitana de Belém,2019. Arquivo mp3 (22 min e 1 s).

³⁵ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51 s).

³⁶ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51s).

experiência com as drogas, do uso esporádico ao completo descontrole e a ida para as ruas. O desfecho do relato é positivo: “Com a ajuda da equipe e do psicólogo, hoje estou mudando o pensamento, sentimentos e ações. E hoje minha família está me devolvendo o carinho e amor que, devido ao meu uso, ‘perdi’” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 2).

Na quinta edição, Rosquinha conta a sua história.

Bem, vou tentar contar um pouco da minha história. Aos 6 anos de idade fui violentado sexualmente pelo meu próprio primo, com quem fui obrigado a manter relações sexuais durante 8 anos. Hoje eu trabalho com vendas de rosquinhas nas ruas da cidade, nos sinais de trânsito, etc. Onde o cara para o carro e pergunta “e aí, quanto é a tua rosquinha?” e, por uma questão de necessidade, eu acabo entrando no carro do cara. Essa é um pouco da minha realidade “nua e crua”. Ok! Um Abraço. Rosquinha (A VERDADE RUA E CRUA, 2018b, p. 1).

Na quarta edição, um autor que assinou com as iniciais “P.B.” conta que em sua infância e juventude tinha uma boa estrutura familiar, tendo estudado em bons colégios. Chegou a trabalhar no Rio de Janeiro e em São Paulo, contudo, quando retornou a Belém, desentendeu-se com seu irmão e foi à situação de rua:

Em uma briga violenta que chegou às vias de fato com meu irmão, decidi radicalmente sair de casa, e, o que é pior, sem nenhum plano B. Juntei tudo o que eu tinha e, por causa do meu orgulho ferido ou besta, fui embora. Sem nenhum planejamento e lugar onde ficar, fui “morar” nas ruas, infelizmente. (A VERDADE RUA E CRUA, 2018a, p. 10).

Em um texto anônimo, uma jornalista de rua conta sobre a sua expulsão de casa: “Eu moradora de rua já sofri muita humilhação só porque eu fui embora de casa, porque a minha mãe me humilhava muito. Jogava que eu não seria nada. Na rua tinha gente que queria fazer mau pra mim” (A VERDADE RUA E CRUA, 2018b, p. 2). Os quatro depoimentos não são os únicos relatos sobre como determinadas pessoas foram parar em situação de rua, mas exemplificam os casos mais comuns que levam as pessoas às ruas, como desavenças familiares e a perda de controle no uso de álcool e drogas.

As motivações que resultaram na situação de rua foram apontadas na Ação de Monitoramento da Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério da Cidadania (SAGI/MC) do Governo Federal, divulgada em junho de 2019. Conforme a pesquisa, das 45 mil pessoas em situação de rua no Brasil., 36% têm problemas com álcool/drogas, 30% foram às ruas pelo desemprego e 29% atribuem a situação às

desavenças com a família (CORTIZO, 2019, on-line).

Os dados utilizados no artigo mais recente da SAGI/MC são do Censo Nacional sobre a População em Situação de Rua (Censo Pop Rua), cuja coleta de dados foi feita entre outubro de 2007 e janeiro de 2008 em 71 cidades brasileiras, não incluindo as capitais brasileiras São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre. O Censo Pop Rua entrevistou pessoas maiores de 18 anos e consideradas em situação de rua de acordo com os critérios estabelecidos pelo Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e dá outras providências:

São entendidas como população em situação de rua as pessoas que utilizam, em um dado momento, como local de moradia ou pernoite espaços de tipos variados, situados sob pontes, marquises, viadutos, à frente de prédios privados e públicos, em espaços públicos não utilizados à noite, em parques, praças, calçadas, praias, embarcações, estações de trem e rodoviárias, à margem de rodovias, em esconderijos abrigados, dentro de galerias subterrâneas, metrô e outras construções com áreas internas ocupáveis, depósitos e prédios fora de uso e outros locais relativamente protegidos do frio e da exposição à violência. Foram ainda consideradas componentes da população em situação de rua as pessoas que dormem em albergues e abrigos, de forma preferencial ou ocasional, alternando o local de repouso noturno entre estas instituições e os locais de rua. (BRASIL, 2009).

Dentre os principais resultados obtidos por meio do Censo Pop Rua estiveram a identificação de 31.922 adultos em situação de rua, sendo 82% deles homens. Mais da metade dos entrevistados tinham de 25 a 44 anos no momento da entrevista e 67% do total se declarou parda ou negra. A pesquisa mostrou ainda que 71% deles exerciam atividades remuneradas, como coleta de materiais recicláveis, “flanelinha” (guardador de carros), serviços gerais e 2% trabalhavam com carteira assinada.

Embora os dados mais recentes do site Governo Federal remetam a pesquisas antigas, grande parte das informações obtidas assemelham-se ao que é observado empiricamente nesta pesquisa de campo e pelas estatísticas do pelo Setor de Vigilância Socioassistencial da Fundação Papa João XXIII (SEVISA/ FUNPAPA) apresentadas capítulo primeiro desta dissertação. A maior parte da população de rua na Região Metropolitana de Belém e dos participantes do jornal “A verdade rua e crua” é de homens, sendo poucos deles muitos jovens ou muito idosos. Também é perceptível a predominância de pessoas negras e pardas, bem como daquelas que exercem atividades de baixa remuneração, a exemplo da venda de bombons e de “bicos” na construção civil.

2.1.2 As drogas

A temática das drogas está presente em todas as edições do jornal “A verdade rua e crua”. Em alguns relatos, a pessoa vai para a situação de rua em função do uso de drogas; em outros, ela utiliza as drogas para suportar a situação de rua. Na primeira edição, há um poema intitulado de “Drogas e Rua”, incentivando as pessoas a largarem o vício, além dos textos Debaixo das marquizes (sic) e Bruscreen, os quais descrevem a trajetória de pessoas em situação de rua e seus envolvimento com as drogas (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 3-4).

Na segunda edição, o texto intitulado “16/09/16” conta uma história anônima de uma pessoa que começou a usar drogas com 10 anos e os textos “20/09/2016” e “Ressocializa” registram as lutas de Geferson e Adriano Lima, respectivamente, para enfrentar as dificuldades geradas pelo uso excessivo de álcool e drogas (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 2-3). Histórias semelhantes estão em “Tempos de rua”, “Violência e Drogas”, “Eu me chamo Verônica”, dentre outros textos. (A VERDADE RUA E CRUA, 2017, p.2).

Nery Filho (2012) parte da ideia de vida e morte enquanto questões indissociáveis da natureza humana para levantar uma discussão sobre o porquê dos seres humanos usarem drogas. O autor argumenta que a vida ganha sentido no reconhecimento da morte e que as drogas serviriam para alterar a percepção de si e do mundo e, assim, mitigar a dor psíquica da noção de finitude.

Não são as drogas que fazem os humanos – já foi dito; são os humanos que fazem as drogas ou, se dissermos de outro modo, em função dos buracos/faltas que constituem a estrutura de nossas histórias. Alguns de nossos filhos terão pequenos espaços para as drogas em suas vidas; outros filhos nossos encontrarão mais facilmente nas drogas a possibilidade de suportar o horror da exclusão pelo nascimento. (NERY FILHO *et al.*, 2012, p.20).

Neste sentido, elas servem para suprir carências subjetivas e sociais que são constitutivas das histórias de vida das pessoas, sendo maiores as tendências ao uso quanto mais insuportáveis forem as dores psíquicas geradas ou agravadas pelas condições de existência. Ampliando o debate a respeito das diversas motivações para o uso das drogas, Miranda (2012) e Garcia (2016), enumeram algumas das principais funções das substâncias psicoativas na história da Humanidade:

Uso que sempre fez parte da condição humana a milhares de anos, cumprindo as mais amplas funções; usos que se inscrevem na cultura de povos, em suas religiões, rituais, no auxílio à força produtiva; usos proporcionadores de prazeres, satisfações, alteradores de estados de consciência; usos medicamentosos, de alívio de tensões, stress, amenizando dores e sofrimentos.(MIRANDA, 2012, p.244).

As drogas foram utilizadas como instrumentos religiosos, místicos, mágicos, como medicamentos, como facilitadores da interação e da comunicação, como instrumentos recreativos, de escape da realidade, como auxílio no intuito de aumentar a produtividade no trabalho, entre outros (GARCIA, 2016, p. 103).

Diante de tantos usos e em tão diferentes contextos, é preciso reconhecer que as condições sociais tornam o uso das drogas problemático. Algumas destas questões foram abordadas pela pesquisa promovida pela parceria entre a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), do Ministério da Justiça (MJ), e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) por meio do projeto “A gênese social do crack”, coordenado pelo professor Jessé Souza. A pesquisa investigou a relação entre o uso do crack e a exclusão social.

Não é a malignidade da droga, portanto, que cria a prisão do vício, mas, o abandono afetivo e social e a experiência silenciosa de uma humilhação ubíqua e sem explicação palpável. A raiva e o ressentimento do abandono e da humilhação cotidiana podem se transformar, por exemplo, em “indignação” política e servir de motivação para uma vida com sentido de missão ainda que pobre materialmente. Mas também essa transformação exige pressupostos cognitivos e emocionais que são escassos nas classes populares. Mais ainda entre os que estamos chamando de desclassificados. Nesses casos, para muitos, a reação é dirigida contra si mesmo e o consumo da droga é uma tentativa desesperada de fugir de um cotidiano intragável ainda que o consumo progressivo apenas aumente o desprezo social e a degradação subjetiva e objetiva (SOUZA, 2016, p.37).

Conforme o autor, a droga não é, em si, um problema, mas são as questões sociais que levam à “prisão do vício”. Neste “abandono afetivo e social”, as pessoas em situação de rua sobrevivem expostas às mais variadas formas de violência e encontram suas próprias maneiras de suportá-las. Alguns exemplos dessa “humilhação ubíqua e sem explicação palpável” da qual fala o autor são expressos nas narrativas dos jornalistas de rua.

2.1.3 A violência

A matéria de capa da segunda edição traz depoimentos com nomes fictícios de diversos autores sobre a violência:

Marcela: Ele me pegou pelo pescoço e disse: “tu já és seca, vais ficar mais seca ainda”. Ele disse que gosta de bater em mulher grávida e “rebarbada”. Estava na praça, em São Brás, e eles me mandaram embora. Eles me acompanharam com a viatura até eu sair da praça.

[...]

Marcelo: Tem policiais que chegam conversando, mas tem outros que chegam revistando, dando “porrada”. “Como é teu nome?” e um tapa na cara. “Vai-te embora”. Eles rasgam nossa bolsa, fazem o que querem e depois mandam juntar. A gente quer ter paz, mas a gente não consegue. Eles nos olham, mas não olham a nossa consciência. Só a deles. O juiz olha os caras que estão presos. Nós estamos apanhando e ninguém olha o nosso lado.

[...]

João: Eu estou 15 dias na rua. Uma experiência que eu nunca passei. Não quero mais ficar na rua, quero voltar para casa, mas não tenho condição financeira. A rua é muito violenta. (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p.1).

A violência não vem apenas de policiais, mas de familiares, pessoas da sociedade civil e de outras pessoas em situação de rua. Um exemplo disto está no texto intitulado “Vigia de Nazaré”, assinado por R. Nonato Chaves:

Acontecido. Um amigo roubou um botijão e deu para um amigo vender dizendo que era dele e através disso o pai do vendedor do bujão disse que as pessoas podiam espancar o seu filho. E assim fizeram. A população, assim, começou o espancamento. Não mataram porque algumas pessoas tiveram dó e não deixaram matar o rapaz, mas para que não acontecesse o pior, essa pessoa teve que ir embora da sua cidade. Essa pessoa acusada sou eu (A VERDADE RUA E CRUA, 2018b, p.2).

A descrição da tentativa de linchamento do entrevistado nos evoca novamente Mbembe. No imaginário da soberania, o Outro é um atentado contra a vida do Mesmo, “[...] cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança” (Mbembe, 2018, p. 20). O necropoder (MBEMBE, 2018, p. 71) – não necessariamente estatal – cria seus inimigos ficcionais – viciados, vagabundos, criminosos – a quem tem o direito de matar. A situação de rua é uma expressão do necropoder na medida em que armas de fogo e outras formas de assassinato, como a fome, as doenças, a violência e o sofrimento mental, submetem populações a condições de vida de “mortos-vivos”.

2.2 Encantamentos

Mas o que há de “vivo” nestes “mortos-vivos”? Há beleza nas ruas para quem

vivencia a situação de rua? Para discutir estas questões utilizamos a categoria “encantamentos” em referência à palavra “encantadora” cuja origem etimológica em latim é “cantamen”³⁷¹⁹ (REZENDE; BIANCHET, 2017, p. 57) – estar sob o efeito de palavras mágicas. A partir de alguns depoimentos, entendemos que, muitas vezes, é como se as ruas lançassem sobre as pessoas um “encanto”, uma “mágica” fazendo-as vê-la não apenas como um lugar hostil, mas também como um refúgio, um lugar belo.

Embora as pessoas em situação de rua não estejam na rua apenas flanando, desfrutando da escolha do ócio, mas em situação de extrema vulnerabilidade; mesmo enfatizando que a situação de rua é inaceitável tanto do ponto de vista moral quanto do ponto de vista constitucional, uma vez que os direitos e garantias individuais estão previstos como cláusulas pétreas da Constituição Federal Brasileira (art. 60, parágrafo 4º, IV); ainda assim, é possível pensar em semelhanças entre o conceito de *flâneur* e alguns dos relatos sobre a situação de rua.

O arquétipo do *flâneur* é discutido por Benjamin (1994) e tem suas origens na literatura panorâmica e nas fisiologias³⁸, gêneros literários que se ocupavam de descrições frívolas da cidade. Posteriormente, ele teve lugar também em uma literatura voltada aos aspectos inquietantes da vida urbana, vinculada às ciências e à filosofia, sendo o *flâneur* uma espécie de detetive das multidões, antecipando em suas descrições os romances policiais. O arquétipo teve seu auge nas galerias parisienses por volta de 1840 e, mais do que uma pessoa com condições financeiras para desfrutar do ócio em ruas elitizadas, ele representava, sobretudo, um solitário na multidão. “O *flâneur* é um abandonado na multidão” (BENJAMIN, 1994, p.51). Dentre as características associadas a ele estavam: antissocial, afeito ao humano em detrimento à afeição à natureza, inofensivo, tem o dom de adivinhar as pessoas. Mas é, sobretudo, no conto de Edgar Allan Poe (1840, on-line) “O homem na multidão” que encontramos semelhanças entre o *flâneur* e os rostos apresentados nesta

³⁷ “Cantamen, cantamīnis, (n.). (canto): encantamento, encanto, magia”.

³⁸ O termo “fisiologia” foi transcrito da tradução que consultamos da obra de Benjamin (1994). Todavia, entendemos que o termo mais correto a ser utilizado para o *flâneur* benjaminiano é “fisiognomia”: “La fisiognomía es el arte que permite conocer el carácter o la condición psicológica de una persona a partir de sus rasgos físicos” (MANZANO; DELCÁN, 1999, n/p). Tradução da autora: “A fisiognomia é a arte que permite conhecer o caráter ou a condição psicológica de uma pessoa a partir de seus traços físicos”. Ainda sobre o tema: “Genericamente falando, a fisiognomia benjaminiana é uma espécie de ‘especulação’ das imagens, no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenhes de história”. (BOLLE, 1994, p. 42).

dissertação. Percebemos no conto de Poe que tanto o perseguidor quanto o perseguido na narrativa de Poe são *flâneurs*. A diferença é que, enquanto o narrador acompanha o seu alvo por vontade própria, tendo acesso a um ócio que o permite tanto desfrutar de um café em uma galeria quanto a acompanhar o transeunte pelo tempo desejado, “o homem na multidão” vaga, arredio e solitário, e se desespera ao encontrar a taverna fechada. Este homem que vaga poderia ser qualquer um dos jornalistas de rua do “A verdade rua e crua”. Também encontramos semelhanças entre o rosto dos entrevistados e o *promeneur* de Jean-Jacques Rousseau (1999). Em seu livro, traduzido no Brasil como “Os Devaneios do Caminhante Solitário”³⁹, ele conta como passou a encontrar a paz em sua vida solitária após ser rejeitado pela sociedade ao publicar livros nos quais questionava os principais pilares políticos e religiosos de seu tempo. “Então aqui estou eu, sozinho na terra, não tendo mais irmão, pessoa próxima, amigo ou sociedade além de mim mesmo”⁴⁰ (ROUSSEAU, 1999, p. 23, tradução da autora). Ao compartilhar seus devaneios, o *promeneur* fala das frustrações da vida social, tal qual nossos jornalistas de rua. A diferença, contudo, é que este arquétipo exalta a natureza e despreza a vida urbana em sociedade, depoimentos como estes não foram encontrados nos impressos analisados e nem nas entrevistas desta dissertação.

Guardadas as devidas ressalvas, tal qual um *flâneur* ou *promeneur*, alguns dos jornalistas do “Rua e Crua” revelaram um lado bom em estar na rua. É o caso de Josiano Batista, em “Debaixo das marquizes”(sic): “Procuro encontrar nas ruas sensações que me façam sentir a liberdade. Comparo isso a uma viagem que faço no mais profundo da minha alma, viajando comigo em meus devaneios até chegar ao meu destino [...] Sinto-me em uma guerra que me leva a ver que essa liberdade tem um preço a se pagar” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 3). Assim como ele, Diemerson Castro publicou: “Nas ruas têm muitas coisas ruins e muitas coisas boas, mas eu quero sair dela” (A VERDADE RUA E CRUA, 2018b, p. 2). Entendemos estas descrições da relação com a rua como uma relação de encantamentos, pois eles mesmos reconhecem como ilusória a sensação de liberdade de uma vida sem regras, já que há “um preço a se pagar” ou já que é preferível sair da situação de rua, apesar das coisas boas que ela oferece.

³⁹ No original, “Les rêveries du promeneur solitaire”

⁴⁰ No original: “Me voici donc seul sur la terre, n’ayant plus de frère, de prochain, d’ami, de société que moi même”.

Dois dos cinco entrevistados disseram não conseguir pensar em nada de bom em relação à rua. Para H.M., “tudo na rua é ruim” porque “a rua traz maldade”. Já E.C. garantiu que se tivesse a oportunidade de estar em situação de casa, não sentira falta de nada da rua. Embora tenha concordado com a afirmativa de que a pessoa em situação de rua é livre, ela disse não haver segurança na rua, “[...] é violento, tem estupro, essas coisas”. Entretanto, lembrando a primeira noite dormida na rua, E.C. disse ter achado que não teria segurança nas ruas, porém, sentiu-se segura e apoiada pelas demais pessoas que estavam próximas a ela na ocasião:

A primeira vez eu dormi na rua... mas eu... Eu pensei que não ia sentir segurança na rua, né? Mas, graças a Deus, eu consegui ter segurança e tal. Todo mundo deu apoio, deu segurança... Não aconteceu nada comigo que aconteceu no outro dia e tal [referência a um estupro relatado em outro momento da entrevista], no outro dia... (Informação Verbal)⁴¹.

Provavelmente a sensação de segurança sentida na rua se deveu ao fato de E.C. ter sido expulsa de casa ainda na adolescência em decorrência de conflitos familiares. Para pessoas cujo ambiente familiar é muito violento, a rua pode ser vista, ainda que apenas momentaneamente, como um refúgio. Para R.M., que alterna entre situação de casa e situação de rua há aproximadamente dez anos, a relação com a rua é ambígua:

Eu gosto na rua... é... eu vou lhe falar umas verdades. Eu gosto de ter a minha liberdade... tá entendendo? Eu tenho o meu espaço... entendeu? Não o caso de ser... o... porque é...o... tenho uma casa, tá entendendo? Mas eu tenho... eu tenho uns amigos que também são muito... são gente boa. Eu sou o tipo do cara que eu... eu separo as coisas, eu não misturo, entendeu? Então a rua pra mim eu... (incompreensível) por enquanto, entendeu? Por enquanto... não sei o dia de amanhã, não sei mais tarde, tá entendendo? Eu já tive muita oportunidade na rua assim de... de trabalho entendeu? De ter outra família, tá entendendo? Mas... nem todo tempo a gente fica bem porque... vem a droga, vem... aquele tempo que a gente fica... sozinho... e o tempo que a gente fica sozinho, entendeu? Tem... a mente vazia, né? Aí já viu. Aí. Vem aquele... Fulano... Fulano Igual aquele desenho do Pica Pau, né? que tem aquele anjinho aqui, um bem e um mal, não é? Fala assim... ei bora pra ali fumar uma maconha Entendeu? Aí, no caso, tem que separar as coisas. Então... A rua pra mim é um refúgio. é um refúgio. Eu procuro a melhora. Tem que procurar a melhora. Hoje eu procuro a melhora. (informação verbal)⁴².

⁴¹ Entrevista concedida por C., E. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 33 s).

⁴² Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44s).

Ao falar sobre o que gosta na rua, R.M. apresenta uma narrativa de linearidade confusa. Ele afirmou saber “separar as coisas”, o que é bom e o que é ruim na rua e, entre as características positivas, ele disse ser na rua onde ele consegue ter a sua liberdade e seu espaço, além de ter amigos de quem gosta (“são gente boa”), sendo a rua, neste sentido, um refúgio. Porém, ele também alegou ser por meio dela que ele tem contato com quem lhe oferece drogas, as quais aceita algumas vezes, o que o deixa mal (“nem todo tempo a gente fica bem”) e o faz perder oportunidades de trabalho e de constituição de família. Assim, mesmo ao reconhecer a rua como um local ao qual pode recorrer quando deseja escapar de alguma circunstância, o entrevistado afirmou esperar que a situação de rua seja algo temporário, já que hoje ele “procura a melhora”.

Da mesma forma que R.M., quando perguntado sobre o que gosta na rua, W.S. enumerou características positivas:

Bom, na rua, na realidade, eu não gosto muito de dormir na rua. Mas a rua, às vezes, traz benefícios também, não é? Como por exemplo. A gente não tem nada o que comer, de repente de noite aparecem os irmãos da igreja e trazem uma alimentação pra gente. Às vezes traz roupa, traz remédio. (informação verbal)⁴³.

W.S. enfatizou que não gosta de dormir na rua, mas encontra nela benefícios, como a doação de alimentos, roupas e remédios. Já P.C. foi o entrevistado que conseguiu citar a maior quantidade de boas características. Para ele, a rua é bela:

A rua... Assim como eu já falei, ela é bela. Ela tem muita arte, tem muita cultura... é.... Na rua você consegue... por incrível que pareça, se alimentar bem, porque tem muitas pessoas que, muitas das vezes, vai pelo viés da caridade e dá algum alimento. Mas, algumas enxergam como garantia da segurança alimentar. Então você consegue comer muito bem na rua e tem uma... embora seja falsa, mas tem uma liberdade na rua que você, quando tá numa sociedade convencional, você não consegue ver isso. Você tem muitas obrigações, muitas responsabilidades, e na rua, por incrível que pareça, você tem a sensação que desaparece, você se sente livre. Só que é falsa porque na rua, como qualquer local, tem suas regras, suas leis que tem que seguir. Mas... essa questão do... da sensação da liberdade é muito boa. (informação verbal)⁴⁴.

P.C. disse que na rua tem arte, cultura, acesso à boa alimentação, sensação

⁴³ Entrevista concedida por S., W. Entrevista 3.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. 1 arquivo .mp3 (18 min e 30 s).

⁴⁴ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51s).

de desaparecimento de obrigações e responsabilidades, além de um sentimento de liberdade. Contudo, ele alega serem falsas muitas das sensações boas que a rua traz, pois há regras a serem seguidas como em qualquer outro lugar.

Como disse R.M. em sua entrevista (“A rua pra mim é um refúgio... é um refúgio”). Há uma espécie de encantamento pela ideia de estarem “livres” das tarefas domésticas, de boletos, de horários para dormir e acordar, das “muitas obrigações, muitas responsabilidades” descritas por P.C., contudo, este reconhece: “Só que é falsa porque na rua, como qualquer local, tem suas regras, suas leis que tem que seguir”.

Maciel (2018) identificou algumas destas regras em sua dissertação que buscou “compreender práticas e sentidos atribuídos ao viver na rua por pessoas em situação de rua em Belém” (MACIEL, 2018, p.5). Uma delas é procurar dormir ao lado de pessoas em quem se confia, sobretudo se essa pessoa estiver mais apta a identificar possíveis situações de perigo. “Eu só durmo com Almir e o Ronaldo, que ele conhece a turma da pesada. [...] tu não vê que eles só vivem junto? Que eles sabem onde tá o perigo que tá ao redor deles. Eu gosto de dormir do lado dele” (Participante *apud* MACIEL, 2018, p. 46). Seus entrevistados também disseram que costumam dormir em lugares públicos, como aeroportos e universidades, ou próximo a vigilantes de empresas e instituições. Outra regra citada pelos participantes foi não usar drogas no lugar onde dormem ou limpar o local após o uso e mantê-lo sempre limpo. Em casos em que a polícia apreende a droga, eles não podem denunciar a quem a droga pertence sob o risco de morte. Também foi citado “respeitar os transeuntes” como uma regra a ser obedecida pelas pessoas em situação de rua (MACIEL, 2018, p. 46-54).

A aura de encantamento das ruas inspirou vários escritores e musicistas brasileiros a produzirem diversas obras, dentre elas, o livro “A alma encantadora das ruas”, no qual João do Rio (2008) traz crônicas com diversos elementos das ruas do Rio de Janeiro Moderno, como os mercadores, os músicos ambulantes, os cocheiros, os trabalhadores da estiva, as mulheres mendigas, dentre outros sujeitos. O livro reflete o Rio de Janeiro Moderno, período em que as colunas sociais, inauguradas por Alberto Figueiredo Pimentel, em 1907, funcionavam como um termômetro das transformações pelas quais o Rio de Janeiro passava. O subtítulo da sua coluna semanal “Binóculo” marcou época com a expressão “O Rio civiliza-se”, publicada no jornal “Gazeta de Notícias” (CASTRO, R., 2019, n/p). A época ficou conhecida como

Belle Époque Tropical (NEEDELL, 1993, p.39).

As tensões sociais decorrentes das reformas urbanas feitas pelo prefeito Francisco Pereira Passos na capital carioca foram muito semelhantes às enfrentadas pela população belenense na Belle Époque amazônica (PENTEADO, 1968), uma vez que estes processos “civilizatórios” consistiam em transformações do meio urbano que favoreciam às elites, como a ampliação de vias públicas e construções de grandes teatros, e marginalizavam a população de baixa renda, a “classe perigosa”, com a demolição de cortiços e casas comerciais.

Mesmo com o fim da Belle Époque paraense e da carioca, as contradições e desigualdades sociais ainda deixam seus rastros na relação desilusão, mas também de encantamento com as ruas. Nas palavras de João do Rio (2008):

Para compreender a psicologia das ruas, não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flanar (RIO, 2008, p. 31).

Ao descrever a arte de flanar, João do Rio alegava ser necessário “ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível” (RIO, 2008, p. 31). Este “espírito vagabundo” e este “desejo incompreensível” foi visto em alguns trechos das entrevistas com os jornalistas de rua. É possível relacionar essa ideia com o depoimento dos entrevistados que apontaram pontos positivos na rua considerando que há nestes um “espírito vagabundo” – não no sentido pejorativo da palavra vagabundo, mas na ideia daquele que vaga – seja no H.M., ao se descrever como um “andarilho”; seja no R.M., que precisa de espaço (“[na rua] Eu tenho o meu espaço...”); no P.C. que gosta da “liberdade” da rua “que você, quando tá numa sociedade convencional, você não consegue ver isso”. Há em alguns dos depoimentos indícios das “curiosidades malsãs” descritas por João do Rio, como disse R.M.: “tem aquele anjinho aqui, um bem e um mal, não é? Fala assim... ei...bora pra ali fumar uma maconha...”. Curiosidades como estas os conduzem, muitas vezes, às drogas e outras situações de risco; sendo possível identificar nas entrevistas um “perpétuo desejo incompreensível”, a exemplo do que José põe em contraste ao revelar o seu desejo de escapar do “preconceito”, “a parte ruim da rua” e, ao mesmo tempo, o desejo de desfrutar da “sensação da liberdade” da rua, que “é muito boa”.

Por meio dos jornais e dos relatos dos entrevistados desta dissertação,

entendemos que mesmo que a situação de rua seja sobretudo de indignância, são estabelecidos por meio dela vínculos de prazer, são constituídos modos de desfrute desta “alma encantadora das ruas” captada por João do Rio: “A rua era para eles [dicionários] apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações... Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!” (RIO, 2008, p. 29). Nas palavras de W.S.: “Mas a rua, às vezes, traz benefícios também, não é?” ou como disse P.C.: “A rua... Assim como eu já falei, ela é bela. Ela tem muita arte, tem muita cultura...”. Quando R.M. informou: “tenho uma casa, tá entendendo? Mas eu tenho.... eu tenho uns amigos que também são muito... são gente boa”, ele revelou, por meio deste contraste, que há vínculos, há formas de se relacionar que não costumam se manter entre pessoas em situação de casa. R.M. descreve a rua como um local de liberdade, no qual ele sente que tem espaço, como se fosse um refúgio. Assim, temos também a ideia de rua como o contrário de confinamento, rua como o oposto a um enquadramento não desejável em regras sociais.

2.2.1 A religiosidade

Desde o texto de abertura da primeira edição, uma das propostas apresentadas para o jornal é mostrar às pessoas em total exclusão social “que ainda há esperança, há vida, há amor” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 1). Neste sentido, há muitas mensagens motivacionais nas edições do jornal. No poema “Drogas e Rua”, Ingrid Costa diz que as drogas podem destruir tudo o que uma pessoa tem, “Mas nunca é tarde, Deus não nos criou para isso e/ nem nossas mães, disso eu tenho certeza. Lembre-se/ você é uma pessoa insubstituível, sua/ capacidade de lutar pela vida é fantástica” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 3). Da mesma forma, Eduardo Castro afirma no último parágrafo de seu texto: “Nunca é tarde para sonhar, vai haver sempre uma esperança, é só olhar no olhar de uma criança. Lembre-se que Deus ama todos os seres, principalmente as crianças” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 4).

Muitas vezes, as mensagens de esperança assumem um viés religioso e este é outro “encantamento” frequente nas ruas. Na primeira edição do jornal há uma ilustração com *lettering*. Um homem de capuz acende um cigarro. Ao lado dele está escrito: “Sobreveio a lei para que avultasse/ A ofensa; mais/ Onde abundou o Pecado/ Superabundou/ A graça, Romanos 5:20”. (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 2).

A referência trechos bíblicos é recorrente nos textos, ilustrações e nas entrevistas feitas com a população de rua. Todavia, precisamos entender a religião em um sentido diferente daquele construído na disputa ideológica Modernidade *versus* Iluminismo, não sendo a religião nem uma instituição total, nem uma mera reprodutora de crenças ilusórias:

Sem esse rompimento [com a visão Iluminista], nos tornamos cegos à percepção da criatividade popular que, através da quase única linguagem mais abstrata para representar e ressignificar o mundo que tem acesso, isto é, a linguagem religiosa, inventa ou revela mundos novos com a tentativa de solucionar, ou ao menos driblar, desafios práticos da existência que são lançados a enfrentar (SOUZA, 2016, p. 211).

Para pessoas em situação de desvinculação social, a religião se torna uma das poucas linguagens abstratas acessíveis para representar e ressignificar a vida. Neste contexto, Brand Arenari e Roberto Dutra (2016) reconhecem ser as instituições religiosas, sobretudo as mais populares, que buscam a reintegração destes indivíduos marginalizados, incluindo os usuários de crack (ARENARI; DUTRA, 2016, p. 211)

Nas camadas populares, as organizações religiosas, sobre tudo as de corte pentecostal e neopentecostal, não apenas se isentam de impor pré-condições para a inserção dos indivíduos em termos de habilidades culturais incorporadas, como também deixam de reforçar o círculo vicioso provocado pela estigmatização, como no caso da aceitação de ex-detentos e “delinquentes” de todo tipo (ARENARI; DUTRA, 2016, p. 213).

Ao serem incluídos em instituições religiosas – e não excluídos, como nas demais instâncias da vida social – ocorre a possibilidade de mudanças no ser e na sua maneira de interagir com os demais, o que também pode possibilitar a sua inclusão em outras instâncias das relações pessoais (ARENARI; DUTRA, 2016, p. 213).

O “nascer de novo” na religião refere-se muito destacadamente a duas instituições decisivas na produção, reprodução e reversão de trajetórias de exclusão social: família e economia. Longe de ser ao acaso, a referência a essas instituições está orientada precisamente pelo peso que possuem na trajetória social dos indivíduos que buscam as religiões pentecostais e neopentecostais, denominações que comandam as práticas e o imaginário religioso das classes populares no Brasil.(ARENARI; DUTRA, 2016, p. 214).

A absorção da proposta, sobretudo das igrejas pentecostais e neopentecostais, de mudança intesiva no modo de viver, o “nascer de novo”, conta com vários exemplos

nas páginas do “A verdade rua e crua”. Na edição 2, por exemplo, há um aviso não assinado: “É o fim do tempo. Você tem que se preparar para o que tem acontecido. Não tenha medo. Só Deus pode defender. Muda a tua vida. No dia da mudança, as portas estarão abrindo para vós e para Deus” (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 2). O texto “Mensageiro”, assinado por Wagner Macêdo e Jorge Aires dos Santos Filho é também um aviso, desta vez para que a pessoa tenha cuidado com a forma como ela trata quem bate a sua porta, pois pode ser um anjo mensageiro de Deus. Na mesma edição, a música “Sou vencedor” é um convite às pessoas em situação de rua para mudarem a sua forma de viver recorrendo a Jesus e ao Centro Pop (A VERDADE RUA E CRUA, 2017, p. 2-3). Na quinta edição há duas ilustrações com referência a Jesus, além do texto “A violência. Como devemos evitá-la para nós vivermos. Harmonia e paz”, no qual André Lopes da Silva diz que todos nós devemos ter Deus no coração e tratar uns aos outros como irmãos (A VERDADE RUA E CRUA, 2018b, p. 2-4). Na edição 4, foi criada uma seção intitulada como “Religião” na qual constam três textos religiosos: o de Leonardo Gomes, em que ele aconselha as pessoas a cuidarem de suas vidas espirituais e critica quem não vive de forma amorosa; o de Raimundo Severo, falando sobre a importância da ligação entre a pessoa e Deus; e as pessoas não tenham inveja, mas busquem ser sábias (A VERDADE RUA E CRUA, 2018a, p. 14).

Sobre as pessoas que trabalham em comunidades terapêuticas e outras organizações voltadas para pessoas em vulnerabilidade, sobretudo as dependentes de substâncias químicas, Brand Arenari e Roberto Dutra (2016) criaram uma tipologia comparativa entre os agentes laicos e religiosos, estes podendo ser missionários ex-adictos e não adictos às drogas.

O que importa notar aqui com mais destaque é que esses indivíduos interromperam sua vida cotidiana (Elizabeth trancou a faculdade; Shirley largou o emprego de radialista; e Jonas deixou o emprego) para reconstruírem sua vida em torno de uma promessa religiosa em que o papel de missionário faz parte, sua ação como “terapeuta” é integral, desde que acorda até a hora que vai dormir. Não há, como veremos outras vezes nestas notas, uma separação nítida entre esferas da vida pessoal e do trabalho e religião, até mesmo família, todas elas estão sobre a sombra de uma instituição que pretende-se total, que é a religião nesse quadro

[...]

[...] a organização laica não só encontra dificuldades em fazer com que seus agentes “incorporem” seus princípios, que preveem a formulação de métodos terapêuticos que sejam sensíveis às “singularidades sociais” dos

pacientes, como também enfrentam desafios em criar uma “energia” (construção da subjetividade) para o cuidado e acolhimento dos usuários tão potente quanto a criada pelas organizações religiosas. (ARENARI; DUTRA, 2016, p.331-4).

Conforme o apresentado pelos pesquisadores, enquanto os agentes religiosos dedicam-se em tempo integral à promessa de salvação religiosa dos usuários de seus serviços, as instituições laicas encontram dificuldades para uniformizar a atuação de seus agentes, sendo os tratamentos, muitas vezes, orientados por concepções pessoais (ARENARI; DUTRA, 2016, p.331-4).

Carneiro e Rêgo (2012, p. 385-402) discutem dois modelos de atenção ao usuário de crack: o de redução de danos e o religioso, o qual propõe a cura pela oração. As autoras concluíram serem saídas possíveis ambos os modelos, uma vez que são fortes e de grande abrangência:

O tratamento baseado na religiosidade, através da palavra de Deus, oferece, em nossa opinião, um substituto para o produto [o crack]. Aí não existe diferença entre os diversos produtos nem entre os usuários: nas suas particularidades, todos são iguais perante Deus e o fato de apresentar a mesma problemática, ou seja, usar drogas os une (CARNEIRO; RÊGO, 2012, p. 400)

As autoras alegam que o tratamento religioso estimula um sentimento de pertencimento, bem como a formação de novos vínculos sociais. “Ocorre, então, um deslocamento da droga para a palavra de Deus, mas a posição do sujeito é a mesma”, sendo a “cura” entendida como a abstinência total (CARNEIRO; RÊGO, 2012, p. 400).

Já o modelo pelos princípios da redução de danos enfatiza o “cuidar de si”, o que pode incluir o uso de drogas, desde que ela não seja prejudicial a si mesmo e ao outro. “Nessa proposta, está embutido o respeito ao usuário, tratado como cidadão comum, com direitos e deveres, inclusive o direito de escolher continuar fazendo uso da droga, de modo responsável e com minimização dos danos” (CARNEIRO; RÊGO, 2012, p. 401). Percebe-se entre os entrevistados e nos textos publicados pelo jornal que estas duas vertentes de tratamento também estão presentes na Região Metropolitana de Belém:

Eu aconselho às pessoas que têm vontade ou curiosidade em experimentar: não façam isso. Eu lutarei para retomar a minha vida, ter minha família de volta, meus filhos e minha dignidade. Vou lutar até o fim. O sangue de Jesus tem poder (A VERDADE RUA E CRUA, 2017, p.2).

E participo de vários eventos sociais, rodas de conversas que falam sobre

políticas públicas, congresso que trata sobre a redução de danos na vida de um ser humano. Enfim, tô me tornando uma pessoa melhor em todas as formas. Graças à escolha que eu fiz agora (A VERDADE RUA E CRUA, 2018b, p. 3).

Enquanto algumas pessoas apegam-se à fé na tentativa de ficar livre das drogas, outras referem-se à redução de danos como estratégia de melhoria de vida.

2.2.2 Os exemplos de superação

Também é possível observar de forma recorrente nas páginas do “Rua e Crua” textos nos quais o autor conta a sua história como um exemplo de superação. Não necessariamente de cunho religioso, estes testemunhos de vida falam sobre como a pessoa conseguiu suplantando um momento difícil direcionando seus relatos ora para pessoas em situação de casa, ora para pessoas em situação de rua. É possível que estes textos busquem gerar empatia com as pessoas em situação de casa ou levar uma mensagem de esperança aos que estão em situação de rua. A experiência do “sentir” em âmbito intersubjetivo pode ser expressa por meio da expressão alemã *Einführung*:

O termo indica a enigmática possibilidade de estar dentro, estar presente, viver com e como o outro o seu *pathos*, paixão, sofrimento e doença. Indicando ora a possibilidade de projetar de modo imaginativo sua consciência e, assim, apreender o objeto contemplado, ora a capacidade de compreender os sentimentos e os pensamentos de um outro, colocando-se em seu lugar. (CASTRO; CASTRO, 2017, p. 72-3).

É plausível que seja essa tentativa de fazer seus contemporâneos compreenderem seus sentimentos e pensamentos o intuito do texto “A minha vida”, de Carlos A. S. Lima, no qual ele conta como o uso de drogas o levou à situação de rua e a sua opção pela internação para tratamento do vício “Hoje já tenho a sanidade de rever meus pensamentos e sentimentos para perceber isso que estava acontecendo comigo [...] Hoje a droga não me usa mais, hoje eu me sinto forte e sou feliz! Só por hoje” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 2). É também o caso dos depoimentos de JJ – “[...] Por esses e outros motivos eu decidi me tornar uma pessoa melhor, não para os outros me olharem diferente, mas sim para eu ter a imensa satisfação de me olhar no espelho e ver a pessoa que eu me transformei. Eu, JJ, me tornei uma pessoa melhor graças a ajuda de outras pessoas. Obrigado Centro Pop Icoaraci” – e de Gerferson – “[...] Eu tô conseguindo vencer e superar todas as coisas

ruins da minha vida. Obrigado família POP e que Deus abençoe a todos” (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 3). Na edição 3, Jorge Luis Franco de Oliveira conta sobre como saiu da rua e hoje é funcionário público e trabalha como educador social no Centro Pop de Icoaraci (A VERDADE RUA E CRUA, 2017, p. 1). Na edição 5, Raimundo Balileiro de Carvalho conta sobre os 25 anos que passou nas ruas até ter a ajuda do Centro Pop para conseguir um benefício do governo e ter a sua casa. Há também um texto anônimo de diz ter acabado de sair das ruas e agora participa de “vários eventos sociais”: “Enfim, tô me tornando uma pessoa melhor em todas as formas. Graças à escolha que eu fiz agora. Porque eu posso ter tido a escolha errada no passado, não quer dizer que eu não posso ter outra escolha. Valeu por terem acreditado em mim” (A VERDADE RUA E CRUA, 2018b, p. 3).

Relacionando os textos com a observação participante como voluntária do projeto, é possível perceber que em alguns deles nos quais o autor cita a ele mesmo como alguém que saiu das ruas e deixou as drogas, não dizem respeito ao momento presente, tendo, o autor permanecido, voltado ou mesmo nunca saído da situação de rua ou do uso exagerado de entorpecentes.

2.2.3 Os “desengajamentos engajados”

Nas edições do jornal também foram encontrados textos e ilustrações sem referência direta à trajetória de rua, às situações e sentimentos vivenciados exclusivamente por pessoas que estão ou estiveram em situação de rua. Dentre eles está o poema “Sinais”, de Eduardo Castro, no qual o eu-lírico pede um sinal para saber “se é amor de verdade” (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 3). Da mesma forma, Antonio Carlos Miranda Ramos traz a ilustração de um homem com roupas coloridas, com as mãos espalmadas juntas em frente ao corpo, em um gesto que remete a uma saudação oriental. O homem tem cabelos pretos e olhos puxados e, ao lado dele, está escrito “NAHKAIOTO-MORO”. Não encontramos nenhuma referência exata a este nome. O nome mais parecido que encontramos foi o de Dorian Prentice Satoshi Nakamoto, a quem estava sendo atribuída a criação da bitcoin (Agência Estado, 2014, on-line). É também de Antonio Ramos o poema não titulado, ao lado do qual foi publicada uma foto de seu rosto de olhos fechados feita por Caroline Maciel:

A beleza é uma
 raridade [que se
 aprecia] Sentimento
 quando nos [vemos
 dentro dela]
 É tipo uma flor
 quando [brota para
 sair do] Seu casulo
 [transformando a
 mais bela
 delicadeza]
 Sua primazia
 Quando nos sentimos perto dessa beleza
 Esperamos ouvir o som dos ventos como se
 fosse

O renascimento de uma rosa (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 3).

Antônio e Eduardo também assinam, respectivamente, “Quando me aproximei”, sobre um castelo de sonhos construído a partir da aproximação entre um casal, e “Um bebê valente”, que fala sobre a chegada de um bebê. (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 2). Na mesma edição destes textos, há uma homenagem feita por Luciano Costa à memória de Carlos Henrique Barbosa: uma ilustração de Carlos caracterizado de palhaço, segurando um jornal “A verdade rua e crua” e outra dele não caracterizado segurando um microfone. Na ilustração está escrito: Em memória de Carlos Henrique Barbosa/ A verdade rua e crua/ “Sonhos de um palhaço... a vida é um sonho”, além da assinatura de Luciano Costa (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 3). Na edição 4, nas páginas 8 e 9, há uma seção exclusivamente feita para desenhos chamada de “Arte rua e crua”, tendo ilustrações também em outras páginas.

Ao longo das cinco edições, vários desenhos foram publicados, no entanto, muitos são de difícil interpretação, muitas vezes, sequer identificáveis. Alguns trazem rostos de pessoas, barcos, casas, plantas, temas religiosos, além de frases e palavras, como versículos bíblicos. Nesta pesquisa, não pretendemos interpretar

todos, mas citaremos aqueles que consideramos representativos das expressões mais recorrentes dos jornalistas de rua.

Nas edições 3 e 4 há uma seção intitulada como “Esportes”. Porém, enquanto os relatos de Jaílson e Paulo Sérgio e a ilustração de um homem jogando bola fazem referência ao futebol que, de fato, acontecia, na época, às terças-feiras entre os usuários dos serviços do Centro Pop de Icoaraci (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 3); na edição 4, há um pequeno texto falando da necessidade dos esportes para vida das pessoas, além de uma ilustração com pessoas praticando vários esportes (A VERDADE RUA E CRUA, 2018a, p. 14).

Os jornalistas de rua também expressam em seus textos sentimentos e anseios pessoais: “Saudade da minha família, saudade da minha mãe, dos meus irmãos, da família de Marabá. Por Domingos Oliveira Viana”. (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 2). É quando textos aparentemente desengajados são políticos. Será que nas entrelinhas destes textos não há uma vontade de de ser visto como igual, uma vez que falam sobre sentimentos comuns a pessoas em situação de casa e em situação de rua, como o amor, a saudade e outros?

Pela perspectiva da sociologia compreensiva, podemos tomar a intersubjetividade como “um espaço de conexões e trocas de perspectivas subjetivas individuais”; “um campo social de experiências, formado pelos mecanismos e instrumentos de articulação dos diversos agentes sociais” (CASTRO, F.; CASTRO, M., 2017, p. 56). Para Schütz (1953), vivemos em um mundo intersubjetivo da cultura:

É intersubjetivo vivemos nesse mundo como homens entre os homens, ligados uns aos outros por influências compartilhadas e pelo trabalho, compreendendo os outros e sendo compreendidos por eles. É um mundo da cultura porque, desde o início, o mundo do cotidiano é um universo de significações, isto é, uma textura de sentidos que devemos interpretar para que possamos encontrar o nosso caminho no mundo e entendê-lo (SCHÜTZ, 1953, p.7).

Assim, podemos interpretar as estratégias adotadas pelos jornalistas de rua como tentativas de construções de espaços de conexões e trocas de perspectivas subjetivas individuais, uma vez que vivemos em um mundo intersubjetivo da cultura o qual, em muitos aspectos, apresenta-se a eles de forma excludente. A ligação a outros homens por influências compartilhadas e pelo trabalho – este entendido de forma ampla, como função social – bem como o acesso a este universo de significações que partilhamos, ocorrem, entre as pessoas em situação de vulnerabilidade, de forma

restrita, sendo perceptível nas linhas e entrelinhas deste jornal a busca pelo restabelecimento das relações de intersubjetividade, seja com as pessoas em situação de casa, seja com outras pessoas em situação de rua.

2.3 Engajamentos

Na tese de doutoramento de Silva (2018) há uma cartografia das práticas de resistência do povo em situação de rua da Região Metropolitana de Belém entre 2005 e 2018. Ao construir “passagens para que se possa ver e escutar como a pop rua tem resistido” Silva (2018, p. 190) revela as lutas sociais da população de rua que emergem na cidade de Belém e são mobilizadas tanto por reivindicações baseadas em noções de direito – “fomentando, assim, resistências frente às políticas higienistas que tendem a circunscrever as disputas pela vida pública” – quanto por meio de parcerias com diferentes instâncias da sociedade civil:

Por fim, vê-se que as resistências no presente do povo de rua, ao mesmo tempo que estão em articulação com os enunciados das leis, normas e dos códigos desenvolvidos em mobilizações de grupos, no interior das instituições, podem igualmente ser compostas em alianças com aqueles que na rua transitam, com suas esperanças, saberes e disposição para o ato de fazer com o outro, embora isso implique, em algumas ocasiões, tentativas que acabam por esbarrar nas dificuldades de não querer salvar o outro. (SILVA, 2018, p.191).

Silva (2018) chama a atenção para a importância da construção de modos de inserção do povo em diálogos sobre a configuração de territórios em que a existência seja potencializada. Fazendo um paralelo entre as mobilizações de grupos identificadas pela autora, é possível pensar na feitura do jornal “A verdade rua e crua” como uma busca de aliança entre a população de rua e a sociedade civil. Quando perguntamos a R.M. sobre o que ele acha que acontece quando as pessoas conhecem a vida das pessoas em situação de rua por meio do jornal, ele respondeu:

É... eu... na minha pessoa, no meu entender, eu vejo assim as pessoas me... tem gente até que me... me olha assim, sabe? Não sei... me tratam de outro jeito assim, entendeu?... assim na sociedade... com é... com carinho... tem gente que me trata com carinho, entendeu como é que é? Eu achei muito importante isso aí de ver de outro lado porque também eu me comporto de outra maneira, de maneira diferente, me visto bem, entendeu? Porque tem gente que pensa que morador de rua é aqueles que andam sujos, tá entendendo? Que andam jogado... Não... pelo contrário... Tem gente que me vê assim e diz... égua, nem parece que tu é morador de rua, tu anda tudo bonitinho, tá entendendo como é que é? Então isso tem que mostrar também pra sociedade que a gente pode, tá entendendo? Que a gente pode viver

bem, tá entendendo? (informação verbal)⁴⁵.

Segundo R.M., há uma mudança positiva na maneira como as pessoas o veem, pode-se dizer que há a construção de uma ponte de intersubjetividade que sai do lugar de preconceito em direção ao lugar do tratamento carinhoso. Ele também diz que costuma se comportar de maneira “diferente” ao vestir-se bem, o que é algo que costuma surpreender às pessoas que atribuem à população de rua a ideia de pessoas sujas. R.M. alegou que, por meio do jornal – e de sua maneira de se comportar –, mostra para a sociedade que as pessoas em situação de rua podem viver bem.

Para H.M., o jornal é uma forma de sensibilizar as pessoas que passam a oferecer donativos para a população de rua:

Ele ajuda a trazer alimentação, roupa pra nós, trazer uma alimentação à noite. Sempre eles ajudaram com café da manhã, roupa. O jornal ele é muito interessante, pro povo, pra gente espalhar de novo, entendeu? A gente precisa de um apoio desse. [...] Porque se o povo ver, ver que a gente estamos na calçada, ver aquele relato que a gente passa na rua... na madrugada vem alimentação. (informação verbal)⁴⁶

H.M. relatou que a partir do momento que as pessoas tomam conhecimento das dificuldades enfrentadas pela população de rua, passam a ser mais solidárias a elas. A opinião de que o jornal “A verdade rua e crua” serve para mostrar a vida das pessoas que estão em situação de rua compartilhada por E.C., W.S. e P.C. Nas palavras de P.C.:

É... pra... eu uso ele muito como divulgação é... das partes que é escondida na rua. É... que a sociedade em si não consegue ver porque muitas das vezes ela fica escondida nos equipamentos de assistência, nos equipamento de saúde e não chega até a população, só chega a parte ruim. Ah... Pessoal que mora na rua é usuário de qualquer tipo de substância química... pessoal da rua é só ladrão, o cara é vagabundo, não quer trabalhar... e através do jornal nós possamos tirar um pouquinho, desmistificar essa falsa impressão que as pessoas em situação de casa têm das pessoas em situação de rua. (informação verbal)⁴⁷.

Ao revelar as “partes que é escondida na rua” e mostrar que as pessoas que sobrevivem na rua não são necessariamente usuários de qualquer substância química, ladrões, vagabundos, que não querem trabalhar, o jornal é utilizado por P.C.

⁴⁵ Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44s).

⁴⁶ Entrevista concedida por M., H. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Icoaraci, Região Metropolitana de Belém,2019. Arquivo mp3 (22 min e 1s).

⁴⁷ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51s).

como uma ferramenta de combate ao preconceito.

Também perguntamos aos entrevistados sobre de que forma a rua poderia ser um local menos hostil. A redução do preconceito em relação às pessoas em situação de rua foi um dos pontos apontados por P.C.:

É... Partindo do princípio que a rua é de todos, a rua é de todos, não somente daqueles que estão em situação de casa, que usam a rua para lazer, pra meio de transporte, mudaria o preconceito. Porque a rua é de todos, então a rua é pra todos. É certo que o meu direito começa onde termina o do próximo, e vice e versa, mas eu tenho direito de estar onde eu quero; e esse preconceito, essa visão errônea que as pessoas em situação de casa têm de quem tá em situação de rua... esse preconceito é o que eu mais trabalharia para mudar ele. (informação verbal)⁴⁸.

Para ele, amenizar o preconceito das pessoas em situação de casa em relação às pessoas em situação de rua deveria ser uma medida prioritária em favor da população de rua. Quando P.C. enfatiza “eu tenho direito de estar onde eu quero” ou “a rua é de todos, então a rua é pra todos”, é possível fazer uma alusão a “Le droit à la ville” (“O direito à cidade”) de Henri Lefebvre, sendo esta uma obra na qual o autor propõe pensarmos uma vida urbana reformada por meio de uma dialética entre arte, ciência e força política do proletariado, pois apenas por meio da vida social é possível pensar a criação da cidade. “Por mais que se possa defini-lo, nosso projeto – o urbano – não estará nunca internamente presente e plenamente atual, hoje, diante da nossa reflexão” (LEFEBVRE, 2001, p. 111). Neste sentido, é preciso estabelecermos um diálogo constante entre as diversas instâncias sociais e políticas a fim de se pensar uma cidade não discriminatória para todos, que seja inclusiva às pessoas em situação de rua.

Três dos cinco entrevistados disseram não saber como gostariam de mudar as ruas. No entanto, no decorrer das entrevistas, trouxeram espontaneamente ou de forma provocada algumas soluções. Ao ser perguntado sobre o que mudaria na rua, H.M. disse: “Não...Não tenho ideia pra mudar, não. Só quem deve mudar mesmo é... é Deus mesmo. Ele que tem uma ideia pra mudar”. Porém, em outro momento ele havia sugerido que houvesse um local para as pessoas que não têm casa dormirem: “Ou então o governo fazer um albergue porque a gente sempre precisa de um albergue desse. Só pra dormir. De dia a gente sai. Aí só bota mesmo pra dormir”.

⁴⁸ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51s).

E.C. disse sentir falta de segurança na rua, mas que essa segurança viria de pessoas boas. “Assim... umas pessoas boas, essas coisa...”. Inicialmente, ela alegou que a polícia traz segurança, mas logo em seguida demonstrou incerteza em relação a isso:

Eu: [A polícia traz]

Segurança? E.C.: É... mas...

não sei...

Eu: Mas tem outras formas de segurança tu pensas? Um

abrigo...? E.C.: Um abrigo também. (informação verbal)⁴⁹.

W.S. também disse não saber informar sobre como a rua poderia ser um lugar menos danoso para as pessoas que estão em situação de rua. Todavia, quando perguntado sobre a possibilidade de banheiros públicos, locais cobertos para dormir ou mais segurança, ele respondeu:

É... se tivesse banheiro público suficiente, local pra dormir. Se tivesse um lugar pra ensinar a ler, a escrever, isso falta também. Lugar para se educar, como respeitar os outros, com espiritualidade, enfim, tem uma série de coisas que poderiam melhorar na rua. (informação verbal)⁵⁰.

A ideia da educação das pessoas em situação de rua veio espontaneamente na fala de W.S. Em outro momento da entrevista ele contou que estava estudando enquanto esteve na Casa Abrigo para Moradores Adultos de Rua (CAMAR) da Prefeitura Municipal de Belém, mas deixou o local em função de uma oportunidade de trabalho temporário em outro município.

Um local para dormir, oficinas profissionalizantes, oportunidade de emprego foram algumas das demandas da população em situação de rua apontadas por R.M.:

Porque... na rua a pessoa até esquece o que ele tem, o que ele faz, entendeu? O que ele quer... porque, como ele, botar pra frente, ele mostrar o que ele sabe, mostrar a profissão que ele tem, entendeu? Então é... melhor... de ter uma chance de mostrar o que sabe, emprego, oportunidade na... na assim... na área de trabalho. [...] Muitos... daí, muitos jovens desempregados, quando eles não têm emprego são maltratados na casa

⁴⁹ Entrevista concedida por C., E. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 33 s).

⁵⁰ Entrevista concedida por S., W. Entrevista 3.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. 1 arquivo .mp3 (18 min e 30 s).

porque só tá comendo e bebendo, e coisa e vão pra rua, tá entendendo? Então isso... se a pessoa der mais uma chance pra gente, muito bom, porque... com quase todos nós tem documento, tudinho. (informação verbal)⁵¹.

R.M. alegou que muitas pessoas em situação de rua têm potencial para ser bons profissionais e que o desemprego pode levar muitos à situação de rua. Ele enfatizou que a oportunidade de ser inserido ou reinserido no mercado de trabalho faria a diferença:

E, os meus irmãos, eu quero que eles vivam bem, porque tem muitos aí que se queixam: Poxa, mano... Égua, eu mandei um currículo, entendeu? para uma empresa, a empresa pá, chamou, tudinho, entendeu? E quando soube que eu era morador de rua, não me deram oportunidade, tá entendendo? Chato. A pessoa tá com uma boa intenção de trabalhar e sair, entendeu? Mudar de vida e... e não dão essa... essa força quando sabem que é morador de rua, tá entendendo? Então eu acho que é uma discriminação isso aí, tá entendendo? Porque... todos nós tem uma chance pra viver bem. (informação verbal)⁵².

A ideia de ter uma chance (ou várias) de viver bem é uma frase que nos remete aos versos que encerram o livro “O grande mentecapto”, de Fernando Sabino, e abrem este capítulo: “Donde leese por la fuerza de las cosas/ lease: por la debilidad de los hombres”⁵³ (SABINO, 2011, p. 233). A situação de rua está longe de ser algo que acontece “pela força das coisas”, mas sim pela debilidade dos homens e a nossa incapacidade de lidar adequadamente com as diferenças de maneira a reduzir as desigualdades entre nós.

No decorrer das entrevistas, diversas soluções para abrandar os problemas cotidianos enfrentados pelas pessoas em situação de rua foram apresentadas. Poderiam ser implementadas iniciativas voltadas para conscientizar as pessoas em situação de casa no sentido de combater o preconceito em relação às pessoas em situação de rua, poderiam ser construídos albergues e banheiros públicos, os serviços de segurança nas ruas poderiam também ser voltados para a população em situação de rua, elas deveriam ter acesso à educação, a cursos profissionalizantes, a

⁵¹ Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44s).

⁵² Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44s).

⁵³ Embora o livro “O grande mentecapto” tenha sido escrito em português, há esta reprodução de “uma errata encontrada num livro de autor espanhol”. Sabino, contudo, não revela o nome do autor nem do livro do qual o trecho foi retirado, ficando a dúvida se, de fato, o livro existiu ou se a frase foi criada por Sabino e atribuída a um livro imaginário.

oportunidades no mercado de trabalho, dentre outras formas de garantir o direito dessas pessoas à cidade com dignidade. O próprio ato de fazer um jornal cujo conteúdo é gerado exclusivamente por pessoas com trajetória em rua pode ser considerado um ato político. É possível encontrar nestes exemplares os anseios, as propostas e reivindicações de direitos, inclusive em relação a questões morais e afetivas. A seguir, falaremos sobre o engajamento social dos jornalistas de rua por meio de algumas das estratégias adotadas por eles nos jornais.

2.3.1 O jornalismo comunitário

A partir disso e levando em consideração a proposta do jornal a “A verdade rua e crua”, é possível fazer um paralelo com o conceito de jornalismo de proximidade de Camponez (2012). Para além da dimensão territorial, o jornalismo de proximidade enquanto estratégia comunicativa, segundo o autor, tem suas origens na natureza convival e comprometida das práticas profissionais dos jornalistas locais. Assim, é um jornalismo fortemente vinculado à cidadania e à responsabilidade social, sendo o jornalista não um mero observador, mas um agente social representante dos interesses de sua comunidade (CAMPONEZ, 2012, p. 39 e 41).

Parece-nos ser importante salientar o facto de ser nesta tensão – mal assumida e muito pior resolvida – entre proximidade e distanciamento, que passa a muito ténue linha entre o que pode ser a especificidade de um jornalismo próximo das pessoas e formas alternativas de comunicação comunitária que estão para além do jornalismo, tal como o entendemos hoje. (CAMPONEZ, 2012, p. 42).

Segundo o autor, é sobre a tensão entre proximidade – geradora de um compromisso entre o jornalista e a sua comunidade – e o distanciamento – que dá a ele um certo nível de imparcialidade – que passam as formas alternativas de comunicação comunitária. Entendemos ser este o caso do jornal “A verdade rua e crua”. Sobre comunicação comunitária, Raquel Paiva (2011) define seus objetivos:

Dentre os objetivos primeiros da comunicação comunitária, está o compromisso em educar e capacitar a população, seja no aprimoramento de seu vocabulário, dos seus conhecimentos, no fortalecimento de valores e também na socialização de novas técnicas e da tecnologia. É certo também pressupor que um veículo comunitário deve estar preocupado em trazer sempre presente em sua programação aspectos e práticas da cultura local, com o objetivo de fortalecê-las, evitando assim que muitas expressões culturais percam-se no quotidiano intenso e veloz da civilização atual. (PAIVA, 2011, p. 3).

Paiva (2011) afirma que os veículos comunitários devem ter o compromisso de educar a comunidade e fortalecer a cultura local. De acordo com a autora, estes veículos buscam a promoção de uma comunicação horizontal, que permita uma relação dialógica de participação e cooperação. “Um veículo comunitário, exatamente por estar inserido na perspectiva da defesa e promoção de uma democracia social, participativa, e não apenas representativa, possui definidos os preceitos que norteiam um desenvolvimento harmônico, onde interajam como forças iguais o econômico, o ecológico e a equidade social”. Neste sentido, os veículos comunitários informam a população não apenas sobre seus direitos, mas também sobre seus deveres, além de levantar reflexões sobre a solução dos problemas daquela comunidade (PAIVA, 2011, p. 2).

É possível identificar esta tentativa de defesa e promoção de uma democracia social a que se refere a autora nas diversas formas de expressão contidas nos exemplares. Dentre as estratégias adotadas pelos jornalistas de rua a fim de pensarmos caminhos para a promoção de uma sociedade mais justa, identificamos: as expressões de cunho artístico e cultural, a difusão de direitos da população de rua, a tentativa de inserção no mercado de trabalho, as denúncias de descaso e violência, propostas de melhoria de condições da população de rua, além da busca de empatia pela expressão de sentimentos.

Como já foi apontado no subtópico 2.2.3, foram publicados desenhos, poemas, letras de música e textos ficcionais, o que identificamos como uma forma de difusão de arte e cultura da população de rua.

Nas edições 3 e 4, foi criada uma seção com o nome de “Mãos de obra” na qual os jornalistas de rua oferecem os seus serviços. Foram feitos, no total, 13 anúncios, a exemplo destes:

Verônica Bernardina da Silva oferece serviço como diarista. Tem experiência e referências que podem ser comprovadas. Atende pelo endereço do Centro Pop Icoaraci. (A VERDADE RUA E CRUA, 2017, p. 4)

Leonardo Gomes trabalha com pintura em geral. Tem experiência no campo há oito anos. Além disso, trabalha há seis anos com outros tipos de serviço em salão (corte, chapinha, selagem, escova etc). Contato: 984654526. (A VERDADE RUA E CRUA, 2018a, p. 4).

Com o objetivo de difundir conhecimento sobre os direitos da população em situação de rua, a quarta edição trouxe em suas primeiras páginas a reprodução na

íntegra do Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, sobre a Política Nacional para a População em Situação de Rua, e da Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011, reguladora da Política Nacional de Atenção Básica.

2.3.2 As denúncias e propostas

É possível identificar também, dentre as estratégias adotadas pelos jornalistas de rua, as denúncias do descaso e da violência, como na música-tema do jornal “A verdade rua e crua”. Com uma letra que diz que as pessoas em situação de rua são excluídas e rejeitadas, embora queiram ser amadas, a música questiona: “Como você diz que ama a Deus, que é invisível, se não é capaz de amar quem esta do seu lado e de fato pode ver?(sic) (A VERDADE RUA E CRUA, 2015, p. 3).

Figura 13 - Imagem retirada do jornal “A verdade rua e crua” com a letra cifrada da música homônima, além da foto de Carlos A. S. Lima, Luciano Costa, Carlos Henrique e Célio Cardoso

Poesias Cruas

A VERDADE RUA E CRUA
Compositor: Luciano do Nascimento Costa

F#m Bm
Somos excluídos, somos rejeitados. Temos coração, queremos ser amados.
E A

É tanta indiferença, é tanta hipocrisia, é tanta falsidade

F#m Bm E A
Como podemos nos reerguer, se ninguém estende a mão pra nos socorrer ?

F#m Bm E A
Sabemos que erramos, mas atire a primeira pedra quem não está errado

F#m Bm E A
Chega de apontar um dedo, esquecendo que tem três apontando pro nosso lado

F#m Bm E A F#m
Qual a diferença entre eu e você? Será que você sabe me dizer? Será que é o meu erro que
Bm E A
está exposto pra todo mundo ver?

F#m Bm E A
Quanta hipocrisia! E o seu erro que está oculto? E você sabe o que eu quero dizer...

F#m Bm E A
Nesse mundo em que vivemos, somos mais valorizados pelo que temos e não pelo que somos É, pode
crer

F#m Bm E A
Como você diz que ama a Deus, que é invisível, se não é capaz de amar quem esta do seu lado
e de fato pode ver ?

REFRÃO
A verdade é rua e crua, tá aí pra todo mundo ver... (repete)




Foto: Dulaine Gasparetto

Na foto, Carlos A. S. Lima, Luciano do Nascimento Costa, Carlos Henrique Barbosa e Célio Cardoso

Fonte: Imagem escaneada pela autora

Entre 1793 e 1794, Antoine Piis escreveu um hino à prensa tipográfica, inaugurando uma parceria bem-sucedida entre a canção e a impressão a serviço da da Revolução Francesa. Ao serem cantados, os conteúdos eram transmitidos também

à população de analfabetos, difundindo opiniões e causando impactos nas relações políticas (DARTON; ROCHE, 1996, p.339-341). Embora não haja uma relação direta entre a ideia de colocar músicas cifradas no jornal “A verdade rua e crua” e a Revolução Francesa, pode-se considerá-la uma estratégia de inclusão das pessoas que não sabem ler na mobilização das pessoas em situação de rua.

Além disso, há propostas para a melhoria das condições de vida das pessoas em situação de rua, como se observa nos textos “Sobre a questão da higiene” e do texto não titulado de Raimundo Severo:

Ricardo: A gente quer ter um pouco de higiene. Os moradores deveriam ter privacidade para não fazer as necessidades na rua. Pra gente é chato. Nós que sujamos a praça. Podiam botar banheiros químicos só para moradores de rua. E um lugar pra gente tomar banho (A VERDADE RUA E CRUA, 2016, p. 1).

Eu sou Raimundo Severo. Eu penso que nós, moradores de rua, não estamos todos aqui porque queremos, mas sim por precisão. Se os nossos governantes dessem mais atenção pra essas pessoas... Muitas dessas pessoas têm vontade de ter uma profissão, fazer um cursinho prático, mas infelizmente, essas pessoas se sentem frágeis perante a sociedade porque muitos discriminam, infelizmente. (A VERDADE RUA E CRUA, 2017, p. 2).

Nas páginas do jornal, há um convite para a sociedade para tomarmos iniciativas em favor da população de rua, a exemplo do texto de André Lopes da Silva: “Sabe, há coisas na vida para as quais você não pode ficar de braços cruzados, como diante de pessoas que estão nas ruas. Uma única palavra, um gesto é bom, é maravilhoso. Você fica bem, seu coração, sua alma” (A VERDADE RUA E CRUA, 2018a, p. 15).

3 O JORNAL A VERDADE RUA E CRUA COMO ESPELHO: O QUE NOS REVELA?

Ao propormos o jornal “A verdade rua e crua” como um espelho para revelar o Rosto de pessoas que estão ou estiveram em situação de rua, colocamos a materialidade desta iniciativa como um instrumento que pode amparar o exercício da alteridade.

Diante da metáfora do espelho, torna-se praticamente inevitável a referência à Lacan (1966; 1998), pois este nos trouxe o clássico texto sobre o “estádio do espelho”. Não temos a pretensão de aprofundar uma discussão sobre o narcisismo, não sendo este o enfoque desta pesquisa. A referência à conferência feita pelo filósofo em 1949, no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, visa fundamentar a ideia de jornal enquanto espelho ou materialidade que ajuda a revelar o Rosto do Outro.

De acordo com Lacan (1966; 1998), o momento em que um bebê passa a reconhecer a sua própria imagem no espelho é a base da relação consigo mesmo e com o mundo, marcando a passagem do *Eu* especular para o *Eu* social. Após a descoberta da própria imagem no espelho, há um segundo momento no qual o bebê se volta para o outro – podendo este outro ser um objeto, uma pessoa ou um lugar – para confirmar se aquela imagem refletida é a sua própria imagem:

Esse ato, de fato, longe de esgotar-se como no macaco no controle uma vez adquirido na inabilidade da imagem, repercute imediatamente na criança em uma série de gestos em que experimenta, de brincadeira, a relação dos movimentos assumidos da imagem ao seu ambiente refletido, e desse complexo virtuoso à realidade que ela duplica, tanto ao seu próprio corpo quanto às pessoas, até objetos, que estão ao seu lado (LACAN, 1966, p. 93, tradução da autora)⁵⁴.

Lacan nos sugere que o narcisismo é regulado pela figura do outro e é por meio desse aspecto que a metáfora do espelho faz sentido para esta pesquisa. Longe de acharmos que é só a partir da existência do jornal “A verdade rua e crua” que as pessoas em situação de rua passam a se ver, a se entender enquanto pessoas ou a atuar socialmente, pensamos no jornal como um espelho porque este instrumento nos

⁵⁴ No original: “Cet acte, en effet, loin de s'épuiser comme chez le singe dans le contrôle une fois acquis de l'inanité de l'image, rebondit aussitôt chez l'enfant en une série de gestes où il éprouve ludiquement la relation des mouvements assumés de l'image à son environnement reflété, et de ce complexe virtuosité à la réalité qu'il redouble, soit à son propre corps et aux personnes, voire aux objets, qui se tiennent à ses côtés”

confere a possibilidade de olhar de forma mais atenta para nós mesmos e, sobretudo, para o outro.

Uma pessoa em situação de rua pode se ver refletida no jornal, bem como uma pessoa em situação de casa pode se reconhecer naqueles conteúdos, dentre outras infinitas possibilidades que um espelho nos oferece, até de forma caleidoscópica. Contudo, para além do reconhecimento de si mesmo (seja quem for este Mesmo) no reflexo deste jornal-espelho, entendemos que a metáfora nos chama a atenção para a importância do Outro, este que nos é revelado na diferença e na distância em relação ao Mesmo.

No próximo e último capítulo, partimos dos contrastes que este jornal-espelho nos revela para pensarmos a situação de Outsiders dos jornalistas de rua e discutir sobre as transformações, pessoais e sociais, que este encontro com o Outro pode nos proporcionar.

3.1 Um espelho de contrastes

Se, devido à baixa tiragem, o conteúdo dos jornais chega ao conhecimento de poucas pessoas, e, neste sentido, a iniciativa de se fazer o jornal “A verdade rua e crua” não pode ser considerada como algo de grande repercussão social, há uma relevância política na reunião de pessoas em situação de rua? Se não se pode dizer que as discussões materializadas no jornal trazem um profundo debate sobre as desigualdades sociais, que seus participantes alcançaram um engajamento capaz de promover uma intervenção política de grande impacto social; se não se pode sequer acreditar totalmente na veracidade de todas as informações relatadas em suas páginas, afinal, o que os contrastes destes jornais-espelhos nos revelam?

O poeta Manoel de Barros (2010b, p. 345) afirmou que “Tudo que não invento é falso”. Entendemos que a realidade inventada nas páginas do “Rua e Crua” de maneira nenhuma é falsa. Os impressos materializam e documentam as narrativas errantes daqueles que ocupam uma posição marginal no mundo intersubjetivo da cultura no qual estamos inseridos e mais supressiva ainda nos grandes veículos de comunicação. Estas narrativas podem revelar mais do que estatísticas e teorias acadêmicas àqueles que se dispõem a vislumbrar o Rosto das pessoas que as viveram e as contam.

Para além da materialidade dos jornais, os processos de subjetivação das

pessoas em situação de rua na Região Metropolitana de Belém, suas articulações por meio da identificação de seus pares, a presença delas em manifestações sociais, as discussões delas nas reuniões de feitura dos exemplares, dentre outras iniciativas, compõem este fenômeno e não podem ser desconsideradas no contexto social e político da cidade. Dialogando com a pesquisa de Silva (2014) sobre a população de rua na Grande Belém, procuramos aceitar seu “convite à invenção de outras formas de cuidado a partir da perspectiva das singularidades”:

Diante dos acontecimentos que refletem diferentes tipos de acordos sociais de morte, de sobrevivência de alguns grupos, o imperativo do combate se faz presente também na escrita, a qual se alia a uma ética do cuidado de si e do mundo. Ao pensar a cidade e suas possibilidades de existência com o amparo de muitas forças, tentei realizar não só uma reflexão sobre a produção de um intolerável que me atravessa enquanto pesquisadora, mas também um convite à invenção de outras formas de cuidado a partir da perspectiva das singularidades (SILVA, 2014, p. 112).

Nas páginas dos jornais se evidenciaram os diferentes acordos sociais de morte e de sobrevivência dos quais fala a autora, acordos estes que os levaram a não ter acesso ao atendimento de muitas de suas necessidades básicas, como comer com regularidade e habitar, mas também se evidenciaram as singularidades desses jornalistas de rua. Ao mesmo tempo em que não se pode romantizar a abrangência dessa iniciativa, os fragmentos destes espelhos dispersos na imensidão da cidade guardam em si a potência do encontro do Mesmo com o Outro. Quem os olhará?

Para Baitello Junior (2012, p. 60): “[...] mídia é o meio de campo que procura superar o abismo entre o eu e o outro” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p. 60), sendo esses abismos zonas inóspitas. É sob esta perspectiva que entendemos o jornal “A verdade rua e crua”. Ao nos lançarmos ao exercício de uma ética da alteridade que desponte como subversor da ordem vigente e se proponha à compreensão do outro como infinito, em vez de vê-los sob uma identidade denegada⁵⁵, originada em bases totalizantes, acreditamos estar aceitando o convite de Silva (2014) à invenção de outras formas de cuidado a partir da perspectiva das singularidades.

Mesmo para o empreendimento de soluções concretas, tanto no espaço físico da cidade como no eixo das políticas públicas e iniciativas privadas, é preciso estudos e investimentos em educação, saúde, moradia e tantos outros dispositivos. Porém, também potente é o exercício de uma ética da alteridade que construa pontes de

⁵⁵ A questão da identidade denegada será discutida no próximo subcapítulo.

intersubjetividade entre o Mesmo e o Outro.

“[...] as produções de narrativas sobre o estar nas ruas denotam o quanto há de resistência que opera pela sobrevivência, como forma de fazer dobrar o cotidiano frente às inúmeras manifestações da miséria e da violência, encarnadas nos medos das forças policiais e de milícias, as quais engendram uma complexa teia de insegurança e serviços correlatos, propagados no mercado de gestão dos riscos (SILVA, 2018, p.190).

Diante da realidade “rua e crua” explicitada nos jornais e nas entrevistas, percebemos as demandas das pessoas em situação de rua para muito além da reivindicação ao cumprimento do Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009, sobre a Política Nacional para a População em Situação de Rua, ou da Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011, que regula a Política Nacional de Atenção Básica. Nas palavras poéticas de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto (1987):

[...] A gente não quer só comida
 A gente quer comida, diversão e
 arte A gente não quer só comida
 A gente quer saída para qualquer parte
 [...]
 A gente não quer só comer
 A gente quer comer e quer fazer
 amor A gente não quer só comer
 A gente quer prazer pra aliviar a dor
 A gente não quer só dinheiro
 A gente quer dinheiro e
 felicidade A gente não quer só
 dinheiro
 A gente quer inteiro e não pela metade [...]. (ANTUNES; FROMER;
 BRITTO, 1987).

A “fome” das pessoas em situação de rua vai muito além da comida. O “inteiro” que reivindicam passa também pelo dirimir a violência da imposição de uma identidade invisibilizadora, conforme discutiremos no próximo subcapítulo.

3.2 O Outsider e sua identidade denegada

Por meio das entrevistas feitas para esta dissertação, encontramos pistas sobre as motivações das pessoas ao participarem da elaboração do jornal “A verdade rua e crua”. Quando perguntamos para H.M. se ele gostava de participar do jornal, ele concordou e explicou:

Porque o jornal ele é interessante pra nós porque aí já muita gente vê, né? Vai olhar, porque tem a sociedade que ela olha com outros olhares pra cima da gente, ela discrimina. Aí o jornal já vai levando, já vai pegando, já... entende melhor o que a gente passa na rua, tá entendendo? Como a gente somos ameaçado pelos policial, como ameaçados também por aquele... aqueles guarda municipal que chega batendo, dando soco na gente, entendeu? Pra sair das calçada. Aí a sociedade tem que ver isso também, tem que entrar num acordo com eles aí. Ou então o governo fazer um albergue, porque a gente sempre precisa de um albergue desse. Só pra dormir. De dia a gente sai. Aí só bota mesmo pra dormir. É isso que a gente tamo precisando (informação verbal)⁵⁶.

No relato de H.M. é possível perceber o interesse em ser visto por muita gente, mas não sob o habitual olhar discriminatório. Há um esforço em levar ao conhecimento da sociedade as práticas de violência às quais as pessoas em situação de rua estão sujeitas e sofrem; há uma demanda à sociedade para evitar que isso continue a acontecer, bem como há uma demanda aos governantes sobre providências, como a construção de um albergue. H.M. diz acreditar que o jornal é uma ferramenta para entender melhor o que passam os que sobrevivem nas ruas. “É isso que a gente tamo precisando” é uma expressão que sintetiza uma necessidade urgente e a abissal distância que separa aqueles que têm um travesseiro em um local seguro para recostar a cabeça e aqueles que, ao fecharem os olhos, não sabem se terão a oportunidade de abri-los no dia seguinte.

Emulamos Lévinas (1998, p.111) quando este diz que não se pode definir o sujeito pela identidade, “[...] já que a identidade encerra o evento da identificação do sujeito”. Contudo, tomamos o termo identidade em seu sentido categorial, algo construído e negociado socialmente, para falar sobre a noção de identidade definida por outrem, fruto da violência simbólica imposta pela história tradicional, discutida por Fábio Castro (2013).

Ao falar sobre o conceito de “caboclo”, o autor enumera algumas das diferentes

⁵⁶ Entrevista concedida por M., H. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Icoaraci, Região Metropolitana de Belém, 2019. Arquivo mp3 (22 min e 1 s).

possibilidades de origem para a expressão, enfatizando o seu caráter contraditório. Ele aponta para “o silêncio dos caboclos a respeito deles mesmos”, argumentando que este silêncio pode indicar uma identidade à revelia (CASTRO, F., 2013, p. 434). De tal forma que a carga simbólica do termo se tornou de-negativa com o passar dos anos. Estando o caboclo situado “no final da escala social” da região amazônica, torna-se possível a associação entre eles e as pessoas em situação de rua, com a diferença que, no caso da população de rua, a violência transcende a imposição de uma identidade invisibilizadora ao privar essas pessoas da satisfação de suas necessidades mais básicas, como comer e dormir.

Na entrevista de W.S., há um relato sobre quando uma senhora lhe atribuiu a identidade de morador de rua imundo, obviamente, à revelia dele:

Infelizmente ainda tem violência na rua, fora a discriminação, né? Tem muita gente que discrimina morador de rua. Como eu já ouvi uma senhora lá onde eu durmo, perto de onde eu durmo, quando ela tá abrindo a loja de manhã ela falou que esse povo é imundo. Quer dizer, poxa, eu não gostei daquilo. Eu não falei nada porque ela tá com a razão dela porque tem um bocado também imundo na rua. Tem uns que não tomam banho, tem uns que acabam de comer aqui, ali mesmo eles deixam a sujeira. Se bem que tem lixeira na rua. O cara acaba dormir com o papelão lá, não tira o papelão, não limpa. Às vezes, o irmão traz comida, aí fica as vasilhas de comida ali, tudo sujo. De ontem pra hoje eu dormi ali [...], quando eu me acordei tá bem do meu lado aqui casca de fruta, casca de banana, né? Banana, de maracujá, saco, farinha, tudo jogado pelo chão. Quer dizer, a pessoa que fez isso, comeu, se levantou e foi embora e deixou lá. Quer dizer, poxa, ninguém tem a obrigação de fazer isso na rua. É, nós temos os nossos direitos, mas temostambém os nossos deveres. Deveria ser mais educado na rua, ter mais cuidado aonde dorme. Então, poderia ser melhor a rua se fosse dessa forma, dessa maneira. (informação verbal)⁵⁷.

Assim como W.S., R.M. também relatou uma situação na qual teve uma identidade atribuída à sua revelia. No caso, ele contou que acontece de pessoas o virem de um lado da calçada e atravessarem para a calçada do outro lado da rua na tentativa de evitar um assalto, atribuindo-lhe assim a identidade de morador de rua assaltante:

Quando... uma... quando a gente tá assim... eu tô sentado... aí a pessoa vem lá na frente lá, ela enxerga a gente, ela atravessa a rua, entendeu? Atravessa a rua e lá na frente ela... ela volta pela mesma... mesma direção, entendeste? Ela segue, vai embora. Aí eu fico assim... eu fico chateado porque eu fico... Eras... as pessoas pensam que... Uma vez eu falei assim mesmo: é engraçado, vocês têm medo de passar aqui do nosso lado e aí você é roubado, vocês é roubado lá na frente, entendeu? Aí a menina ficou

⁵⁷ Entrevista concedida por S., W. Entrevista 3.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. 1 arquivo .mp3 (18 min e 30 s).

me olhando. Aí outro dia ela falou assim: Poxa, meu amigo, desculpa aí naquele dia, você falou aquilo, entendeu? É porque ficam constrangido, entendeu? Fica uma coisa chata, entendeu? As pessoas olhar pra gente de outro jeito, entendeu? Porque nem conhece, não sabe o problema, o motivo porque estamos naquela situação. E olha que eu não sou um cara de assustar ninguém, não, porque eu me visto bem, gosto de me vestir bem, entendeu? (informação verbal)⁵⁸.

R.M. disse que fica chateado e já chegou a confrontar uma pessoa que assumiu essa postura, dizendo: “é engraçado, vocês têm medo de passar aqui do nosso lado e aí você é roubado, vocês é roubado lá na frente, entendeu?”. Segundo ele, a falta de conhecimento das pessoas em situação de casa sobre seus problemas e sobre os motivos que o levaram à situação de rua fazem com elas tenham medo dele.

Outro aspecto interessante deste relato é a percepção da violência transcente a imposição de uma identidade invisibilizadora, uma vez que a pessoa em situação de rua, ao ser vista, pode ser fortemente rechaçada. Na etnografia de Costa (2004), temos um psicólogo que passa a utilizar o uniforme de gari e trabalhar com eles em um campus universitário para estudar a humilhação social. Segundo ele, “O ofício de gari parece acentuadamente atravessado por um fenômeno de gênese e expressão intersubjetivas: a *invisibilidade pública* – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem em meio a outros homens (COSTA, 2004, p. 57). No entanto, nos parece que, abaixo dos homens desumanizados descritos pelo autor, vistos como meros objetos a partir da vestimenta de uniformes, estão as pessoas em situação de rua. De acordo com ele:

A atenção que um homem dispensa a outro homem é de natureza diferente daquela dirigida a objetos. Entretanto, as pessoas que passam pelo gari não parecem ter sua atenção suficientemente modificada, modificada pelo poder específico, pela influência específica de que é capaz a presença de um outro humano que está ali: desviam-se dele como quem se desvia de um obstáculo, uma coisa qualquer que atrapalha o caminho (COSTA, 2004, p. 57).

A pessoa em situação de rua não é vista apenas como quem atrapalha o caminho, mas como alguém que põe a segurança do transeunte em risco. Quem o vê em uma calçada imediatamente atravessa para a outra. Não há ali um uniforme indicando uma função social, uma função subalterna que seja. Às pessoas em situação de rua são atribuídas identidades de carga simbólica denegativas diversas.

⁵⁸ Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44s).

Nas entrevistas, também foi possível observar uma identidade definida por outrem de carga simbólica denegativa oriunda de uma pessoa em situação de rua em relação a outras pessoas em situação de rua. Quando perguntado sobre o que gosta na rua, H.M. garantiu que não há nada que possa ser mencionado como um fator positivo da rua:

Pra mim não existe a rua, ela sumiu do meu mapa. Ela leva muito pesadelo pro povo, leva assim... muita assim... gente que a gente encontra na rua assim... gente de maldade, não têm o coração bom, só os corações mau. E... quando eu venho assim, quando eu fico lá eu trato muito bem eles, entendeu? Eu tento ajudar duma parte, eu tento acalmar outra, entendeu? Tento acalmar mais um que quer brigar. (informação verbal)⁵⁹.

Logo em seguida, perguntei para ele sobre onde ele dorme atualmente e ele respondeu ser em uma calçada em frente a uma igreja. Ou seja, mesmo ainda em situação de rua, ele momentaneamente negou este fato dizendo que a rua sumiu de seu mapa, que nela se encontra “gente de maldade” e se referiu às pessoas em situação de rua na terceira pessoa do plural, como se estivesse fora do meio das pessoas em situação de rua, atribuindo-lhes a identidade de morador de rua mau caráter, por meio das expressões “gente de maldade/ não têm coração bom/ só os corações mau”.

A situação de rua é considerada como um comportamento desviante na sociedade contemporânea, o que leva muitos a verem as pessoas nesta situação como “Outsiders”. Becker (2008, p. 27) define “Outsider” como aqueles que são considerados desviantes por outras pessoas, estando “fora do círculo dos membros ‘normais’ do grupo” (BECKER, 2008, p. 27). Em outras palavras, há condutas consideradas dentro de um padrão de normalidade pela sociedade e outras que se desviam a este padrão. Todavia, o desvio “não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele” (BECKER, 2008, p. 27). Isso significa que uma mesma conduta pode resultar em coerção social ou não, dependendo do contexto no qual o desvio ocorra. “Em suma, se um dado ato é desviante ou não, depende em parte da natureza do ato (isto é, se ele viola ou não alguma regra) e em parte do que outras pessoas fazem acerca dele” (BECKER, 2008, p. 26). Um exemplo dessa flexibilidade da sociedade

⁵⁹ Entrevista concedida por M., H. Entrevista 4.[9 ago. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Icoaraci, Região Metropolitana de Belém,2019. Arquivo mp3 (22 min e 1s).

em considerar uma conduta desviante ou não é o uso de drogas. Assim, alguns usuários de drogas são considerados “Outsiders”, contudo, dependendo de seu meio social, este comportamento pode ser visto com condescendência. Para W.S., o uso de drogas é considerado uma conduta aceitável, desde que a pessoa não se torne violenta ao consumi-la:

E tem umas coisas que eu não gosto da rua, por exemplo, é de certos amigos que fumam a droga e fica violento. Eu, por exemplo, eu fumo a droga, mas eu não tenho essa ideia de violência na rua porque ninguém, isso não é legal, não traz boas coisas, não é? Bons benefícios. Então, da rua são essas coisas que eu não gosto. Bebo, eu gosto de beber tranquilo, eu gosto de bater papo, eu gosto de estar cantando, fazendo música, tocar, então, inclusive, tem um bocado aqui que sabem que eu sou desse jeito. Mas na rua também eu já fui agredido, eu fui atacado com um terçado. Não fui... não morri pela graça da Deus. Mas... tá tudo bem. (informação verbal)⁶⁰.

Ele afirmou fumar droga, sem especificá-la, mas não ter “essa ideia de violência na rua”. Porém, afirmou ter amigos que fumam drogas e ficam violentos, o que faz com que ele não goste de estar em situação de rua. Ele disse gostar de beber, bater papo, cantar, fazer música e tocar e ser reconhecido pelos seus pares por fazer essas coisas com tranquilidade. Todavia, ele contou já ter sido vítima de diversos atos de violência, sendo sua vida protegida por Deus.

Já R.M., em sua entrevista, falou sobre o sonho de ficar longe das drogas para viver uma vida que ele considera normal. Quando perguntado sobre os seus planos para o futuro, ele disse que, se pudesse voltar no tempo, não teria agido da mesma forma, porque já teria conhecimento sobre as dificuldades que iria enfrentar. Ele revelou ter vontade de deixar de consumir drogas, mas ter dificuldade de sustentar essa decisão por se sentir fraco.

Eu: Perdão, eu não entendi. Tu disseste que tu não consegues dar conta de dias, de meses... Mas não consegue permanecer... é... longe da rua?

R.M.: Não... é... longe da... da droga, né? Porque... estando na rua tem droga. Tem droga, tem rua, tá entendendo? Porque nem todos, mas no meu caso, o que faz é... com droga ou sem droga, tem que ter rua. Porque eu já estou estabelecido, entende? Então eu digo assim, se eu tivesse um tratamento sério assim, eu querer mesmo, da minha vontade, tá entendendo? Me curar, sabe... desintoxicar desse negócio aí, entende? Eu sigo a minha vida normal, tá entendendo? Eu tenho como seguir minha vida normal. Tem gente aí (incompreensível): poxa hoje em dia eu não sinto nada, eu não sinto nem vontade, em tantos anos e não tem, tá entendendo? E... eu quero viver bem,

⁶⁰ Entrevista concedida por S., W. Entrevista 3.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. 1 arquivo .mp3 (18 min e 30 s).

tá entendendo? Eu quero viver bem, ter meu bom emprego de volta, tá entendendo? Quero me vestir bem, ter um local pra dormir, tá entendendo? Viver bem, né? Em sociedade... porque eu olho assim, eu vejo assim e fico olhando, sabe? Uma família. Uma família assim... passeando... Eu já fiz isso, mas agora não vejo como. Eu não tenho espaço pra fazer isso, tá entendendo? Eu me arrependo muito. Eu quero ter uma vida normal, ter um emprego, uma família, tá entendendo? Queria não, eu quero. E eu sei que eu consigo, eu sei que eu consigo. Não sei se vai ser essa entrevista que vai mudar tudinho, entendeu? Mas eu tenho fé em Deus de contar pra vocês a minha mudança de vida, tá entendendo? Eu creio. (informação verbal)⁶¹.

R.M. reconhece a dificuldade que tem para parar definitivamente de consumir drogas e manifesta interesse em fazer um tratamento de desintoxicação para “seguir uma vida normal”, “viver bem”, “em sociedade”, ter um emprego, se vestir bem, ter um local para dormir, ter uma família e falar às pessoas sobre a mudança em sua vida. A aspiração por uma vida “normal” se evidenciou na fala da maior parte dos entrevistados. Sobre as suas perspectivas para o futuro, H.M. respondeu:

É... mudar de vida, mudar a minha aparência, né? Botar uma dentadura no rosto, aqui na peça, de novo botar no meu dente, e me ajeitar também, voltar a trabalhar, esse que é meu futuro. Documento eu tenho, eu tenho todos os documentos aí. E... assim, orar mais, né? Ter emprego, essas coisas. Mas se Deus quiser Deus vai... vai abençoar, abrir uma porta pra mim. (informação verbal)⁶².

Já E.C., embora tenha primeiramente respondido que não tinha planos pro futuro, disse sonhar em morar com seus filhos e sua mãe. P.C. alega ter formado uma nova família na rua e, conquanto nunca tenha parado para fazer planos para o futuro, pretende:

[...] fortalecer o movimento da população em situação de rua para que as pessoas que estejam também em situação de rua possam também brigar pelos seus direitos. Não esperar que alguém vá brigar por ele. Para que ele reconheça que é garantidor de direitos e detentor de direitos. Então, ele precisa ir atrás, fortalecer o Fórum de Usuários do Sistema Único de Assistência, o SUAS, e eu quero... assim... hoje eu tenho trabalhado com algumas pessoas pra... tentar que elas deem sequência ao que eu comecei. Hoje estou no Conselho Municipal de Assistência, nós estamos na vice-presidência através do Fórum Municipal de Usuários e eu pretendo colocar alguém na Assistência. Porque assim como eu briguei muito pela Assistência, quero que outras pessoas continuem brigando. Eu quero brigar na área da saúde também que é muito prejudicial às pessoas em situação de rua. (informação verbal)⁶³

⁶¹ Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44 s).

⁶² Entrevista concedida por M., R. Entrevista 2.[26 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém,2019. Arquivo .mp3 (38 min e 44 s).

⁶³ Entrevista concedida por C., P. Entrevista 1.[11 jun. 2019]. Entrevistador: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. Arquivo .mp3 (16 min e 51 s).

Para P.C., ser visto pelos seus pares como uma pessoa que briga pela defesa dos direitos das pessoas em situação de rua é motivo de alegria. Neste sentido, ser visto como uma pessoa “normal”, que adota comportamentos convencionais e está inserida em instituições tradicionais, está entre as aspirações de grande parte dos entrevistados na medida que é por meio desse padrão social de normalidade que é possível.

De acordo com (BECKER, 2008, p. 37), a pessoa “normal” está imersa em instituições e comportamentos convencionais e, caso adotem comportamentos desviantes, atividades aos quais esteja envolvido de forma indireta poderão ser afetadas. Segundo o autor, quando outras coisas estão em jogo – como o emprego, a família e a reputação – o indivíduo pode desistir de sua inclinação pela busca de um prazer efêmero. Assim, “Em vez de perguntar porque desviantes querem fazer coisas reprovadas, seria melhor que perguntássemos por que as pessoas convencionais não se deixam levar pelos impulsos desviantes que têm” (BECKER, 2008, p. 37). Ao inverter a perspectiva, tem-se a ideia de que todas as pessoas são desviantes em potencial, mas muitas deixam de se tornar desviantes, ou tentam deixar de ser desviantes, por conta das consequências sociais deste ato.

3.3 Espelho como imagem invertida de si mesmo

A provocação de Becker (2008, p. 37) sobre o porquê de muitas pessoas se evadirem ao desvio nos levou à reflexão sobre o espelho como uma imagem invertida de mim mesma. Contudo, antes de avançarmos nesta discussão, faremos a seguir a descrição de um dos encontros que participei. É possível que, ao ler a descrição, brote no leitor a curiosidade em saber a opinião dos participantes a respeito dos temas discutidos na ocasião. Contudo, para esta dissertação de mestrado, optamos por não fazer um grupo focal. Julgamos ser a interpretação dos exemplares e as entrevistas em profundidade mais profícuas e suficientes para a amplitude da pesquisa que pretendíamos desenvolver. O intuito desta descrição, portanto, não é discutir a opinião dos participantes a respeito dos temas abordados, mas apresentar melhor o campo desta pesquisa, por meio da descrição do trabalho que desempenho como voluntária do projeto, para, em seguida, trazer algumas das reflexões que me atravessam a partir dela.

No dia 5 de junho de 2019, eu e a Caroline Maciel, voluntária do jornal “A verdade rua e crua”, chegamos por volta das 15 horas ao Centro Pop de São Brás como havíamos combinado previamente com a psicóloga do Centro, Débora Farias. Fomos direcionadas a uma sala ampla com ar condicionado onde costumam ser desenvolvidas as atividades propostas no Centro e eles costumam descansar. No entanto, como a maior parte deles estava em uma área externa que fica nos fundos do Centro, semelhante a um quintal, decidimos fazer a roda de conversas nesta área. Colocamos as cadeiras em forma de círculo e começamos o encontro com a nossa apresentação pessoal e, em seguida, a do projeto. Além de mim, da Caroline Maciel e da Débora farias, estiveram presentes na reunião duas estagiárias do Centro Pop de São Brás e quatro usuários do serviço⁶⁴.

Comecei dizendo o meu primeiro nome e o da Carol e explicando que fazíamos parte do projeto de jornal “A verdade rua e crua”. Falei sobre quando ele começou, que ele é feito por pessoas com trajetória de rua com o intuito de trazer à tona as questões da rua, oferecer serviços, além de revelar talentos no desenho e na escrita e ser um espaço para tornar público o que a pessoa quiser.

Em seguida, a Caroline perguntou se alguém já tinha ouvido falar do projeto ninguém disse que sim – e há quanto tempo as pessoas presentes frequentavam o Centro Pop – obtendo respostas diferentes. Ela explicou que o projeto tenta manter uma regularidade de três meses para a impressão dos exemplares e perguntou se alguém tinha alguma dúvida em relação ao seu funcionamento. Em seguida, informou que são feitas rodas de conversas e que, geralmente, as pessoas escrevem sobre o que elas quiserem, como versículos da bíblia, ofertas de serviços, dentre outras coisas. Caroline disse que nós duas e a Daiane – que também é voluntária do projeto, mas não estava presente naquela ocasião – temos a função de falar em diferentes locais sobre a ideia do jornal, mas que os jornalistas são as pessoas com vivência na rua e, por isso, as voluntárias tentam não direcionar as pautas. Ela disse que há também colaboradores eventuais que diagramam e outros que viabilizam as impressões.

Na ocasião, eu falei que a minha pesquisa do mestrado era sobre o projeto e

⁶⁴ Escolhemos não identificar as estagiárias e os usuários dos serviços porque, na ocasião da reunião, não conversamos sobre a possibilidade de fazer um texto acadêmico descritivo do encontro. Já as psicólogas Débora Farias e Caroline Maciel estão cientes de que seus nomes constam nesta dissertação.

que achava interessante a possibilidade de o jornal chegar a pessoas diversas, como pesquisadores, políticos, crianças, trabalhadores, dentre outras. Argumentei que muitos, por desconhecerem a realidade das ruas, têm uma visão preconceituosa a respeito das pessoas nesta situação. No entanto, por meio da leitura dos jornais, as pessoas em situação de casa podem começar a se ver mais parecidas com elas. A Caroline mencionou que houve denúncias de violência policial em edições anteriores e que há muitas formas de se contar uma mesma história, porém, muitas vezes, a versão das pessoas em situação de rua não é escutada. Ela perguntou se alguém conhecia o Paulo Henrique, que faz parte do projeto e é integrante do Movimento Nacional das Pessoas em Situação de Rua, e contou que ele escreveu um texto sobre o Dia Nacional de Luta da Pessoa em Situação de Rua. Ela também disse que estávamos tentando produzir um material para o dia 19 de agosto de 2019, Dia Nacional de Luta da Pessoa em Situação de Rua.

A psicóloga do Centro Pop trouxe uma edição do jornal, a qual foi repassada entre os presentes para que eles a olhassem. Também foi dito por mim que, quando conseguimos uma tiragem alta, são distribuídos exemplares mesmo para quem não participou da elaboração, mas quer se engajar no projeto. A Caroline afirmou que atualmente não estipulamos mais o preço dos exemplares e as pessoas que os vendem podem dar o preço que quiserem. Ela citou os exemplos do Diemerson, que conseguiu vender um exemplar por R\$20, e do Luciano, que tinha apenas um exemplar e o lia nos ônibus para receber as doações.

Depois de falar sobre o jornal, a Caroline sugeriu que cada um se apresentasse e falasse os motivos que os levaram às ruas. Após a apresentação de cada um, a Caroline contou que fez a sua dissertação de mestrado tentando entender o que levava as pessoas às ruas e como era estar nesta situação. Dentre os resultados de sua pesquisa, ela alegou ter aprendido que há diversas regras a serem respeitadas nas ruas e que as pessoas que estão nesta situação estão sempre sujeitas a muitas formas de violência. Em seguida, ela perguntou aos participantes se eles gostariam de compartilhar alguma experiência e, para estimular a fala dos participantes, foram apresentadas quatro charges impressas em preto e branco em papel A4. As imagens foram retiradas do perfil @o.ribs do Instagram do chargista Matheus Ribeiro.

Na primeira delas, uma mulher negra toda vestida de branco estende suas mãos a um homem – também negro e vestido de branco, porém, com uma auréola – em um gesto de ajuda para que ele saia de um carro. O carro é preto e tem várias

marcas de tiro. No asfalto, há sangue, que escorre do carro, e balas.

A charge foi publicada no perfil do artista em 9 de abril de 2019, dois dias depois do assassinato do músico Evaldo dos Santos, que estava em seu carro com a esposa e o filho de 7 anos quando foi alvo, segundo a perícia da Polícia Civil, de 257 disparos feitos por integrantes do Exército Brasileiro dos quais 80 atingiram o seu carro. O julgamento do caso será em abril de 2020 (LANNOY, 2019, on-line). A charge igualmente faz referência ao assassinato da socióloga e vereadora do Rio de Janeiro do Partido Socialismo e Liberdade (PSol) Marielle Franco, a qual também foi assassinada dentro de seu carro juntamente com o motorista Anderson Pedro Gomes em 14 de março de 2018. Investiga-se, atualmente, a ligação a morte de Marielle e a família do atual Presidente da República, Jair Bolsonaro (VARGAS; BEHNKE, 2019, on-line).

Figura 14 - Charge na qual uma mulher ajuda um homem, ambos negros e vestidos de branco, a sair de um carro com marcas de bala



Fonte: Imagem publicada em 9 de abril de 2019 no perfil @o.ribs do Instagram (RIBEIRO, 2019c, on-line).

No encontro no Centro Pop São Brás, Caroline apresentou a primeira charge explicando que a ilustração fazia referência aos casos de Evaldo Santos e de Marielle

Franco, questionando: quem são os alvos de 80 balas? Teve início uma discussão sobre quem são os principais alvos da violência, qual a cor da pele dessas pessoas e suas classes sociais.

A segunda charge apresentada tem a imagem de dois homens sendo crucificados, um está retratado de frente e tem os cabelos longos, barba e uma coroa de espinhos – semelhante às imagens que costumam fazer referência a Jesus Cristo e outro homem à direita de cabelos curtos e posicionado de lado. Acima da cruz do homem que está de frente está escrito: “Se tá na cruz é porque mereceu! Se não quer ir pra cruz é só não roubar!”.

Figura 15 - Charge em que estão ilustrados dois homens em uma cruz. Um deles diz: “Se tá na cruz é porque mereceu! Se não quer ir pra cruz é só não roubar!”



Fonte: Imagem publicada em 15 de fevereiro de 2019 no perfil @o.ribs do Instagram (RIBEIRO, 2019b, on-line).

A discussão seguiu por meio da relação entre as duas charges: será que Evaldo levou 80 tiros por que mereceu? O que quer que alguém faça justifica 80 tiros ou

mesmo um único tiro? Será que Jesus falaria o que está escrito na charge? Será que nós falaríamos? Quem pensa dessa forma? Será que a abordagem militar seria a mesma em um bairro nobre? Os participantes opinaram e trouxeram exemplos da violência no cotidiano deles.

Na terceira charge apresentada, está escrito “Desafio dos 10 anos” à esquerda da ilustração. Ao lado da frase há um livro aberto no qual está escrito na página esquerda “2009/Fome Zero/ Cartão Alimentação/ Banco de Alimentos/ Restaurantes Populares/ Segurança Alimenta (sic)/Cisternas no Sertão” e na página direita “2019/ 5,2 milhões de brasileiros voltam a passar fome”. Em frente ao livro está um menino negro, com fisionomia triste, barriga proeminente, mas costelas aparentes e membros inferiores e superiores finos. O menino estende um objeto para a frente em um gesto que pode ser entendido como um pedido de esmola.

Figura 16 - Charge em que criança pede dinheiro diante de um livro em que projetos sociais contra a subnutrição de 2009 contrastam com 5,2 milhões de brasileiros que voltaram a passar fome em 2019



Fonte: Imagem publicada em 21 de janeiro de 2019 no perfil @o.ribs do Instagram (RIBEIRO, 2019a, on-line).

A ilustração faz alusão a um desafio que viralizou na internet, o

#10yearschallenge (no Brasil, “desafio dos 10 anos”), no qual as pessoas postavam uma foto sua de 2009 ao lado de uma de 2019 (O’NEILL, 2019, on-line). Nesta charge, há uma crítica abrandamento de políticas sociais de combate à fome, como o Programa Fome Zero e o Programa Cisternas, que estavam em vigência em 2009, já que o relatório “O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2018” (ONU Brasil, 2018, on-line), divulgado em setembro de 2018 pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), mostrou que 5,2 milhões de brasileiros estão subalimentados.

No encontro no Centro Pop São Brás, os participantes foram convidados a refletir sobre questões que não afetam apenas a um indivíduo, mas à coletividade. Em que projeto político estamos inseridos? O que vem acontecendo no Brasil nos últimos tempos? A quantidade de gente passando fome está aumentando ou diminuindo? E a violência? E o desemprego? Para conter a violência é melhor aumentar a quantidade de empregos ou liberar as armas? As armas aumentam a criminalidade? Quem são as pessoas que terão acesso às armas? A população de rua conseguirá adquiri-las ou será vítima das pessoas que têm poder aquisitivo?

A última charge traz várias pessoas caminhando em direção aos braços abertos de Deus (um homem com um triângulo na cabeça, túnica branca mais elaborada que a das demais pessoas e com contornos amarelos, indicando brilho). Há um homem que pergunta “De onde chegam tantos?” e Deus responde “Da intervenção militar”. Também há dois anjos e todas as pessoas representadas são negras, inclusive Deus.

Figura 17 - Charge em que muitas pessoas negras chegam aos céus e Deus alega que elas vieram da intervenção militar



Fonte: Imagem publicada em publicada em 9 de abril de 2019 no perfil @o.ribs do Instagram (RIBEIRO, 2019d, on-line).

A Constituição Brasileira de 1988 prevê no Título V, Capítulo I, Seções I e II o uso das Forças Armadas apenas em casos de Intervenção Federal; Estado de Defesa; e Estado de Sítio. No entanto, desde 1994, a Marinha, o Exército e a Força Aérea do Brasil vêm sendo utilizados em ações contra o crime organizado (GODOY, 2018, on-line). Em fevereiro de 2018, o então presidente Michel Temer por meio do Decreto n.º 9.288, de 16 de fevereiro de 2018, decretou a intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro. Sete meses após o início da intervenção, o laboratório sobre violência armada Fogo Cruzado registrou um aumento de 62% dos tiroteios comparado ao

mesmo período do ano anterior. Só na capital do Rio de Janeiro, foram registradas 304 mortes e 407 pessoas ficaram feridas (PORTAL R7, 2018, on-line).

No encontro de junho de 2019, nos questionamos se existem outras formas dos militares trabalharem ou se esta forma truculenta que conhecemos é a única possível. Nos perguntamos: se nós fossemos policiais, como trabalharíamos? Quem é o governo? Como podemos checar se os nossos políticos estão nos representando a contento? Como cobrá-los?

Na fala das pessoas em situação de rua é muito comum que apareçam elementos religiosos, como a crença de que estamos constantemente vivenciando uma luta espiritual entre o bem e o mal. Na ocasião, refletimos sobre qual é o nosso papel nessas lutas, sejam elas espirituais ou não. De que forma estamos nos posicionando? Quais as nossas ações? Quais são as nossas obras?

Próximo às 16h, eu e a Caroline informamos que quem quisesse escrever algo sobre o que foi discutido para que fosse publicado no jornal “A verdade rua e crua” poderia fazê-lo naquele momento ou com mais calma em outro dia. Os papéis poderiam ser entregues à Débora e nós voltaríamos em duas semanas para buscá-los. Explicamos que, quem não soubesse escrever, poderia participar pedindo para outra pessoa escrever as suas ideias. Agradecemos a participação de todos e a disponibilidade para pensarmos sobre esses assuntos e encerramos a reunião.

Nem sempre conseguíamos captar a atenção dos jornalistas de rua nos encontros nos quais tentamos estabelecer novos vínculos. Muitas vezes, quando chegávamos para falar do projeto, os usuários dos serviços de assistência pública não queriam ouvir, afinal, tinham passado a noite em claro e só queriam recuperar o sono perdido. É possível que eles tivessem preocupações mais urgentes, como comer, tratar uma doença ou escapar de uma situação de risco nos lugares aonde transitam. Havia quem estivesse sob o efeito de entorpecentes, quem não estivesse disposto a empregar suas energias em um projeto apresentado por quem quer que fosse e uma infinidade de outras possibilidades que nunca saberemos. Mas havia encontros, como o descrito acima, nos quais eles se dispunham a falar e nos afetavam de maneira avassaladora.

Embora não tenhamos nos proposto a apresentar nesta dissertação uma etnografia, a discussão de Jeanne Favret-Saada (2009) em “Être affecté” nos suscitou reflexões importantes sobre a forma como fui afetada pelo campo. A autora discute a experiência que a levou a reconsiderar a questão do afeto e propõe a reabilitação da

“velha sensibilidade” por meio de uma forma de fazer etnográfico cujo dispositivo metodológico não esteja baseado nem na observação participante nem na ideia de empatia.

Para ela, a observação participante é uma espécie de oxímoro: “[...] Observar participando ou participar observando é quase tão evidente quanto degustar um sorvete fervente” (2009, p. 147, tradução da autora desta dissertação)⁶⁵, ou seja, tão impossível quanto tomar um sorvete fervendo é observar e participar ao mesmo tempo. Favret-Saada também discute duas acepções da palavra empatia – a que corresponde à experimentação indireta do que sente, percebe ou pensa o outro, pressupondo um distanciamento; e à comunhão afetiva (*Einfühlung*), que ocorre mediante a instantaneidade da comunicação e pressupõe a fusão por meio da identificação com o outro. Para ela, a conexão a uma variedade particular da experiência humana é possível por meio de um “être affecté”. O ser afetado; conforme a autora, não significa se identificar com o ponto de vista do nativo ou se aproveitar da experiência do campo para exercitar o narcisismo, mas dar lugar “à comunicação não verbal, não intencional e involuntária, ao surgimento e livre jogo de afetos desprovidos de representações” (2009, p. 161, tradução da autora)⁶⁶. Segundo ela, suas experiências em campo a partir deste dispositivo metodológico a conduziram a explorar diversos aspectos “de uma opacidade essencial do sujeito para si mesmo” (FAVRET-SAADA, 2009, p.161, tradução da autora da dissertação)⁶⁷.

Não foram poucas as vezes que estive a tal ponto afetada pelo campo que não tive condições de descrevê-lo e minha “observação participante” foi pelo ralo. No decorrer de meus cinco anos de voluntariado, foram estabelecidas “comunicações não verbais, não intencionais e involuntárias”, houve momentos nos quais me deixei levar livremente pelo “jogo de afetos desprovidos de representações” e confesso que, em função disso, uma parte dos projetos de conhecimento a que me propus foi sendo desfeita ao longo do processo. Mas, ao correr este risco do “être affecté”, também vieram à tona aspectos de minha opacidade para mim mesma.

O reconhecimento da distância socioeconômica entre eu, Bianca, e o Outro (jornalista de rua), quem quer que seja, provocou dificuldades de compreensão

⁶⁵ No original: “(...) observer en participant, ou participer en observant, c'est à peu près aussi évident que de déguster une glace brûlante”.

⁶⁶ à la communication non verbale, non intentionnelle et involontaire, au surgissement et au libre jeu d'affects dépourvues de représentations

⁶⁷ No original: “d'une opacité essentielle du sujet à lui-même”.

mútuas durante os dois anos desta pesquisa, uma vez que tanto as questões que propusemos, muitas vezes, não faziam sentido para eles; quanto o que eles me diziam, muitas vezes, era de difícil compreensão para mim. Até mesmo as práticas cotidianas mais óbvias para as pessoas em situação de rua – como dormir pela manhã e ficar acordado à noite por motivo de segurança – foram descobertas surpreendentes. Percebi que não sabia sobre o outro, mas também sobre mim mesma, sobre minhas ignorâncias e meus locais de privilégio. De tal forma que, como disse Clarice Lispector sobre Macabéa: “Quando acordava não sabia mais quem era” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Eu nasci em Belém do Pará, em 24 de outubro de 1987. Sou socialmente branca, filha de uma médica e de um engenheiro mecânico e morei praticamente a vida toda no bairro Batista Campos. Estudei durante todo o Ensino Fundamental e Ensino Médio no Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, ainda que sendo bolsista por alguns anos, e concluí o Ensino Superior em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em 2013, na Universidade Federal do Pará, tendo trabalhado como repórter e editora do jornal *O Liberal* entre 2011 e 2015, analista de mídias sociais na Ideal Conveniada Fundação Getúlio Vargas em 2016 e coordenadora da Assessoria de Comunicação da Defensoria Pública do Estado do Pará de 2016 a 2018, até ingressar no mestrado do Programa Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal como bolsista. Estas informações se tornam relevantes por marcarem a distância social que me separa dos jornalistas de rua que participaram desta pesquisa. Nunca enfrentei dificuldades financeiras severas, morando e estudando em locais considerados elitizados e, desde que comecei a trabalhar, recebendo salários equivalentes ao salário normativo dos jornalistas estabelecido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Neste sentido, embora o acesso a tantos privilégios tenham criado distanciamentos entre a pesquisadora e os pesquisados, demandando que fossem redobrados os cuidados interpretativos, bem como o rigor nos critérios de obtenção das informações, ele nos lançou a um estranhamento da realidade que evidenciou, sincronicamente, o pensamento levinasiano, sobretudo quando pensamos na metáfora do espelho como uma imagem invertida de mim mesma.

Quando apresentei minha qualificação, uma das sugestões que recebi do Prof. Dr. Maurício Rodrigues de Souza, que compôs a minha banca avaliadora, foi falar sobre o reflexo do espelho como uma imagem invertida de si mesmo. Esta provocação

ecoou bastante nas minhas reflexões. (E agora sou novamente surpreendida pela ideia do reflexo no momento mesmo em que digito a palavra “reflexões”). Igualmente, nas apresentações dos artigos em eventos acadêmicos e em outras oportunidades nas quais discuti sobre a minha pesquisa, fui constantemente desafiada a deixar transparecer no texto este afetar do campo em mim, tão inevitável nas pesquisas acadêmicas. De fato, o esforço de construção de pontes de intersubjetividade e a tentativa de superação da distância infinita entre eu (Mesmo) e os jornalistas de rua (Outro), revelou-me muito sobre o Outro como uma in-versão de mim, ou seja, um Outro que não é meu semelhante, mas meu diferente. Mas, ainda enquanto uma não-versão de mim e, talvez, justamente por isso, o Outro me diz respeito.

Em Lévinas (2010, p.193), temos: “Mas eis que, através do rosto de outrem — através da sua mortalidade — tudo o que, em outrem, não me diz respeito, “me diz respeito” (“me regarde”)⁶⁸. Em francês, o verbo “regarder” pode ser traduzido tanto como “olhar” quanto como “dizer respeito a”. Neste jogo de palavras, Lévinas nos faz pensar sobre a responsabilidade em relação ao outro, mesmo e justamente quando ele não é nosso “próximo”, nosso “semelhante”. Por meio do rosto do Outro, tudo o que não me olha ou não me concerne, me olha ou me concerne.

Assim, mesmo um jornal-espelho que não me mostra, diz-me respeito, uma vez que a minha responsabilidade enquanto Mesmo antecede o que Outrem é em relação a mim: “[...] na relação ao Rosto, o que se afirma é a assimetria: no começo, pouco me importa o que Outrem é em relação a mim, isto é um problema dele; para mim, ele é antes de tudo aquele por quem eu sou responsável” (LÉVINAS, 2010, p. 131-2)⁶⁸. Ao colocar a questão da responsabilidade do Mesmo para como o Outro, o filósofo evidencia a distância que se estabelecem a partir de nossas assimetrias, diferenças essas que se dão mesmo entre os próprios jornalistas de rua, uma vez que as entrevistas trouxeram à tona relações hostis entre eles.

Ao apresentar a ideia de intersubjetividade assimétrica, Lévinas (1998, p. 114) aponta para um lugar de transcendência em que o sujeito “ao mesmo tempo em que conserva sua estrutura de sujeito, tem a possibilidade de não voltar fatalmente a si mesmo, de ser fecundo” e, posteriormente, deslocando o problema ontológico da questão da subjetividade, preconiza: “Todas estas questões [ontológicas] já se colocaram no cosmos dado do racionalismo grego, no teatro do mundo, onde lugares

⁶⁸ No original: “Mais voici que, a travers le visage d'autrui — a travers sa mortalite —, tout ce qui, en autrui, ne me regard pas ‘me regard’” (LÉVINAS, 1991, p. 173 *apud* Pfeuffer, p. 68).

estão todos prontos para acolher os existentes. O evento que buscávamos é anterior a esse posicionamento. Ele concerne à significação do próprio fato de que no ser há entes” (LÉVINAS, 1998, p. 119). Entendemos, por meio destes excertos, que a intersubjetividade levinasiana ocorre em nível ôntico, da autenticidade. Neste sentido, mesmo emulando o entendimento do Outro como aquilo que eu não sou (LÉVINAS, 1998, p. 113), entendemos como possível pensar a esfera no “nós” se nos referimos à vida cotidiana, uma vez que: “O mundo da vida cotidiana não é meu mundo privado, mas um mundo intersubjetivo, compartilhado com meus semelhantes, experienciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos” (SCHUTZ, 2012, p. 179). De acordo com Schütz, a pressuposição “ingênua” da esfera do “nós” é posta no mundo-da-vida e, portanto, é nesta esfera inautêntica que é possível um espaço efetivo de conexões e trocas de perspectivas subjetivas individuais. Uma vez que a experiência intersubjetiva do jornal “A verdade rua e crua” – bem como os demais fenômenos sociais – acontece simultaneamente de forma autêntica e inautêntica, entendemos que é possível pensar o fenômeno do jornal ao mesmo tempo por meio destas duas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voluntária há cinco anos do jornal “A verdade rua e crua”, parti de minha própria experiência empírica para propor um trabalho que buscasse trazer percepções sobre o fenômeno social da confecção do jornal por meio da tipologia das relações sociais de Alfred Schütz e do referencial ético da alteridade de Emmanuel Lévinas. Na tentativa de fazer a *epoché* da experiência social das pessoas com trajetória de rua ao fazer um jornal, procuramos refletir como este fenômeno se constitui em uma prática intersubjetiva, bem como sobre sua capacidade de contribuir para a superação da distância infinita entre o Mesmo e o Outro.

Para isso, fizemos um levantamento do cenário no qual ele emergiu na Região Metropolitana de Belém baseado em estatísticas a respeito dos índices de violência na cidade e de pesquisas a respeito da população de rua; contamos um pouco sobre os caminhos que me levaram ao voluntariado, bem como os primeiros passos do jornal; explicamos em que consistem os encontros que dão origem aos impressos e descrevemos a materialidade dos jornais, bem como as estratégias metodológicas adotadas para a interpretação do conteúdo conquistado. Em seguida, apresentamos as “narrativas errantes” obtidas por meio dos cinco exemplares já publicados e da entrevista de cinco jornalistas de rua anônimos. Vieram à tona os medos da população de rua, a situação de violência na qual está imbricada, as questões referentes às drogas e à religiosidade, as belezas que desvendam nas ruas, além de suas estratégias de resistência.

Neste percurso, refletimos sobre a importância de materializar e documentar estas narrativas errantes, mas também sobre a relevância da existência de um jornal feito pela população de rua que diz sobre um processo de articulação política pequeno, mas existente e resistente. Refletimos sobre as violências simbólicas impostas à população de rua por meio da atribuição de identidades denegadas e sobre as implicações de ter sido afetada pelo meio, bem como sobre as descobertas ao vislumbrar em um jornal-espelho a in-versão de mim que “me regarde”. E quantos outros reflexos mais nos revelariam este jornal-espelho a partir de interseções com outras categorias de análise, tais quais gênero, raça, colonialidade, sexualidade, dentre outras?

Na minha qualificação, fui questionada pela banca sobre como eu trabalharia com Schütz e Lévinas, se seus pensamentos, muitas vezes, são divergentes.

Certamente, um desafio. Lévinas nos mostra ser preciso levar em consideração as distancias que nos separam, pois é imprescindível ao exercício de uma ética da alteridade reconhecê-las e respeitá-las. Já Schütz nos faz pensar sobre os semelhantes como pressupostos. Ao mesmo tempo em que a ética da alteridade de Lévinas nos convidava a conhecer o Rosto do Outro, Rosto este que é distante e diferente do Mesmo, totalmente único, as tipificações e relevâncias de Schütz, a partir das temáticas recorrentes nas entrevistas e nos jornais, nos convidavam a reduzir as diferenças entre aqueles se apresentavam nas entrevistas e nas páginas do jornal.

Estava posto o paradoxo entre proximidade e distância que, em minhas considerações finais vejo que, não apenas é irresolúvel, como também nos mobiliza à reflexão sobre o lugar de cada um no mundo, sempre atravessado por esse Outro, que nunca é tão outro assim. De forma que meu diferente é meu semelhante e, ao mesmo tempo, meu semelhante é meu diferente. Afinal, minha história de vida e todos os privilégios aos quais tive acesso representam distancias irreparáveis entre eu e meus entrevistados. Ao mesmo tempo, à revelia da disparidade de nossas trajetórias e singularidades, não estamos todos sujeitos, ainda que de maneiras diferentes, ao amor, à raiva, à doença, à amizade, ao prazer, à dor e a tantos outros aspectos em comum, sobretudo, à morte? Não é ao mesmo pó que, metaforicamente, todos nós voltaremos? Compartilhado de forma perversamente desigual, mas ainda assim, compartilhado, o mundo-da-vida diária é intersubjetivo, comum a todos (SCHÜTZ, 2012, p. 179), ainda que esta intersubjetividade seja assimétrica (LÉVINAS, 1998, p. 114). Por mais abissal que seja a distância entre o Mesmo e o Outro, “A gente é tudo gente” (COSTA, 2004, p. 250). As distâncias sociais, históricas, geográficas, culturais, econômicas, raciais, de gênero e afetivas existem e precisam ser consideradas. Mas a diferença do outro não o inferioriza e tampouco me isenta de responsabilidade ética sobre ele.

Para além das coincidências e divergências entre o Mesmo e o Outro, entendemos que é necessário adotarmos um referencial ético da existência de redução das desigualdades sociais, seja ele referenciado no “être affecté”; na alteridade, na semelhança, ou mesmo baseado no paradoxo da alteridade e da semelhança. É preciso abraçarmos um referencial ético que se volte ativamente para a urgência da situação de extrema vulnerabilidade às quais estão sujeitas as pessoas em situação de rua.

Muitas das respostas sobre como avançar foram reveladas pelos jornalistas de

rua nas entrevistas feitas para esta dissertação, bem como nas linhas e entrelinhas do “Rua e Crua”. Como sintetiza Silva (2018, p. 191), é perceptível que as resistências do povo de rua estão articuladas com os enunciados das leis, mas também há uma composição de alianças com aqueles que na rua transitam. É notória a busca das pessoas em situação de rua da Região Metropolitana de Belém por um olhar menos hostil da sociedade e mais proativo dos governos. Por meio do jornal, há uma tentativa de levar ao conhecimento da sociedade o cotidiano violento e humilhante no qual estão imersas. Para muito além da expectativa de conseguir uma ajuda com alimentos e doações, há uma luta do povo de rua pela redução de desigualdades, bem como uma reivindicação pelo acesso a direitos e a oportunidades, o que passa pelo melhor aparelhamento dos serviços de assistência social, mas também pela mobilização da sociedade civil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA ESTADO. **Satoshi Nakamoto nega ter sido o criador da bitcoin**. Curitiba: PR: Site Gazeta do Povo, 2014. Disponível em:

<<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/satoshi-nakamoto-nega-ter-sido-o-criador-da-bitcoin-1pcdir9ghxnnwuo3mexvf2/>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

ANDRADE, Gabriel Nobre de. **Interseções entre arte, saúde e cultura: O instrumento Consultório Peripatético do NARIS como proposta para comunicação em saúde através do teatro**. 2014. 132 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

ANDRIGHETTI, Marcelo. **Boca de Rua: Vozes de uma Gente Invisível**. Rio Grande do Sul: Programa Rumos Itaú Cultural, 2013. (10 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5TtoMSiRn0w>>. Acesso em 11 jan. 2020.

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. **Jesus não tem dentes no país dos banguelas**. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

ARENARI, Brand; DUTRA, Roberto. A religião e sua vocação na recuperação de usuários do crack: “os longos futuros”. In: SOUZA, Jessé (org.). **Crack e exclusão social**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

A VERDADE RUA E CRUA. Belém: [s. n.], vol. 1, ano 1, 2015. 4 p.

A VERDADE RUA E CRUA. Belém: [s. n.], vol. 2, ano 2, 2016. 4 p.

A VERDADE RUA E CRUA. Belém: [s. n.], vol. 3, ano 3, 2017, 4 p.

A VERDADE RUA E CRUA. São Paulo: Paulus, vol. 4, ano 4, 2018a. 16 p.

A VERDADE RUA E CRUA. Belém: [s. n.], vol. 5, ano 4, 2018b. 4 p.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.

BARROS, Manoel. **Escritos em verbal de aves**. São Paulo: Leya, 2011.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas - as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta, 2010a.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010b. Disponível em: https://www.academia.edu/11319215/Poesia_Completa_Manoel_de_Barros. Acesso em: 26 fev. 2020.

BECKER, Howard S. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOCA DE RUA. **Sobre nós**. Rio Grande do Sul: Blog do Boca de Rua, [2015]. Disponível em: < <https://jornalbocaderua.wordpress.com>>. Acesso em 17 set. 2017.

BOLLE, W. **Fisiognomia da metrópole moderna: Representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da USP, 1994.

BRAGA, José. Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Revista Verso & Reverso**. São Leopoldo, v.25, n.58, p. 62-77, 2011.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Unidades de atendimento**. Brasília, DF: 2019. Disponível em: < <http://www.desenvolvimentosocial.gov.br/Portal/servicos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Dados do Sistema Único de Segurança Pública e o Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública, Prisionais, de Rastreabilidade de Armas e Munições, de Material Genético, de Digitais e de Drogas (Sinesp)**. Brasília, DF: Site do Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2018. Disponível em: < <https://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/sinesp-1/bi/dados-seguranca-publica>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Unidade de Acolhimento (UA)** instituída pela Portaria nº 121, de 25 de janeiro de 2012. Brasília, DF: 2012. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/artigos/854-unidades-de-acolhimento-ua/41056-unidades-de-acolhimento-ua>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF: 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRAUMAN, Rony. La pitié dangereuse. In: BRAUMAN, R.; BACKMANN, R. **Les medias et l'humanitaire: Éthique de l'information ou charité-spectacle**. Paris: CFPJ Editions, 1996.

BRAUMAN, R.; BACKMANN, R. **Les medias et l'humanitaire: Éthique de l'information ou charité-spectacle**. Paris: CFPJ Editions, 1996.

CAMPONEZ, Carlos. Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In: CORREIA, João Carlos Correia (Org.). **Ágora Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades**. Portugal, Covilhã: Livros LabCom, 2012. Disponível em: < <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/book/91>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CARNEIRO, Leiliane; RÊGO, Marlize. O crack na perspectiva da religiosidade e da redução de danos. In: SOUZA, Jessé (org.). **Crack e exclusão social**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

CASTRO, Fábio Fonseca de.; CASTRO, Marina Ramos Neves de. Mídia, cultura e sociedade em Belém: Iniciando uma fenomenologia do Cinema Olympia. In: **Comunicação e Cultura na Amazônia**. Série Comunicação, Cultura e Amazônia. Belém: PPGCOM/UFPA, 2017

CASTRO, Fábio Fonseca de. **As “interações sociais” como objeto de pesquisa da comunicação: percursos teóricos e modelos metodológicos**. Texto produzido para reunião do Grupo de Pesquisa Interações, Tecnologia e Amazônia. Belém: UFPA, 29 abr. 2015.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A identidade denegada**. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. Revista de Antropologia da USP, 2013.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A sociologia fenomenológica de Alfred Schütz**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, vol. 48, n. 1, p. 52-60, jan./abr 2012.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar: O Rio moderno dos anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da violência: retrato dos municípios**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), jul. 2019. Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190802_atlas_da_violencia_2019_municipios.pdf>. Acesso em 18 jan. 2020.

CONSEJO Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal A.C. **Las 50 ciudades más violentas del mundo 2018**. México: Seguridad Justicia y Paz, 12 mar. 2019. Disponível em: <<http://seguridadjusticiaypaz.org.mx/files/estudio.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

CORTIZO, Roberta Mélega. **População em situação de rua no Brasil: o que os dados revelam?** Brasília, DF: Ministério de Cidadania, 2019. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/ferramentas/docs/Monitoramento_SAGI_Populacao_situacao_ rua.pdf>. Acesso em 16 ago. 2019.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução impressa: A imprensa na França (1775-1800)**. São Paulo: Edusp, 1996.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ECOVIDA, Instituto. **Quem somos**. Macapá, AP: Site do Instituto Ecovida, 2004. Disponível em: < <http://institutoecovida.blogspot.com/p/quem-somos.html>>. Acesso

em: 12 jan. 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne (2009). Être affecté, in: **Désorceler**, Paris, Éditions de l'Olivier, p. 145-161.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o mini dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIGUEIREDO, Antônio Macena de; SOUZA, Soraia Riva Goudinho de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses**: da redação científica à apresentação do texto final. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. 145 f. Dissertação de Mestrado em Direito - Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5117>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANÇA, Vera. O objeto da pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de.; LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

GARCIA, Mariana. O uso problemático de crack e a classe média. In: SOUZA, Jessé (org.). **Crack e exclusão social**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

GODELIER, Maurice. *The Enigma of the Gift*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

GODOY, Marcelo. **Em 25 anos, uso das Forças Armadas no Rio tem guinada**. [S.l.]: Site Exame: 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/em-25-anos-a-guinada-no-uso-das-forcas-armadas-no-rio/>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JUPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Disponível em: <<http://www.sergiofreire.pro.br/ad/LacanEstadEsp.PDF>>. Acesso em 25 fev. 2020.

LACAN, Jacques. **Écrits**, Paris: Seuil, 1966, pp. 93-100: Disponível em: <https://monoskop.org/images/d/da/Lacan_Jacques_Ecrits_1966.pdf> . Acesso em: 25 fev. 2020.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LANNOY, Carlos de. **Mulher de músico morto em ação do Exército com mais de 80 tiros teme impunidade**. Rio de Janeiro: Site G1, 20 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/20/mulher-do-musico-morto-em-acao-do-exercito-com-mais-de-80-tiros-teme-a-impunidade-da-justica.ghtml?fbclid=IwAR2xMJ7Fx_Dyye6x53TfSkIM5oV5SRdMceKnO2HXvprW7qM318mpwN76R34>. Acesso em: 12 jan. 2020.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

LÉVINAS, E. **Da existência ao existente**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, E. **A utrement qu'etre au au-dela de l' essence**. Paris: Martinus Nijhott/La Haye, 1974. Disponível em: <https://monoskop.org/images/8/89/Levinas_Emanuel_Autrement_qu_etre_ou_au_dela_de_l_essence_1974.pdf>. Acesso em 25 fev. 2020.

LIMA, Vitor Nina de. **Outras Nises**: mulheres em clínicas, artes e pedagogias de insurreição às políticas da morte em Belém entre 2014 e 2018. 2018. 42f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Sociedade na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

LIMA, Vitor Nina de. **Uma Garrafada de Arte e Ciência**: O Núcleo de Artes como Instrumento de Saúde, a Trupe da Procura e suas experiências na interface entre cultura e saúde em Belém do Pará. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

LIPOVESTSKI, Gilles. Humanitarisme et show-biz. In: BRAUMAN, R.; BACKMANN, R. **Les medias et l'humanitaire**: Éthique de l'information ou charité-spectacle. Paris: CFPJ Editions, 1996.

LISBOA, Rose Suellen (org.). **Guia [de] elaboração de trabalhos acadêmicos**. Belém : Universidade Federal do Pará, Biblioteca Central, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANZANO, Teresa Martínez; DELCÁN, Carmen Calvo (introduções, traduções e notas). **Fisiognomía**, de Pseudo Aristóteles. **Fisiólogo**, Anónimo. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

MATOS, Lucília da Silva *et al.* **Brinquedos de saúde**: experiências de educação e cuidado na produção de vida. Belém, PA: Paka-Tatu, 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A potência da alteridade nas mídias digitais: uma perspectiva de identidade e diferença. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, v. 10, n.2, ago. 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: Projetos,

ideias, práticas. Não paginado. Petrópolis: Vozes, 2018. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?isbn=8532659675>>. Acesso em: 08. fev. 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENEZES, J. E. O. Comunicação, espaço e tempo: Vilém Flusser e os processos de vinculação. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 15, p. 165-182, mar. 2009.

MÍDIA NINJA. **Belém completa 402 anos em protesto contra higienização**. [S. l.]: Site Mídia Ninja, 2018. Disponível em: < https://midianinja.org/news/belem-completa-402-anos-em-protesto-contrahigienizacao/?fbclid=IwAR01_6C3cfOrO9NL49kklyChq7WNq86DUlghGpDXp4ur17kdrCg2ZLgGmg>. Acesso em: 16 jan. 2020.

MIRANDA, Maria Luiza Mota. **A clínica das toxicomanias no paradigma da ilegalidade**: como a ilicitude influencia na prática. In: NERY FILHO, Antonio *et al* (org.). *As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais*. Salvador: EDUFBA, 2012.

NEEDELL, J. D. (1993). **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras

NERY FILHO, Antonio *et al* (org.). **As drogas na contemporaneidade**: perspectivas clínicas e culturais. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2012.

NERY FILHO Antonio. **Por que os humanos usam drogas?** In NERY FILHO, Antonio *et al* (org.). *As drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais*. Salvador: EDUFBA, 2012.

O'NEILL, Kate. **Facebook's '10 Year Challenge' Is Just a Harmless Meme—Right?**. Nova York: Site Wired, 2019. Disponível em: <<https://www.wired.com/story/facebook-10-year-meme-challenge/>>. Acesso em: 12 jan 2020.

ONU BRASIL. **FAO**: fome aumenta no mundo e afeta 821 milhões de pessoas. [S.l.]: site da ONU Brasil, 2018. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/fao-fome-aumenta-no-mundo-e-afeta-821-milhoes-de-pessoas/> >. Acesso em: 12 jan 2020.

PAIVA, Raquel. A comunicação como projeto social. Disponível em: http://leccufrj.files.wordpress.com/2011/02/paiva_comunicacao-como-projeto-social.pdf. Acesso em 25 jan. 2020.

PASSOS, Bruno Ferreira. **O método perypatetico**: Análise do aprendizado na relação médico-paciente na perspectiva do egresso/estudante de medicina participante do Núcleo de Artes e Imanências em Saúde – NARIS. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

PAULUS, Pia Sociedade de São Paulo. **Assistência Social Paulus**. São Paulo: Site da Pia Sociedade de São Paulo (PAULUS), [?]. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/assistencia-social/apresentacao/>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

POE, Edgar Allan. **O homem da multidão**. 1840. Disponível em: <<https://www.livros-digitais.com/edgar-allan-poe/o-homem-da-multidao/1>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

PENTEADO, Antonio da Rocha. **Belém do Pará**: estudo de geografia urbana. Belém: UFPA, 1968.

PFEUFFER, Silvio. Die Entgrenzung der Verantwortung: Nietzsche, Dostojewskij, Levinas. Berlin: De Gruyter, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=RqIMH9cNY_MC&pg=PA223&lpg=PA223&dq=Mais+voici,+%C3%A0+travers+le+visage+d%27un+autre+%C3%A0+travers+leur+mortalit%C3%A9+l%C3%A9vins&source=bl&ots=XRWTn75y_H&sig=ACfU3U2gmf3GWLlQTOsNppiF41kaQwmU_g&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwie_YaX68_nAhV6DrkGHYQoC8gQ6AEwAAnoECAoQAQ#v=onepage&q=Mais%20voici%2C%20%C3%A0%20travers%20le%20visage%20d'un%20autre%20-%20%C3%A0%20travers%20leur%20mortalit%C3%A9%20l%C3%A9vins&f=false>. Acesso em 13 fev. 2020.

PPGCom/UFPA Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA). **Sobre o Programa**. Belém: Site do PPGCom/UFPA, [2010?]. Disponível em: <<https://www.ppgcomufpa.com/sobre-o-programa>>. Acesso em: 05. fev. 2019.

PPGCom/UFPA Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA). **Linhas de pesquisa**. Belém: Site do PPGCom/UFPA, 2016. Disponível em: <<https://www.ppgcomufpa.com/linhas-de-pesquisa>>. Acesso em: 05. fev. 2019

REZENDE, Antônio Martinez de.; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do latim essencial**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RIBEIRO, Matheus. **Charge sem título**. Perfil @o.ribs: Instagram, 2019 a. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bs50xuBAXSu/>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

RIBEIRO, Matheus. **Charge sem título**. Perfil @o.ribs: Instagram, 2019 b. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bt6ZivJgegi/>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

RIBEIRO, Matheus. **Charge sem título**. Perfil @o.ribs: Instagram, 2019 c. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BwBWBbdgILV/>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

RIBEIRO, Matheus_. **Charge sem título**. Perfil @o.ribs: Instagram, 2019 d. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BwCbdWdArFy/>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROUSSEAU, Jacques. **Les rêveries du promeneur solitaire**. [S. l.]: Association de Bibliophiles Universels (ABU), 1999. E-book Kindle (225 p.) ASIN: B005R3WI28. Disponível em: <https://fr.groups.yahoo.com/neo/groups/ebooksgratuits>. Acesso em: 11 set. 2019.

R7 Portal R7. **Rio tem aumento de 62% nos tiroteios após intervenção federal**. Rio de Janeiro: Portal R7, 2018. Disponível em: < <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rio-tem-aumento-de-62-nos-tiroteios-apos-intervencao-federal-15092018>>. Acesso em: 12 jan. 2020

SABINO, Fernando. **O grande mentecapto**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SCHÜTZ, Alfred. **Senso-Comum e a Interpretação Científica da Ação Humana** (trad. Christina W. Andrews). Publicado originalmente: Common-sense and scientific interpretation of human action. *Philosophy and Phenomenological Research*, v.XIV, n.1, p.1-30, 1953.

SCHÜTZ, Alfred. O mundo das relações sociais. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schulz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

SCHÜTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVISA/FUNPAPA, Setor de Vigilância Socioassistencial. **Uma breve análise das pessoas em situação de rua no município de Belém nos anos 2015-2016**. Belém, 2018.

SILVA, Daiane Gasparetto. **Cartografias político-afetivas no presente**: práticas de resistência do povo em situação de rua em Belém. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SILVA, Daiane Gasparetto. **Corpos em situação de rua em Belém do Pará**: os testemunhos da desfiliação social. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SOUZA, Caroline Maciel Cavalcante de. **Pessoas em situação de rua**: Sentidos sobre viver as veredas. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SOUZA, Jessé (org.). **Crack e exclusão social**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.

STOFFELS, Marie Ghislaine. 1977. Os mendigos na cidade de São Paulo: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p.51-61.

TAKETA, Brenda Vicente. **O novelo de Dalcídio**: Mundo ribeirinho e subalternidades amazônicas no romance Belém do Grão-Pará. 2019. 221f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental/Desenvolvimento regional e agrário). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VALA, Jorge. A análise de conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos; Pinto, José Madureira (org). **Metodologia da Ciências Sociais**. Lisboa: Afrontamento, 1986.

VARGAS, Mateus; BEHNKE, Emilly. **‘Outras acusações virão’ diz Bolsonaro sobre o caso Marielle**. São Paulo: Site do Estadão. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,outras-acusacoes-virao-armacoes-voces-sabem-de-quem-diz-bolsonaro-sobre-caso-marielle,70003124674>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

VASCONCELOS, Charles Roosevelt Almeida. O Trabalho de Sísifo: A extensão popular na prática de redução de danos com pessoas em situação de rua. In: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro *et al.* **Vivências de extensão em educação popular no Brasil**, v.3: Extensão e Educação Popular na reorientação de práticas, políticas e serviços de saúde. João Pessoa: Ccta, 2018. p. 241-262. (Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS).

VIRAMUNDO, Associação. **O Viramundo**. Belém, PA: Site da Associação Viramundo, 2016. Disponível em: < <https://antiresidencia.wixsite.com/viramundo/sobre-nos>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

WALKER, Alice. **Hard times require furious dancing**. California: New World Library, 2010.

Entrevistas

C., P. Entrevista semiestruturada I. [11 jun. 2019]. Entrevistadora: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. 1 arquivo .mp3 (16 min.e 51 seg).

M., R. Entrevista semiestruturada 2. [26 jun. 2019]. Entrevistadora: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. 1 arquivo .mp3 (38 min. e 44 seg.).

S., W. Entrevista semiestruturada 3. [26 jun. 2019]. Entrevistadora: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min. e 30 seg.).

C., E. Entrevista semiestruturada 4. [9 ago. 2019]. Entrevistadora: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. 1 arquivo .mp3 (16 min. e 33 seg.).

M., H. Entrevista semiestruturada 4. [9 ago. 2019]. Entrevistadora: Bianca Conde Leão. Belém, 2019. 1 arquivo .mp3 (22 min. e 01 seg.).

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada até o momento de “A TIPOLOGIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SCHÜTZ E A ÉTICA DA ALTERIDADE: A EXPERIÊNCIA URBANA DO JORNAL ‘A VERDADE RUA E CRUA’”. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é a expectativa de que ela aponte caminhos para a promoção de uma sociedade mais justa por meio das questões apresentadas pelas pessoas que estão ou estiveram em situação de rua e que colaboraram para a existência do jornal “A verdade rua e crua”. Nesta pesquisa, pretendemos interpretar as relações de vínculos sociais que se manifestam a partir da elaboração e divulgação do jornal “A verdade rua e crua”.

Caso você concorde em participar, vamos fazer a seguinte atividade com você: entrevista gravada com um gravador. O conteúdo da entrevista servirá como base para a escrita do texto da pesquisa e poderá ser utilizado em todo território nacional e no exterior, principalmente das seguintes formas: (I) dissertação de mestrado; (II) artigos científicos; (III) divulgação em geral. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: a sua identificação como pessoa que gerou o conteúdo da entrevista (por futuros empregadores, desafetos, integrantes do sistema de justiça, funcionários do Sistema Único de Assistência Social e outros); a utilização de trechos ou da totalidade da entrevista de forma indevida por pessoas não autorizadas ou por veículos de comunicação, já que o conteúdo da pesquisa será publicado; o reforço de um visão negativa sobre as pessoas em situação de rua, que seria contrário ao objetivo a que esta pesquisa se propõe. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, utilizaremos o seu depoimento de forma anônima e serão observados o rigor científico e o compromisso ético para as interpretações das entrevistas. A pesquisa pode ajudar a sociedade pois espera-se que por meio dela seja possível fazer uma interpretação crítica sobre a experiência da população de rua de fazer um jornal e partir do olhar destas pessoas para levantar reflexões sobre como construir uma sociedade mais igualitária e cidadã.

Para participar deste estudo, você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização.

Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belém, ____ de _____ de 20__

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: Bianca Conde Leão.
Campus Universitário da UFPA
Instituto: Instituto de Letras e Comunicação
CEP: 66075-110
Fone: (91) 3201-7972
E-mail: poscomunicacaoufpa@gmail.com